



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
FACULDADE DE GEOGRAFIA E CARTOGRAFIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**JOÃO PAULO SIQUEIRA DOS SANTOS**

Segundo domingo de setembro / 92

**A GESTÃO DO ESPAÇO TURÍSTICO NO CÍRIO DE NAZARÉ DO MUNICÍPIO DE  
VIGIA-PA.**

**VIGIA:  
ONDE COMEÇOU A FÉ**  
BELÉM-PA  
JANEIRO-2013

**JOÃO PAULO SIQUEIRA DOS SANTOS**

Imagem da capa: foto do cartaz do Círio de Vigia do ano de 1992 fazendo alusão ao início da devoção nazarena neste município.

**A GESTÃO DO ESPAÇO TURÍSTICO NO CÍRIO DE NAZARÉ DO MUNICÍPIO DE  
VIGIA-PA.**

**BELÉM-PA  
JANEIRO/2013**

**JOÃO PAULO SIQUEIRA DOS SANTOS**

**A GESTÃO DO ESPAÇO TURÍSTICO NO CÍRIO DE NAZARÉ DO MUNICÍPIO DE  
VIGIA-PA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará (PPGEO/ IFCH/UFPA), como requisito à obtenção do título de Mestre em Geografia, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Goretti da Costa Tavares

**BELÉM-PA  
JANEIRO/2013**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFPA

---

Santos, João Paulo, 1979 -  
A gestão do espaço turístico do Círio de  
Nazaré no município de Vigia-PA / João Paulo  
Santos. - 2013.

Orientador: Maria Goretti da Costa Tavares.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal  
do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências  
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia,  
Belém, 2013.

1. Turismo Vigia (PA). 2. Festas religiosas  
Vigia (PA). 3. Círio de Nazaré. 4. Cultura. I.  
Título.

CDD 22. ed. 338.47918115

---

**JOÃO PAULO SIQUEIRA DOS SANTOS**

**A GESTÃO DO ESPAÇO TURÍSTICO NO CÍRIO DE NAZARÉ DO MUNICÍPIO DE  
VIGIA-PA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Pará, como requisito à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de Concentração: Organização e Gestão do Território.

Subárea: Gestão Urbana e Regional.

DATA DA DEFESA: 24/02/2013

Banca Avaliadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Goretti da Costa Tavares  
(Orientadora/Presidente da Banca – PPGEO/UFGO)

---

Prof.<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup> Janete Marília Gentil Coimbra de Oliveira  
(Examinadora Interna – PPGEO/UFGO)

---

Prof. Dr. Raymundo Heraldo Maués  
(Examinador Externo – PPGCS)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Geralda de Almeida  
(Examinadora Externa – UFGO)

A João Pedro e João Marcos, um com oito e o outro com apenas três anos de idade; meus dois filhos. Mesmo na minha ausência em função do mestrado vocês foram o oxigênio que me fez seguir em frente.

## AGRADECIMENTOS

O trabalho de pesquisa, embora na aparência, demonstre ser um exercício solitário de um pesquisador, na essência nunca o é; mas um encontro da contribuição de inúmeras pessoas que de alguma forma entraram em sintonia com o autor do trabalho. Agora é hora de citar e descrever as pessoas que foram de fundamental importância dentro do processo de construção desta pesquisa. Em lugares diferentes e exercendo funções diferenciadas, entretanto cada um com seu “lugar” junto a quem escreve a obra. Tomo todo o cuidado de não esquecer ninguém.

Primeiramente ao criador e responsável pela existência da minha vida no cosmo, DEUS, como as religiões passaram a chama-lo. Para mim o próprio cosmo representa a energia que o movi propriamente. E para mim essa energia é DEUS. Dessa energia, nos fizemos vida, nos conscientizamos e nos separamos das outras criaturas pela evolução. Acredito em Deus ao meu modo e à minha maneira diferente do que muitas religiões passaram a criar sobre Ele.

À minha família convencional, meu pai Raimundo Nonato dos Santos, minha mãe, Maria Coely Siqueira dos Santos e meus dois irmãos, Liene Siqueira dos Santos e Luis Paulo Siqueira dos Santos. Obrigado pelo lar que construímos, mesmo na dor, na tristeza e nos momentos infelizes, sempre reacendemos a chama de um convívio sadio no meio dessa instituição chamada família que é o primeiro passo para a aquisição de valores imprescindíveis para o convívio dentro de uma sociedade contraditória e complexa.

A meu pai pela sua condução enquanto chefe da família, seus valores cristãos me ajudaram a ser o cidadão que sou hoje. Para a dissertação, assim como outros trabalhos de pesquisa anteriores, seu acervo de fotografo profissional em Vigia me deu a facilidade de ter ao meu alcance, de forma fácil, um rico material fotográfico, dentro de casa, que eu sempre precisei nas pesquisas.

À minha Mãe pelo “toque” materno que sempre tive e isso ainda me faz ficar preso a esse lar. Seu sentimento de vínculo com Vigia, ligado a cultura local, me levaram a ser músico um dia (com uma breve passagem pela Banda União Vigienense) e chegar a tocar no Círio e em outras festas de santo.

A minha Orientadora neste Curso de Mestrado, Maria Goretti da Costa Tavares. Ex-professora da graduação em Geografia, atualmente Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Geografia do Turismo (GGEOTUR) e, acima de tudo, amiga que me acolheu quando eu fazia a volta ao ambiente acadêmico, pois seu grupo me conduziu ao universo da pesquisa dentro da UFPA (Universidade Federal do Pará), participando das reuniões semanais e dos projetos de pesquisa e extensão que essa professora sempre conduziu com tamanha competência e responsabilidade dentro de um sub-campo da Geografia que é a *Geografia do Turismo*. Sou muito grato a você neste momento.

À Professora Janete Coimbra que além de fazer parte da banca do exame de qualificação do mestrado, agora também conduz o exame final da dissertação. Contribuiu antes com seus conhecimentos sobre a Geografia da Religião, área pouco estudada no PPGeo (Programa de Pós-Graduação em Geografia) da UFPA, mas sua orientação em pesquisa anterior lhe rendeu uma passagem por outros métodos e olhares geográficos que me ajudaram a refletir sobre qual o caminho que eu deveria trilhar a respeito do espaço do Círio.

Ao professor Heraldo Maués, que tive o prazer de conhecê-lo e tê-lo na qualificação e agora na banca examinadora do mestrado, uma vez que seu contato com Vigia sempre se deu em função de suas pesquisas antropológicas nesse município, inclusive sobre o Círio de Nazaré. Suas contribuições na qualificação deram novos rumos a partir de seu olhar antropológico.

À professora Maria Geralda Almeida da UFGO que não mediu esforços para estar presente na defesa desta dissertação e contribuir a partir de sua produção relacionada à Geografia do turismo e das manifestações culturais Brasil a fora.

Ao professor Márcio Douglas do Amaral, meu contemporâneo da turma de graduação em Geografia de 1998 da UFPA, hoje efetivo da Faculdade de Geografia e Cartografia da mesma Universidade. Pelas conversas informais na sala que divide com a minha Orientadora e que me fizeram crescer no debate acadêmico nesse segundo momento da minha formação.

A todos os membros do Grupo de Pesquisa em Geografia do Turismo (GGEOTUR). Aos que se desligaram por algum motivo particular, e aos novos que entraram em 2012; bolsistas dos Projetos de Pesquisa e de extensão, tanto da graduação como do Ensino médio. Principalmente àqueles que estiveram presentes

dentro e fora do ambiente acadêmico, discutindo o conhecimento, mas, sobretudo se descontraindo nos vários encontros pelos lugares a fora: Cleber Castro, Felipe Giordano, Bruno Angelin, Nabila Pereira, Márcio Sousa, Vanessa Amaral, Alessandra Lobato, Casluym Farias e Deiliany Souza. Meu convívio com vocês foi de suma importância durante esse trajeto. Em especial à Débora Serra pelas discussões sobre a temática do Círio por estudar o mesmo evento da mesma padroeira em Belém-PA e a seu companheiro, Ronaldo Farias que esteve presente em trabalho de campo em Vigia, ambos, contribuindo na aplicação de questionário, junto com Cleber Castro, Felipe Giordano e Vanessa Amaral. Ao Prof. Hugo Serra, também do GGEOTUR, mesmo em Marabá-PA contribuiu com uma releitura deste trabalho para o exame de qualificação e sua contribuição foi valiosa nesse sentido.

Aos colegas da turma de 2011 do PPGEO (Programa de Pós-Graduação em Geografia), pelos momentos de discussão dos temas das disciplinas do curso e pelos momentos de descontração ligados a sociabilidade que criamos fora da Universidade:, Danusa Rocha, Tamires Lisboa, Miriã Mendes, Mariana Cruz, Tabila Leite, Samella Patrícia, Socorro Picanço, Guilherme Junior, Luzivan dos Santos, Izabela Castro, Gleyce Kelly, Enivaldo Monteiro e Michel Lima. Em especial a Eduardo Castro (Bananada), Jucilene belo, Ivan Viana, Alan Quadros e Himerson de Oliveira (membros do Ogro-móvel e do geolitrão).

Aos que contribuíram com os elementos estruturais deste trabalho como o professor da UEPA (Universidade do Estado do Pará), Walber Torres pela sua rica contribuição cartográfica que me auxiliou e conduziu a criação das imagens de localização presentes neste trabalho; à Laís Nogueira bolsista do LAIG (Laboratório de Análises Geográficas) da UFPA e a Monique Serra pela tradução do resumo por solicitação de sua irmã, Débora Serra, mesmo estando no Estado do Maranhão a rede social funcional.

Aos vigienses: José Ildone Soeiro, professor, poeta e pesquisador; pelas conversas sobre o Círio de Vigia na sua biblioteca e nas esquinas da cidade; a Raimundo Alves (Dico) pela sua grande experiência de quatorze anos a frente da Diretoria do Círio de Vigia. Aos Promotores de Festas dançantes, Edson Ferreira e Luis Gustavo, pelas entrevistas ligadas ao lado profano do Círio. Aos historiadores Igo Soeiro e Paulo Cordeiro pelo material bibliográfico indicado sobre o Círio. E a todos que contribuíram de forma indireta com este trabalho.

*Nenhuma festa de santo, na região do Salgado, excede a importância do Círio e da festa de Nossa Senhora de Nazaré, em Vigia. Pela antiguidade da devoção, pelo imponente templo barroco que domina o arraial, pelo afluxo inusitado de romeiros (...), a festa de Nazaré, em Vigia, é motivo de atração que só fica a dever à festa da mesma santa em Belém.*

Heraldo Maués

## RESUMO

O turismo enquanto atividade social, econômica e cultural, possui a enorme capacidade de produzir e reproduzir o espaço geográfico, necessitando, então, de uma organização, ou melhor dizendo, de uma “gestão” desse espaço turístico sob a tutela de quem possui interesses sobre o mesmo. Os agentes produtores do espaço turístico compreendidos pelo Estado, a iniciativa privada e a sociedade local (FRATUCCI, 2009) criam espacialidades e contribuem para a dinâmica do espaço turístico que para Cruz (2006) é o objeto de consumo do turismo se referindo ao próprio espaço, objeto de interesse da Geografia enquanto ciência. Um dos objetivos deste trabalho é discutir como o Círio de Nossa Senhora de Nazaré se constitui como um constructo socioespacial, um recurso turístico (religioso, cultural etc.) que produz e reproduz espaços distintos e necessita de uma gestão, nesse sentido, exercida por agentes distintos. O cerne do objeto de pesquisa em questão será entender essa dinâmica dentro da gestão do espaço turístico que o Círio de Nazaré no município de Vigia proporciona para acontecer todos os anos no segundo domingo de setembro, bem como a produção de territorialidades pelos sujeitos envolvidos nessa trama social. Entender e analisar essa dinâmica nos proporcionará uma outra visão para que futuras políticas públicas de turismo possam vir a acontecer tendo uma compreensão mais holística sobre esse evento e sua gestão que serão estudados aqui.

**Palavras - chave:** Círio de Nazaré; produção do espaço ; turismo religioso; gestão; Vigia-PA

## ABSTRACT

Tourism as social, economic and cultural activity, has a huge capacity to produce and reproduce the geographical space, requiring, then, an organization, or rather, a "management" of the tourism space with a those who have concerns about the same. Producers of touristic space, understood by the state, private initiative and local society (FRATUCCI, 2009) create spaces and contribute to the dynamics of the touristic space for which Cruz (2006) is the object of consumption of tourism referring to this space, point of Geographical interest as a science. One goal of this work is to discuss how the Cirio de Nossa Senhora de Nazare is constituted as a construct socio-space, a tourism resource (religious, cultural etc.) that produces and reproduces different space and requires a management, accordingly, carried out by different actors. The focal point for the object of the research in understanding this dynamic inside the space tourism management that the Cirio de Nazare in Vigia offers to happen every year on the second Sunday of September, as well as the territoriality production by the subjects involved in this plot social. Understand and analyze this dynamic give us another vision to the future public policies for tourism might happen with a more holistic knowledge about this event and management that is studied here.

**Keywords:** Cirio de Nazare; Production of space; Religious tourism; Management; Vigia – PA.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### LISTA DE FOTOS

Foto 01 -	Procissão principal do Círio em Vigia.....	35
Foto 02 -	Largo da Igreja Matriz em Vigia com o Parque de Diversões.....	62
Foto 03 e 04	Arcos do Círio.....	66
Foto 05	Trapiche Municipal do município de Vigia.....	70
Foto 06 e 07	Procissão Fluvial do Círio de N. Senhora de Nazaré em Vigia-PA.....	71
Foto 08	Barraca da Festividade – Antes e atualmente.....	92
Foto 09	Palco armado ao lado da Igreja Matriz de Vigia.....	93
Foto 10 -	Painel com divulgação de Festa dançante no Círio de Vigia-PA.....	98

### LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Localização do município de Vigia-.....	31
Figura 2 -	Largo da Matriz- O arraial de Nazaré.....	55
Figura 03 -	O Itinerário do Círio de Nazaré em Vigia-PA.....	56
Figura 04 -	Espacialidade das festas dançantes.....	59
Figura 05 -	O Território Sagrado; Espaço de proibição de venda e consumo de bebidas lcoólicas.....	64

### LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFPA -	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
TCC -	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
GGEOTUR -	GRUPO DE PESQUISA DE GEOGRAFIA DO TURISMO
PARATUR -	COMPANHIA PARAENSE DE TURISMO
IPHAN –	INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

SECULT - ,	SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO DO PARÁ
PIB –	PRODUTO INTERNO BRUTO
PMV -	PREFEITURA MUNICIPAL DE VIGIA
OMT –	ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO
RMB -	REGIÃO METROPOLINA DE BELÉM
PRODETUR –	PROGRAMA NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DO ECOTURISMO
PDT -	PLANO DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO DO ESTADO DO PARÁ
MPB -	MÚSICA POPULAR BRASILEIRA
SETUR -	SECRETARIA DE TURISMO DO ESTADO DO PARÁ

## SUMÁRIO

### AGRADECIMENTOS

### LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### RESUMO

### ABSTRACT

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2 CÍRIO DE NAZARÉ : PRODUÇÃO E APROPRIAÇÃO DE ESPAÇOS PARA O TURISMO.....</b>	<b>24</b>
2.1 - GEOGRAFIA DA RELIGIÃO: A RELIGIÃO E SUA DIMENSÃO GEOGRÁFICA.....	25
2.2 - O CÍRIO DE NAZARÉ COMO UM CONSTRUCTO SOCIOESPACIAL.....	29
2.3 - O CÍRIO DE NAZARÉ EM VIGIA COMO PRODUTOR E DINAMIZADOR DO ESPAÇO GEOGRÁFICO PELO VIÉS.....	38
<b>3 O CIRIO DE NAZARÉ EM VIGIA COMO RECURSO TURÍSTICO NA ATUALIDADE: ENTRE O SAGRADO E O PROFANO.....</b>	<b>42</b>
3.1 - O CÍRIO COMO RECURSO TURÍSTICO A PARTIR DA CONCEPÇÃO DE TURISMO RELIGIOSO.....	44
3.2 - AS DIMENSÕES SOCIOESPACIAIS DO ESPAÇO SAGRADO E PROFANO DO CÍRIO DE NAZARÉ.....	52
3.3 - O TERRITÓRIO NO CÍRIO: COMPLEMENTARIEDADE E DUALIDADE DENTRO DO ESPAÇO TURÍSTICO.....	60

<b>4</b>	<b>SOBRE A GESTÃO DO ESPAÇO TURÍSTICO: O “FAZER” PARA O “ACONTECER” DO CÍRIO DE NAZARÉ EM VIGIA.....</b>	<b>78</b>
4.1	- AS POLÍTICAS PÚBLICAS VOLTADAS PARA O CÍRIO ENQUANTO RECURSO CULTURAL E TURÍSTICO NO ESTADO DO PARA.....	80
4.2	- OS AGENTES DA GESTÃO: A IGREJA, O ESTADO E A SOCIEDADE CIVIL ORGANIZADA.....	88
4.3	- CONVERGÊNCIA E DIVERGÊNCIA NA GESTÃO DO ESPAÇO TURÍSTICO DO CÍRIO DE NAZARÉ.....	100
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
	REFERÊNCIAS .....	111
	ANEXOS.....	117
	APÊNDICE.....	120

# 1. INTRODUÇÃO

O Círio de Nossa Senhora de Nazaré no Estado do Pará, atualmente, vem sendo estabelecido como uma das grandes manifestações socioculturais aglutinadora de pessoas, capitais e mercadorias, de vários lugares, Brasil afora. Nas três últimas décadas do século XX esse evento se transformou em um recurso turístico importante, passando a ter não só uma dimensão sagrada (atribuída a sua função gerida pela Igreja católica), mas também profana (não religiosa) apreendida por outros agentes, entre eles o Estado e os agentes do mercado. Como recurso ou atrativo turístico o Círio de Nazaré no Pará será apreendido como tal pelas ações desses agentes que envolve, também, a própria sociedade

Muitos trabalhos de pesquisa foram realizados para entender a dinâmica sociocultural que o Círio de Nazaré no Estado do Pará passou a ter nessas últimas décadas do século XX, trabalhos estes com um cunho mais sociológico e antropológico e que pouco interagiram com o espaço ou onde o mesmo seria secundário enquanto objeto de estudo central, mas que possuem uma valiosa importância para uma compreensão dos agentes e da dinâmica social que essa manifestação proporciona ao longo dos tempos como vamos dar ênfase mais adiante.

A geografia como ciência do espaço se faz presente aqui para tentar compreender essa manifestação religiosa, e ao mesmo tempo, profana, com a sua produção espacial inserida no contexto de um turismo não só “religioso”, mas com vertentes diversas, que para acontecer no tempo e no espaço é necessário uma base material construída pela sociedade ao longo dos anos: uma infraestrutura (com fixos) que venha dar sustentação para o “acontecer” do Círio, analisado aqui, como um recurso cultural e turístico do Estado do Pará

O nosso interesse pelo tema envolvendo a “Geografia do Turismo” acontece desde a época da graduação em Geografia da UFPA (Universidade Federal do Pará) no final de 1990 e início dos anos 2000 (1998-2003) quando terminei o TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) a respeito das *Políticas Públicas de turismo e gestão do território no município de Vigia-PA*.

Nesse primeiro trabalho de pesquisa, o Círio de Nazaré aparece como um recurso turístico desse município, e que pouco passou a entrar como prioridade nas políticas públicas de turismo do Estado do Pará. Nesse sentido, estudar, agora, o Círio de Nazaré no município de Vigia, de forma aprofundada, numa pós-graduação

em nível de mestrado surge com o contato com o Grupo de Pesquisa de Geografia do Turismo (GGEOTUR) em 2009, coordenado pela Prof<sup>a</sup> Maria Goretti Tavares.

Apreender o Círio de Nazaré como um recurso turístico do Estado do Pará, que dinamiza os lugares de sua ocorrência, proporcionará outra visão para que futuras políticas públicas de turismo possam vir a acontecer, tendo uma compreensão mais holística sobre esse evento que será estudado aqui.

Uma das preocupações deste trabalho não será entender o Círio de Nazaré em sua historicidade e estrutura cultural, mas a dinâmica socioespacial centrada como um recurso turístico que produz e reproduz espaços distintos a partir da gestão de um espaço turístico que se materializa com o evento. Porém se-fez necessário transitar pela história para se compreender o Círio de Nazaré como algo que se construiu e ainda se está construindo ao longo do tempo.

O cerne do objeto de pesquisa em questão será entender essa dinâmica dentro da gestão do espaço turístico que o Círio de Nazaré no município de Vigia proporciona para acontecer todos os anos, no segundo domingo de setembro, bem como a produção de territorialidades pelos sujeitos envolvidos nessa dinâmica social.

O que chama a atenção do Círio de Nazaré em Vigia são os indícios de sua origem nesse município, localizado no Nordeste Paraense (microrregião do Salgado), pois possui em sua história socioespacial a influência da colonização portuguesa que trouxe consigo a fé católica, tanto com os colonos como, posteriormente, com as missões religiosas no século XVIII. Daí a grande devoção religiosa com as festas de santos que ocorrem o ano inteiro nesse município, tendo o Círio de Nossa Senhora de Nazaré como a festa religiosa de maior importância no calendário eclesiástico festivo de Vigia.

Minha origem nesse município fez com que eu vivenciasse de perto, até agora, essa dinâmica que vou procurar destacar, descrever e analisar aqui a partir de um olhar empírico, mas sistematizado com uma leitura da Geografia e com o auxílio de outras ciências. Pois desde a década de oitenta do século XX já se tem a presença marcante de uma multidão acompanhando o cortejo religioso, se fazendo presente no largo da Igreja Madre de Deus (Matriz), consumindo diversas mercadorias e se deleitando nas festas dançantes com ou sem aparelhagens sonoras espalhadas pela sede do município.

Venho acompanhando o Círio em Vigia por vários anos, dentro e fora da corda; pois dentro da corda estive por dois anos consecutivos na função de músico do Clube Musical União Vigiense (1997-1998), antes de iniciar minha graduação em Geografia na UFPA. Dentro da corda, sendo um dos elementos essenciais da estrutura da procissão, consegui perceber o quanto esse espaço se constitui como um território sagrado, onde está presente a Berlinda com a imagem da santa padroeira e as autoridades eclesiais e civis ligadas à Igreja Católica. A Banda de música que faz parte do cortejo religioso se apresenta como privilegiada quando a mesma vai dentro deste território. Pois são territórios que surgem dentro do próprio cortejo religioso e ao longo do mesmo (como evidenciaremos no decorrer deste trabalho).

Em outros momentos estive na condição de vigiense que foi morar em outro lugar, fora de Vigia, e estava de volta ao município no período do Círio, não mais para acompanhá-lo do início ao fim, mas para apreciá-lo em algum ponto do trajeto que fosse propício para isso. Nesses vários momentos havia um olhar empírico ligado a um senso comum desacompanhado da ciência que só irei relacionar a esse olhar a partir do curso de geografia, pois aí reforça o interesse em entender melhor o que ocorre no espaço do município de Vigia pela festividade do seu Círio de Nossa Senhora de Nazaré.

O grande desafio de um pesquisador da terra, do seu próprio espaço de vivência, é saber responder às questões que surgem num outro momento da sua vida profissional com o fenômeno socioespacial vivenciado, há muito tempo, por um olhar ingênuo. A neutralidade exigida pelo tribunal positivista para o conhecimento científico obter sua veracidade, aqui possui uma linha tênue no que separa o pesquisador do seu objeto de estudo. Entretanto, o esforço foi grande para que esse olhar empírico pudesse ter a seriedade acompanhada de um rigor científico.

Essa dinâmica envolvendo o espaço turístico do Círio em Vigia tem mudado ao longo do tempo ligada à gestão do próprio evento religioso e à sua dimensão não-religiosa, porém, continua com a mesma função: religiosa (sagrada) e profana (lazer, entretenimento e turismo).

Como já foi dito, este trabalho de pesquisa não se propõe em apenas caracterizar o Círio de Nazaré como uma manifestação religiosa/profana, mostrando os seus elementos alegóricos com suas respectivas funções, muito menos a sua

historicidade enquanto atividade cultural, mas sim, procurar compreender as transformações socioespaciais ligadas ao turismo, enquanto prática social, consegue provocar na configuração do município de Vigia a partir de uma gestão envolvendo vários agentes, e que nas últimas décadas do século XX passou a ser apreendida como um recurso cultural e turístico dentro das políticas públicas implementadas na Amazônia, principalmente no Estado do Pará. Será enfatizado como questão principal deste trabalho o fato de *como ocorre a gestão desse espaço turístico voltado para o Círio de Nazaré no município de Vigia? E quais os agentes envolvidos nessa gestão com suas respectivas atuações nesse espaço turístico?* Como questões secundárias se farão necessário responder *se essa gestão encontra-se articulada com as políticas públicas de turismo para o Estado do Pará? E Como os espaços, considerados, profanos e sagrados se reproduzem dentro dessa gestão do espaço turístico?*

Sabe-se que esses agentes possuem atuações e funções distintas de agir sobre o espaço envolvido pela festividade do Círio, pois essa realidade será destacada no corpo deste trabalho, e serão apresentados e identificados esses principais agentes que estão envolvidos nessa dinâmica que consegue transformar o espaço do município de Vigia, criando territorialidades distintas voltadas para a atividade turística no período do Círio.

Como objetivo geral deste trabalho a respeito da gestão desse espaço turístico do Círio de Nazaré em Vigia: Analisar o papel da gestão do espaço turístico desempenhado pelos agentes envolvidos no Círio de Nazaré de Vigia e a (re) produção de suas territorialidades.

Categorias analíticas, como *espaço* e *território* nortearão essa temática apresentada aqui. O espaço com suas espacialidades e o território com suas territorialidades aparecerão de forma fundante dentro da dinamicidade que esse evento condiciona ao município de Vigia.

Como objetivos específicos, será caracterizado e analisado o espaço do turismo em Vigia voltado para o Círio de Nazaré sempre mostrando como a gestão desse espaço está sendo desenvolvida por esses agentes, tanto os que estão à frente da mesma como os que fazem parte enquanto subalternos, gerando conflitos dentro desse espaço que será interpretado como um território do Círio, pois para isso, Raffestin (1993), Côrrea (1993), Rosendahl (1996) e Haesbaert (2006)

ajudarão a entender essa categoria apreendida com grande intensidade pela ciência geográfica nos últimos tempos.

Como metodologia para se alcançar os objetivos propostos e responder as respectivas questões deste trabalho, fez-se necessário uma revisão bibliográfica a respeito de autores que trabalharam ou vêm trabalhando com a produção do espaço, como Lefebvre (1992), Santos (1996). Para se entender a produção do espaço turístico, estabelecendo um diálogo entre Geografia e turismo, recorreremos às obras de Cruz (2001), Rodrigues (1996), Oliveira (2002) e outros.

Outro aspecto metodológico que necessário para se entender a religiosidade, historicidade e espacialidade entre Geografia e Religião ( onde Círio, enquanto manifestação religiosa, se enquadra) foi recorrer a uma chamada transdisciplinaridade com autores que discutem a denominada “Geografia da Religião”, juntamente com outros autores da área da Antropologia entre eles: Eliade (1992), Maués (1995) e outros que nos forneceram subsídios teóricos a respeito da religiosidade inerente a essa manifestação ora profana, ora sagrada, discussão inserida dentro de um debate e estudos da geografia da religião a partir de metodologias diversificadas.

O Círio de Nossa Senhora de Nazaré, bem como algumas manifestações culturais de outras doutrinas cristãs, assim como a presença da religiosidade afro-brasileira e indígena, existentes na Amazônia e no Pará podem e poderão se manter como recursos ou “produtos” turísticos que, especificamente, no Estado do Pará poderão oferecer dentro de uma escala regional, nacional e mundial a fim de captar um fluxo turístico que cada vez mais busca a Amazônia. É nesse sentido que entender e compreender como se dá a gestão do espaço turístico do Círio de Nazaré no município de Vigia contribuirá para a implementação de políticas públicas que leve em consideração particularidades da cultura local e das dinâmicas que ocorrem de forma particularizada, envolvendo o espaço e a sociedade.

O Círio de Nazaré em Vigia há muito tempo vem sendo alvo desses fluxos e, no entanto, não se percebe uma gestão eficaz do espaço turístico desse município, a fim de congregar melhor essa demanda turística. A partir da identificação dos agentes envolvidos na gestão e na dinâmica da festa do Círio de Nazaré em Vigia, poder-se-á propor uma nova metodologia de organização do espaço turístico voltado para o Círio nesse município, a fim de que se torne uma alternativa de

sustentabilidade socioespacial para grande parte da sociedade envolvida nesse evento.

A pouca presença de trabalhos científicos, tendo esse enfoque socioespacial e turístico, se constitui como entrave para uma compreensão melhor do que o Círio de Nazaré causa e pode causar no espaço geográfico, na sua economia e na sociedade como um todo. Pois para que o turismo se torne uma alternativa dentro de uma óptica de sustentabilidade no Estado do Pará, é preciso conhecer melhor o espaço e a sociedade onde está sendo implementada essa atividade socioeconômica, e o propósito deste trabalho de pesquisa está centrado nessas questões que envolvem o turismo religioso e outras vertentes do turismo a partir do Círio de Nazaré como fomentador de transformações socioespaciais.

Outros procedimentos metodológicos para se compreender a gestão do espaço turístico do Círio de Vigia, foram centrados na análise que outros autores fizeram ao estudar outros Círios no Estado do Pará como fez Pantoja (2004) em dissertação de mestrado, estudando o Círio de Belém, dando ênfase como principal agente da gestão, a “Diretoria da Festa do Círio” ligada à Igreja Católica. Porém, não se trata aqui, de fazer um estudo comparativo de outros Círios, mas de reconhecer territorialidades e espacialidades semelhantes dentro das dinâmicas que esses “Círios” no estado do Pará provocam nos lugares.

Além do mais, serão analisados possíveis planos setoriais criados dentro da esfera governamental voltados para o turismo (mais precisamente envolvendo a cultura do Estado do Pará). Além de entender a gestão que se estabeleceu pelos agentes ligados aos órgãos públicos, como PARATUR, IPHAN, SECULT, SECRETARIA DE CULTURA E TURISMO DO MUNICÍPIO DE VIGIA e também pela Igreja católica.

Uma pesquisa documental sobre o Círio de Nazaré, realizada nesses órgãos, citados acima (públicos e religiosos), principalmente em Vigia, também, foi imprescindível para se compreender a forma das gestões sobre o espaço turístico voltado para o Círio de Nazaré neste município. Além de entrevistas estruturadas e semi-estruturadas realizadas com os atuais responsáveis por esses setores e departamentos dentro das secretarias.

O trabalho de campo foi outro procedimento metodológico rico, no sentido de dar a visibilidade empírica sobre a atmosfera que envolve o Círio de Nazaré em

Vigia, principalmente no período em que acontece tal evento (segundo domingo de setembro). Acompanhar o cortejo religioso e vivenciar sua festividade como um todo, envolvida em sua atmosfera sagrada e profana, foi de suma importância para sistematização de dados para associarmos o empírico com a análise teórica da ciência. Foram realizados dois trabalhos de campo nos Círios de 2011 e 2012, respectivamente, com aplicação de questionários e realização de entrevistas semi-estruturadas (ver apêndice).

No momento do trabalho de campo (tanto de 2011 como de 2012) surgiram fatos que o olhar ingênuo de antes não conseguia captar, pois, agora, o aguçamento em detectar minúcias, era uma exigência para se alcançar os objetivos propostos deste trabalho.

A produção cartográfica, também, foi imprescindível para que fosse possível haver a visualização de espacialidades e territorialidades dos objetos sagrados e profanos relacionadas ao Círio, enquanto festividade, com seus fixos e fluxos (1988), dando uma visibilidade dos espaços apropriados pelo turismo e pela própria Igreja Católica. O roteiro das procissões, assim como o espaço do fluxo de turistas ligado as festas profanas estão aqui contextualizadas e localizadas nas figuras ilustrativas.

A obtenção de imagens fotográficas durante os trabalhos de campo sobre alguns dos objetivos propostos aqui referentes ao espaço turístico voltado para o Círio, também, puderam proporcionar uma visualização das transformações socioespaciais ocorridas nos últimos tempos com relação ao trajeto da procissão, os territórios disputados pelos agentes, além da efemeridade desses espaços distintos apropriados pelo evento sacro/profano. Assim como, a aplicação das entrevistas estruturadas e semi-estruturadas com esses agentes citados aqui ligados à gestão, perpassarão pelo *olhar* e *ouvir* da pesquisa de campo e possibilitaram a confirmação ou a negação de algumas hipóteses preliminares.

O método utilizado e aplicado para entender as transformações socioespaciais no Círio de Nazaré a partir da sua gestão, foi o materialismo histórico e dialético dentro de uma concepção crítica em que os elementos que compõem a totalidade de um espaço turístico envolvido por uma festividade religiosa estarão dentro de uma atmosfera conflituosa, mas, ao mesmo tempo, em complementaridade. Essas relações dialéticas se materializam no espaço, apropriando-se do mesmo e transformando-o. Esse processo socioespacial,

analisado aqui, não se encontra rígido dentro de uma estrutura fechada na qual a soma das partes forma a totalidade e vice-versa, mas deverá ser compreendida dentro de uma contradição entre pares dialéticos, como o sagrado e o profano, o Estado e o mercado, a Igreja e o Estado, visitantes e visitados etc. Para que ocorra o Círio é necessária uma base material que é criada e apropriada de forma dialética por diversos agentes sociais como será analisado aqui.

O Círio de Nazaré no Estado do Pará, assim como em Vigia é sinônimo de fluxo de pessoas (turistas, romeiros, comerciantes etc.) e muitas pessoas apreendem esse período como propício para ampliar os seus lucros com seus negócios formais ou informais, daí a importância comercial e turística do Círio de Nazaré como objeto de pesquisa das Ciências Sociais. Assim como passa a ter importância dentro dos planos governamentais de diversas esferas do Estado.

Este trabalho está estruturado em três capítulos distintos e ao mesmo tempo complementares, pois tendo em vista que é necessário entender a produção do espaço turístico realizada pelo Círio de Nazaré, no primeiro capítulo “*CÍRIO DE NAZARÉ : PRODUÇÃO E APROPRIAÇÃO DE ESPAÇOS PARA O TURISMO*” será discutido e analisado o Círio enquanto constructo socioespacial dentro do âmbito do turismo religioso e de outras vertentes do turismo. Será evidenciado a dinâmica e a produção do espaço causada pela atividade turística que o Círio pode proporcionar na contemporaneidade. Para isso será discutido a produção do espaço voltado para a atividade turística tendo a ciência geográfica como aporte teórico fazendo um diálogo com outras ciências sociais. O conceito de Círio é destacado nesse primeiro momento, onde é feita uma discussão, transitando pela história, apreendendo esse evento socioespacial como uma *totalidade* (SANTOS, 1996).

No segundo capítulo “*O CIRIO DE NAZARÉ EM VIGIA COMO RECURSO TURÍSTICO NA ATUALIDADE: ENTRE O SAGRADO E O PROFANO*” procurar-se-á fazer uma análise do lado profano e sagrado dessa festividade, mostrando como acontece a produção socioespacial para ambos os lados. É evidenciado o Círio com sua dimensão social (cultural e turística) e com seu lado sacro (ligado à religiosidade). Por fim, serão identificados os espaços e temporalidades onde espaços sagrados e profanos se encontram e se misturam dentro de uma atmosfera maior que é a festividade do Círio de Nazaré em Vigia, confundindo-se em alguns

momentos; e produzindo assim, territórios que se apresentam como efêmeros na configuração socioespacial do município de Vigia.

No terceiro capítulo *“SOBRE A GESTÃO DO ESPAÇO TURÍSTICO: O “FAZER” PARA O “ACONTECER” DO CÍRIO DE NAZARÉ EM VIGIA”* será tomado, particularmente, pela gestão do espaço turístico voltado para o Círio de Nazaré em Vigia, onde serão identificados os agentes que participam e fazem parte de uma *gestão* que acontece não somente nos quinze dias da festividade, mas durante o ano inteiro. Sobre o conceito de gestão, será discutido aqui, como a geografia vem utilizando esse conceito na apropriação de espaços. Além disso, serão trazidas para análise algumas políticas públicas de turismo no estado do Pará que evidenciam o Círio de Nazaré como elemento cultural e turístico desse estado da federação brasileira. Por fim, será apresentado o processo de “gerenciamento” (ligados à gestão) do espaço turístico voltado para o Círio em Vigia, bem como a convergência e divergência entre os agentes identificados na mesma.

Essa parte final do trabalho é justamente a empírica sistematizada com o método científico. Visualizado, descrito e analisado no trabalho de campo o Círio, enquanto evento socioespacial, hoje, possui a capacidade de envolver e transformar as relações sociais no espaço, mudando o cotidiano dos lugares, nesse caso, o município de Vigia. A “festa” possui a função social do encontro de uma sociedade que é diversa na forma de agir, pensar e viver nos seus espaços. Por essa gama de diversidade social e cultural que o mesmo evento é objeto de interesses distintos que criam conflitualidades nesses espaços onde ocorrem *Círios* no Estado do Pará, e em Vigia não será diferente, como passaremos a evidenciar daqui em diante nos capítulos que seguem.

## **2. CÍRIO DE NAZARÉ : PRODUÇÃO E APROPRIAÇÃO DE ESPAÇOS PARA O TURISMO**

*O espaço em si pode ser primordialmente dado, mas a organização e o sentido do espaço são produto da translação, da transformação e da experiência sociais.*

Edward W. Soja

De início, para se analisar aquilo que virá a ser o foco central dos objetivos deste trabalho, será necessário uma releitura sobre apropriação, produção e reprodução do espaço na geografia, envolvendo posteriormente o turismo enquanto prática socioespacial que corrobora com essas dinâmicas. Como estamos falando de Círio de Nossa Senhora de Nazaré, nos remete ao trânsito das religiões, aqui encoberto sobre o manto do papel da Igreja Católica na Amazônia e mais precisamente no estado do Pará e no município de Vigia. Pois estamos adentrando numa seara que envolve religião, mas como produtora de espaços.

É nesse sentido que passamos a contextualizar neste primeiro capítulo, (dividido em três tópicos), envolvendo, a princípio, um histórico sobre a religião e a geografia com suas diferentes concepções metodológicas de apreensão do espaço geográfico. No segundo tópico mostraremos que o Círio de Nazaré se constitui como algo que é construído ao longo do tempo e no espaço; uma “invenção” como enfatiza Pantoja (2006) e que no Pará tem uma origem, enquanto devoção, a um santo (a) padroeiro (a) vinda de Portugal com os colonizadores. Nesse sentido, é necessário fazermos um diálogo com a história para mostrar como o Círio de Nossa Senhora de Nazaré se estabeleceu no Estado do Pará, mais precisamente, no município de Vigia, não querendo defender nenhuma posição a respeito da gênese do Círio neste Estado, mas trabalhar com as fontes históricas evidenciadas até então. Por fim, mais adiante, no terceiro tópico trataremos da dinâmica socioespacial envolvida na apropriação, produção e reprodução do espaço pelo Círio de Nazaré.

## 2.1- GEOGRAFIA DA RELIGIÃO: A RELIGIÃO E SUA DIMENSÃO GEOGRÁFICA

A geografia enquanto ciência do espaço e que estuda as relações sociais que ocorrem no mesmo, sendo condição para essas relações, não poderia deixar de se ater sobre um fenômeno que ocorre no seio das sociedades há milhares de anos que é justamente o fato dessas sociedades possuírem um elo com algo que é sobrenatural, não humano, divino ou sagrado para os mais distintos agrupamentos humanos na face da Terra. Esse misticismo ou religiosidade passou a ser o cerne de elementos identitários associados a uma cultura. Estudar a religião de alguns povos associada à própria cultura dos mesmos passa a ser um campo fértil para a geografia interagir com o binômio *religião* e *espaço*.

Nos vários estudos que se tem sobre religião e espaço, o que nos chama a atenção é a espacialidade que os autores que trabalham com a dita Geografia da Religião, atribuem ao fenômeno religioso, interagindo suas interpretações com algumas categorias de análise que a ciência geográfica utiliza nos seus estudos sobre o espaço, entre elas, paisagem, lugar, território etc. Categorias essas atribuídas ao *sagrado* que envolve as várias religiões.

Entender o espaço é entender as relações sociais que se dão no mesmo. Essa relação é tanto com a natureza, como com o próprio meio, já cultural. Podemos entender a dinâmica espacial através do atributo religioso, pois é a partir desse pressuposto que a geografia da religião se atém para justificar suas pesquisas. Silva e Filho (2009, p. 74) assinalam que:

A Geografia da Religião, como área do conhecimento, dirige o foco nos estudos das relações entre a religião e espaço. Essa conexão necessária, inicialmente dada, transfere-se do âmbito ontológico para o epistemológico na medida em que os estudos avançam em várias perspectivas possíveis na própria ciência geográfica.

Nesse sentido, não há apenas um viés para entender como a religião pode interagir com o espaço. O método fenomenológico com seus mecanismos em abstrair as subjetividades e os simbolismos e significados envolvidos dentro dos grupos sociais será um dos caminhos que a geografia da religião irá percorrer com a chamada “Nova Geografia Cultural” da década de 1980, pois até a década de 1970 perdurava uma análise mais classificatória do que analítica da cultura, associando as áreas distintas dos agrupamentos humanos. Essa abordagem cultural na Geografia é denominada de “geografia cultural tradicional” ou “clássica” (CORRÊA, 2001).

É importante destacar o que Silva e Filho (2009) diferenciam em termos das duas perspectivas teórico-metodológicas a respeito dos trabalhos realizados na geografia da religião:

A primeira, de caráter majoritário, é aquela na qual o enfoque principal se atém às estruturas espaciais das religiões e a dicotomia sagrado e profano, assim como estudos funcionais sobre cidades-santuário e dispersão espacial das hireofanias. De forma simples, poder-se-ia afirmar que essa perspectiva busca apreender as

manifestações espaciais do fenômeno religioso a partir das formas religiosas já impressas na paisagem. A segunda perspectiva busca compreender as manifestações religiosas partindo das dimensões estruturantes e do caráter fenomenológico e, posteriormente, das estruturas estruturadas da religião. O pressuposto é de que pela ação do Homem religioso se pode vislumbrar o espaço da religião, as representações, as expressões e percepções em face do discurso religioso e do pensamento religioso. Ainda mais quando são realizadas pesquisas sobre as territorialidades institucionais, concebe-se que as mesmas são marcadas muito além da materialidade dos templos, pelos intercâmbios simbólicos que se organizam na mediação das relações de poder (SILVA & FILHO 2009, p.76)

Analisando o exposto acima, a primeira perspectiva teórica se fundamenta atualmente numa visão mais materialista e dialética da realidade, enquanto que a segunda é apreendida pelo método fenomenológico ao valorizar as subjetividades das relações de poder dos agrupamentos sociais e institucionais. Gostaria de deixar clara a opção deste trabalho a partir da primeira perspectiva teórico-metodológica ao apreender o Círio de Nazaré enquanto uma manifestação sagrada e profana que possibilita a atividade turística (como será mostrado mais adiante) e se materializa no espaço, dinamizando-o ao longo do tempo.

Raffestin (1993, p.119), ao falar de Religião e poder, faz uma crítica aos geógrafos que estudam a religião dos lugares, por pouco inserir nas suas análises a presença do poder:

(...) a geografia das religiões, ao mesmo tempo que fornece pontos úteis de referências, em geral deixou de lado as relações de poder para se concentrar, talvez excessivamente, nas expressões espaciais do fenômeno religioso. Sem dúvida é possível encontrar, nas diferentes geografias das religiões, preocupações relativas ao poder, mas não passam de pegadas que é preciso cercar aqui e ali.

Como no exposto acima, é nesse sentido que a geografia que estuda as religiões no espaço precisa atentar pelas relações de poder intrínsecas às relações sociais entre os aspectos sagrados e profanos. Nos capítulos posteriores daremos ênfase à materialidade dessas relações de poder no espaço, constituindo o território sagrado.

O Círio de Nazaré, enquanto um ritual ligado a uma religiosidade se materializa no espaço ao mesmo tempo em que estabelece o poder da instituição religiosa que está por trás do mesmo.

Ao estudar a presença da Igreja Católica no Brasil, desde a colonização, Rosendhal (2005) destaca a produção territorial que esta instituição desenvolveu no Brasil junto ao Estado português que concedia autorização para essa Igreja atuar dentro do Brasil colônia. Posteriormente, a Igreja continua junto ao Estado brasileiro até a proclamação da República quando há uma certa separação. Segundo esta autora a territorialidade da Igreja católica se firmou na criação de dioceses e paróquias, se constituindo, assim, as verdadeiras materialidades do território da Igreja Católica numa escala regional e local. Ao distinguir diocese e paróquia Rosendhal (2005, p 06) coloca que:

(...)A diocese é evocada como território religioso verdadeiramente presente e atuante no processo de regulação e religiosidade católica (...) a paróquia deve ser reconhecida como o território onde se dá o controle do cotidiano, porque ela está na escala da convivência humana.

Essas dioceses, atualmente, no Estado do Pará são responsáveis pela gestão do Círio, enquanto evento religioso, cabendo às paróquias a execução anual dessas festividades que estão associadas ao controle e à manutenção de suas territorialidades como veremos mais adiante.

Pantoja (2004, p. 22), ao estudar o Círio de Nossa Senhora de Nazaré em Belém esclarece de início que:

(...) temos no ritual religioso, seja este móvel ou fixo – um culto dentro de um espaço limitado, como uma igreja, ou uma procissão de rua -, uma forma de reconhecer e diferenciar paisagens sagradas de paisagens não sagradas. Entendemos por paisagens sagradas aquelas carregadas de valor simbólico-religioso para o(s) grupo(s) que as produziram e efetivamente as ocupam. São as cores, os sons, a disposição dos objetos, assim como o comportamento das pessoas que fazem parte do grupo, que marcam, concretamente, os limites das paisagens sagradas e, por conseguinte ao seu redor, os espaços não sagrados, ou seja, os espaços profanos.

Esta autora trabalha com a categoria “paisagem sagrada” que seria a materialidade do fenômeno religioso que o Círio de Nazaré pode causar no espaço. Além da paisagem, Pantoja (2004) reforça que outras categorias aparecem nas análises sobre geografia da Religião como território e espaço, pois:

(...) o território seria um outro recorte, assim como a espacialidade. O caminho para se abordar essa relação também não é restrito: as representações, os rituais, os deslocamentos, os discursos, as relações de classe, as alterações econômicas e ambientais são outras possibilidades de compreensão (PANTOJA, 2004, p.23).

Essas abordagens espaciais que os estudiosos da religião fazem para compreender a relação dos seres humanos com a natureza e o espaço geográfico nos possibilita compreender como o âmbito sagrado dessas religiões pode transformar o espaço em questão. Essa é a grande contribuição que a geografia da religião pode nos dar para compreendermos o Círio *a priori* como uma manifestação, evento ou festividade religiosa que se estabelece no tempo e no espaço em vários lugares do Brasil, principalmente na Amazônia onde tem sua gênese a partir da colonização portuguesa.

## 2.2- O CÍRIO DE NAZARÉ COMO UM CONSTRUCTO SOCIOESPACIAL

O que é o Círio no Pará, senão uma manifestação, primeiramente, oficializada dentro das estruturas da Igreja católica e do Estado? E enquanto cortejo religioso, seja por água ou por terra, o Círio surge enquanto intenção advinda de necessidades. Necessidades essas de expandir a doutrina cristã sobre bases locais, ligadas à devoção já existente dos santos(a) católicos(a) realizada pela população local desde a colonização portuguesa. A Igreja católica oficializa aquilo que já ocorria como manifestação popular a partir do que Maués(1985) denomina de catolicismo popular.

Até chegar naquilo que o Círio de Nazaré é hoje, há um longo caminho percorrido no tempo e no espaço pelos atores sociais que se responsabilizaram em fazer esse Círio, pois enquanto produção humana, ele não surge pronto e acabado, mas se torna um constructo socioespacial que vai se materializando, e ao mesmo tempo, adquirindo contornos diferentes no tempo e no espaço.

Há uma dinamicidade no Círio de Nazaré que podemos entender ao analisarmos o que Santos (1996) nos fala ao distinguir totalidade de totalização. Grosso modo, a primeira é resultado de um processo num determinado momento da história – a totalidade – enquanto que aquilo que é responsável pelo movimento dentro dos processos, é a totalização. Porém, a totalidade também está em movimento. Como coloca o referido autor:

A totalidade estruturada é, ao mesmo tempo, uma totalidade "perfeita", acabada, um resultado e uma totalidade *in-fieri*, em movimento, um processo. Em outras palavras, devemos distinguir a totalidade produzida e a totalidade em produção, mas as duas convivem, no mesmo momento e nos mesmos lugares. Para a análise geográfica, essa convergência e essa distinção são fundamentais ao encontro de um método. (SANTOS, 1996, p. 76).

Então podemos afirmar que o Círio de Nazaré no momento é uma totalidade, pois resulta de um processo histórico e que acontece num determinado espaço, ao mesmo tempo que faz parte de uma totalização, pois vem se modificando em sua estrutura e dinâmica ao longo dos tempos. Sendo assim, enquanto totalidade, o Círio não se encontra inerte, mas sofrendo alterações pelos agentes que sobre si possuem interesses distintos, seja no aspecto religioso, seja no aspecto profano.

Com relação à origem do Círio de Nazaré na Amazônia, há estudos que mostram que sua oficialização pela Igreja junto com o Estado se deu na capital do Pará, Belém, no século XVIII em 1793, com documentos oficiais da data da autorização da Metrópole portuguesa e do primeiro cortejo religioso.

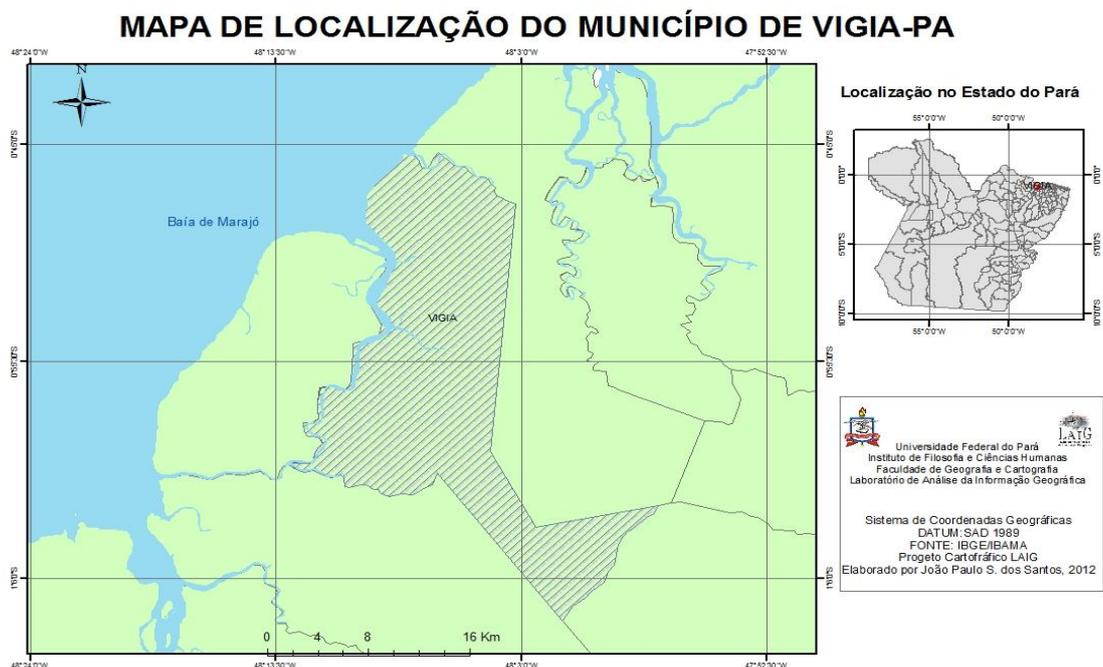
Outras pesquisas apontam que a devoção à Nossa Senhora de Nazaré teria surgido no município de Vigia-PA (ver **figura 01**) há muitos anos, antes da oficialização do que se passou a ter como Círio oficializado junto à Igreja e ao Estado em Belém.

Essa oficialização que se tem em Belém acontece com um pedido enviado no ano de 1788 pelo bispo de então, Frei Caetano Brandão, à Metrópole portuguesa que recebeu autorização no ano de 1790 para realização da celebração. Por esta autorização estava instituído o Círio de Nossa Senhora de Nazaré como manifestação oficial da Igreja Católica na Colônia (PANTOJA, 2006). Somente três anos depois aconteceria o primeiro cortejo religioso realizado pela Igreja católica juntamente com autoridades laicas como bem coloca Pantoja (2006, p. 36):

(...) realizou-se, à tarde, a primeira Procissão do Círio antecedida da transladação da imagem da Santa, em procissão, pelo próprio governador Francisco de Souza Coutinho da ermida para a capela do Palácio do Governo no dia anterior. Na primeira procissão do Círio, estavam presentes tanto autoridades civis, como o governador do Estado do Grão-Pará e Rio Negro Francisco de Souza Coutinho e vereadores da Câmara, quanto religiosas.

Já em Vigia não se tem documentos oficiais da publicação do primeiro Círio oficializado pela Igreja junto ao Estado, pois havia novenas e romarias antes da oficialização ou gestão a partir da Igreja Católica em 1896 (CORDEIRO,2009) no município como apontam alguns estudos envolvendo a presença de irmandades religiosas cujo o arquivo da Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto” guarda a prestação de contas dessas Irmandades.

Figura 01:



**Vigia faz parte da mesorregião do Nordeste paraense e da microrregião do Salgado. Está distante a 5 Km do Oceano Atlântico na confluência do Furo da Laura com a Baía do Marajó, local estratégico no controle de embarcações durante a colonização da porção Norte do território brasileiro (ainda em construção) pelos colonizadores portugueses. O Nome do município, “Vigia” vem da função que se estabeleceu a esse espaço onde surgiu a vila e depois cidade em que havia, supostamente, um posto de vigilância.**

Pela verificação da presença de irmandades em Vigia no século XVIII, provavelmente, antes da Igreja se apropriar desse evento, já havia manifestações de

culto organizado à Nossa Senhora de Nazaré realizado, primeiramente, por uma família de colonos portugueses da Ilha dos Açores e da Região do Alguarve no século XVII; e posteriormente por uma Irmandade dedicada à essa santa católica já no século XVIII, bem como existiam outras (irmandades) relacionadas com outros santos padroeiros, inclusive irmandades constituídas por ex-escravos. Segundo Cordeiro (2009), a organização de uma festividade homenageando Nossa Senhora de Nazaré realizada pela Irmandade de Nossa Senhora de Nazaré termina em 1896, pois:

No ano seguinte, o senhor Jonas José Ferreira, tornou-se o novo tesoureiro nomeado pelo Exemo. Sr. Arcebispo Metropolitano de Belém (Dom Antônio Manoel de Castilho). A partir desse momento a Igreja Católica passa a organizar o Círio de Nossa Senhora de Nazareth da Vigia. Podemos concluir que a festividade do Círio de Nossa Senhora de Nazareth de Vigia, passou por três gestores: a família dos devotos açorianos, a irmandade de Nossa Senhora de Nazareth e a Paróquia de Nazaré (CORDEIRO, 2009, p.16)

Pelo exposto acima, a devoção à Nossa Senhora de Nazaré vem de Portugal com a família desses colonos portugueses que passaram a colonizar o espaço onde, hoje, está localizado o município de Vigia. Pelo fato dessa devoção crescer junto com o povoado e vila, houve a necessidade de se instituir uma irmandade destinada à essa santa católica, já venerada em Portugal na cidade de Nazaré, onde se tem relatos de milagres relacionados à mesma como o episódio de D. Fuas Roupinho que, segundo a lenda, foi salvo ao cair de um precipício quando caçava.

Essa irmandade dedicada à Nossa Senhora de Nazaré organizava as festividades destinadas à essa padroeira e se relacionava com o clero presente em Vigia, que somente mais tarde, no século XVIII vai se apropriar da mesma festividade, retirando a responsabilidade da irmandade. Isso é um exemplo da apropriação do catolicismo popular pela Igreja Católica como ocorreu no mundo com o processo de romanização, quando a Igreja tira das mãos dos leigos certos atributos religiosos.

O que temos até aqui é a evidência do embrião daquilo que será denominado como *Círio* nos anos posteriores (se é que não se chamava assim essa devoção com sua festividade destinada à Nossa Senhora de Nazaré). Pois será chamado de Círio, procissões de festividades destinadas aos santos católicos. Na verdade, Círio

será uma redução do que se tinha como festividade religiosa dedicada a um santo(a) padroeiro(a), que até hoje isso é comum em muitos lugares na Amazônia a partir dessa gênese da colonização portuguesa.

Sobre essa gênese do Círio em Vigia, um dos documentos que mostra a existência de novenas e romarias à Nossa Senhora de Nazaré na vila de Vigia no século XVII é a narração do Pe. José Ferreira, citada por Bettendorf, historiador Jesuíta. Essa narração do Padre José Ferreira que estava de passagem pela vila de Vigia em 1679 é apreendida como fonte documental do primeiro Círio em Vigia por alguns estudiosos, fonte esta, contestada por outros historiadores, como Ildone Soeiro (1991).

O documento destaca que havia muitas novenas e romarias à Nossa Senhora de Nazaré e a vila era tomada de romeiros que vinham de todos os lugares próximos, atrás da milagrosa imagem de Nossa Senhora de Nazaré (Bettendorff, 1910). Essa data dista aproximadamente cem anos antes da oficialização do primeiro Círio em Belém e é concebida como a contagem do Círio número um no município de Vigia, embora, como mostram outros documentos ligados às Irmandades, já ocorriam novenas e romarias dedicadas à Nossa Senhora de Nazaré, antes da referida data da passagem de Ferreira pela vila de Vigia.

Para Soeiro em entrevista concedida este ano, o que o Pe. José Ferreira narra, citado por Bettendorff (1910) “é apenas a visualização do meio de um processo, mas não de um início, e o Círio da Vigia já está ocorrendo muito antes dessa data, embora tenham, em Vigia, estabelecido o início do Círio a partir dessa narração que é um relatório apenas”. (José Ildone F. Soeiro em entrevista, setembro-2012).

Essas novenas e romarias dedicadas à essa santa católica nessa vila, hoje município, são consideradas o ponto de partida no Pará para o surgimento do que se tem hoje como Círio, pois primeiro aconteceu o início da devoção à Nossa Senhora de Nazaré, depois a construção das estruturas do que se tem na atualidade como Círio, como resultado de um processo, por isso um constructo socioespacial.

Para Soeiro (1991) a devoção a essa santa teria surgido com os colonos portugueses que vieram para a Vila de Vigia com a concessão de terras ao fidalgo português D. Jorge Gomes dos Alemó pela Coroa portuguesa, na segunda metade

do século XVII. Então essa devoção antecede as missões religiosas que vem para o Brasil na segunda metade do século XVIII com várias ordens de religiosos católicos.

Como analisa Maués (1985, p. 116): “(...) esses colonos desenvolveram o culto e a devoção a Nossa Senhora de Nazaré, que ali surgiu pela primeira vez no Pará, o qual passou a atrair devotos de outras capitânicas, inclusive de Belém”. Pois de Vigia há posteriormente a irradiação dessa devoção para outros lugares no Pará.

Segundo esse autor a devoção que ocorre em Vigia antecede outros lugares no Pará. Essa gênese do Círio no Pará a partir de Vigia dá ao município uma marca importante como o Círio mais antigo do Estado do Pará, marca essa que lhe confere um atrativo para a sua festividade no segundo domingo de setembro. Essa marca é utilizada, na atualidade, como um atrativo turístico, daí o grande fluxo de visitantes que buscam o município nesse período do ano.

A própria devoção à Nossa Senhora de Nazaré ocorrida nessa Vila lhe rendeu acréscimo à nomenclatura do lugar: *Vila de Nossa Senhora de Nazareth da Vigia*, como mostra alguns documentos da época da colônia portuguesa (RAIOL, 1883,1884). Esse nome associa-se à toponímia de uma cidade portuguesa onde já era forte a presença dessa devoção destinada à essa santa: Nazaré. Atualmente o nome do município voltou a ter esse acréscimo: Vigia de Nazaré, nome contestado por pessoas de outros credos religiosos, mas que liga Vigia a Portugal de onde veio a tradição do Círio.

O Círio como é apregoadado na atualidade se constitui numa procissão ou cortejo religioso que sai de uma Igreja (Templo) à outra que possui uma certa importância na realidade religiosa do município. Em Belém, segundo Maués (2005), o cortejo acompanha o mito do achado da imagem da santa por um personagem chamado Plácido. Os dois locais (saída e chegada da procissão) estão inseridos numa estória que envolve controvérsias de achados e reaparecimento da imagem da santa.

**Foto 1:** Procissão principal do Círio em Vigia



Fonte: SANTOS, Raimundo N. 2011

A procissão principal (como é visualizada na foto acima - 01) em alguns municípios onde se tem “Círio” é composta por vários elementos simbólicos ou alegorias religiosas com suas simbologias e representações sociais dentro de uma grande festividade. Isso foi um dos motivos que fez com que Alves (1980) chamasse, para o Círio, de *carnaval devoto* (carro dos anjos, dos marujos, dos milagres etc.)

O Círio é acompanhado por uma população composta pelo clero, fiéis, romeiros e leigos, mais a população local e os visitantes (turistas). Na **foto 01** acima é perceptível a Berlinda com a imagem da santa padroeira ao centro da grande corda onde estão algumas autoridades sacras e leigas junto com alguns componentes da Guarda de Nazaré.

Assim como em outros cortejos religiosos da doutrina católica, o Círio é composto por pessoas e objetos com função e lugar definidos dentro da estrutura de sua produção. Dentro do cortejo religioso existem subespaços privilegiados que passaram a ter essa conotação no decorrer do tempo como é o caso do espaço de dentro da corda que está presente a imagem sagrada da santa católica, juntamente

com o clero, logo seria uma espécie de *território sagrado* instituído pela Igreja Católica. (trataremos disso mais adiante, assim como o conceito de território).

Essa festividade que dura de dez a quinze dias (dependendo do município no Pará) possui uma preparação anterior que exige um planejamento mais rigoroso por parte da paróquia gestora junto do poder público na preparação ou gestão do espaço do município aonde o Círio irá se materializar. (sobre essa gestão trataremos no III capítulo).

Esse Círio, no passado, tinha outros arranjos na sua dinâmica. Algumas pesquisas apontam que a procissão principal era realizada à noite, daí a presença de velas para iluminar o cortejo pelas vias sem iluminação. A própria palavra Círio vem do Latim *Cereus* e significa uma grande vela acesa (FIGUEIREDO,2005; COSTA, 2009). Dessa etimologia da palavra Círio, atualmente, associa-se à grande procissão de hoje que se dá na maioria dos municípios pela parte do dia com a procissão principal, ficando outras procissões secundárias à noite, como é o caso da transladação (procissão que acontece nos sábados antecedendo o grande cortejo principal no domingo, com itinerário inverso).

Em Nazaré, cidade portuguesa, era comum haver peregrinações de pessoas do campo que visitavam essa cidade para agradecer à santa pelas colheitas prósperas, e se encaminhavam à noite com velas acesas. A essas peregrinações passou-se a se chamar de “sírios” (com a palavra ‘s’ no início e no plural) já que eram vários povoados que se encaminhavam para Nazaré com velas acesas durante o percurso (COELHO,1998). Ao descrever esses “sírios” que ocorriam em Portugal, Coelho (1998, p. 26) assinala que:

Nas origens luzitanas, os círios representavam um “ajuntamento de pessoas que se organizavam para ir em romaria ao santuário” da Senhora de Nazaré, geralmente elementos do campesinato português, ainda que pessoas das cidades viessem a tomar parte nas romarias. Posteriormente, e já como simbolismo, as velas de cera – os sírios, escrevia-se no século XVII – levados pelos romeiros na peregrinação passaram a denominar a própria romaria.

Na maioria dos municípios onde há a ocorrência do Círio de Nazaré, e até mesmo de outros santos padroeiros, acontece no domingo. Seguem e se confundem com os mesmos rituais das histórias dos Círios precursores na Amazônia ligados à Belém e ao município de Vigia. Elementos como a Berlinda, contendo a imagem do

(a) santo(a), junto com uma corda puxada por romeiros passaram a ser uniformes nesses cortejos religiosos. A história da presença e surgimento de alguns elementos da procissão como a corda, se confundem entre o Círio de Vigia e Belém. O imaginário coletivo aponta nos dois casos que a corda seria para desatolar das ruas com lama (devido à chuva ou à água da maré – pois ambas as cidades possuem a presença do rio) o carro com a Berlinda da santa.

Posteriormente, a corda passou a ser um elemento ímpar na realização das procissões do Círio pelo Pará e ganhou uma simbologia sagrada com os romeiros e peregrinos que acompanham e fazem parte da procissão segurando a mesma com o intuito de pagar uma promessa a partir de uma graça alcançada, se sacrificando na corda. A Igreja, tanto em Belém como em Vigia, já tentou retirar a corda da estrutura da procissão, fato que gerou polêmica entre os devotos que contestaram a autoridade eclesiástica com o argumento de ser a corda uma espécie de cordão umbilical entre esses devotos e sua mãe, Maria. Nesse caso a corda passa a ter uma conotação sagrada dentro do Círio.

A difusão dessas procissões para vários municípios do Nordeste Paraense, nas últimas décadas do século XX, tem a ver com a projeção que o Círio de Belém tomou numa escala nacional e até mesmo internacional com o aparecimento da internet na década de 1980 no Brasil e a divulgação da procissão em tempo real pela televisão.

Muitas paróquias da Igreja católica passam a criar seus Círios por perceberem que esse evento proporciona não só a difusão e manutenção da fé católica, mas também, poder financeiro tanto para as paróquias como para os municípios a partir da arrecadação de recursos financeiros que entram no município com o comércio que é fomentado durante os dias de festividade. Além disso, o espaço onde o Círio ocorre passa a ter outra dinâmica socioespacial apreendido pelo turismo, como será mostrado em daqui em diante.

Sobre essa nova dinâmica em que o Círio de Nazaré no Estado do Pará passou a ser inserido, vários agentes, além da Igreja Católica, passaram a surgir dentro de um campo de interesses políticos, econômicos e culturais. O turismo que o evento do Círio proporciona é o interesse maior deste trabalho ligado ao aspecto socioeconômico e espacial.

### 2.3 – O CÍRIO DE NAZARÉ EM VIGIA COMO PRODUTOR E DINAMIZADOR DO ESPAÇO GEOGRÁFICO PELO VIÉS DO TURISMO

O espaço geográfico não é, meramente, o palco onde ocorrem as relações sociais sobre ele, mas o sustentáculo dessas relações que serão impressas pelos homens. Esse espaço, dinâmico, em sua essência e aparência, dar condições para tais relações virem a acontecer, pois ao mesmo tempo que ele se transforma, condiciona as relações no mesmo. Santos (1996) enfatiza que o espaço é o reflexo da sociedade e a sociedade o reflexo do mesmo, assim sendo, espaço e sociedade são indissociáveis.

Segundo Lefebvre (2001, p. 37) “a ‘produção’ envolve não somente o sentido econômico do termo, mas o sentido da filosofia inteira: produção de coisas (produtos) e de obras, de ideias e de ideologias, de consciência e de conhecimento, de ilusões e de verdades”. A produção do espaço implica também uma reprodução para o mesmo autor.

Para Soja (1993, p. 99), ao falar da estruturação do espaço, coloca que “a estrutura do espaço organizado não é uma estrutura separada, com suas leis autônomas de construção e transformação, nem tampouco é simplesmente uma expressão da estrutura de classes que emerge das relações sociais (...) de produção”. Sobre a formação socioespacial Correa (2005, p.26) explica que “o mérito do conceito de formação socioespacial, reside no fato de se explicitar teoricamente que uma sociedade só se torna concreta através de seu espaço.”

Nesse sentido, o Círio de Nazaré como um evento imbricado em relações sociais contribuirá com tais transformações, produzindo e reproduzindo o espaço onde tal evento acontecerá. E é, a partir do turismo, enquanto prática social, que tal evento tomará outras dimensões que proporcionará outras espacialidades do evento.

O turismo enquanto atividade social, econômica e cultural, possui a enorme capacidade de produzir e reproduzir o espaço geográfico, necessitando, então, de uma organização, ou melhor dizendo, de uma “gestão” desse espaço turístico sob a tutela de quem possui interesses sobre o mesmo.

Os agentes produtores do espaço turístico compreendidos pelo Estado, a iniciativa privada e a sociedade local (FRATUCCI, 2009) criam espacialidades e

contribuem para a dinâmica do espaço turístico que para Cruz (2006) o espaço é o objeto de consumo do turismo, objeto de interesse da Geografia enquanto ciência. Com relação a essas especificidades que os agentes produtores do espaço turístico criam, Fratucci (2009, p. 02) coloca que:

Cada um daqueles agentes produtores dos espaços do turismo age e reage de forma específica e particular, assumindo posições e papéis específicos e diferenciados, contribuindo para a complexidade e para o dinamismo daqueles espaços. A combinação das ações e interações de todos os agentes, no tempo e no espaço, compõe o jogo dialógico do turismo contemporâneo, que tem sua territorialidade mais facilmente perceptível nas escalas local e regional.

Por sua indiscutível complexidade, o espaço turístico possui uma grande dificuldade de se definir com clareza sua espacialidade envolvida em *fluxos e fixos*, (SANTOS,1988) intrínsecos ao espaço. Esses fixos no espaço do turismo estão associados à infraestrutura básica para tal atividade acontecer e os fluxos é a própria mobilidade de pessoas, capitais e mercadorias existentes nesses fixos a partir do turismo.

Santos (1996) acrescentará ao espaço como “um conjunto indissociável de sistema de objetos e sistema de ações” (grifos nosso). É dentro das relações humanas com o espaço que o turismo acontece e se mundializa e cresce, principalmente a partir da segunda guerra mundial (CRUZ, 2006), pois quem faz o turismo e quem ocupa, e constrói esses fixos e fluxos, são pessoas. Pois “o espaço turístico, como todo espaço geográfico, não pode ser definido por fronteiras euclidianas, mesmo porque pelo menos um dos seus elementos básicos lhes é exterior – a demanda” (RODRIGUES, 1997 p.45).

Pois essa é, na atualidade, a grande tarefa a ser desempenhada por estudiosos que estudam o turismo na geografia: definir o espaço turístico em sua totalidade; pois suas fronteiras podem ir além do núcleo receptivo, e no atual período, a tecnologia ultrapassa qualquer fronteira política ou cultural. Entender o espaço turístico de um lugar é entender o seu espaço geográfico imbricado com essa atividade social, econômica e cultural que é o turismo na contemporaneidade.

Definir o espaço do turismo, todavia nos dá a ideia de totalidade, embora essa ideia seja um equívoco, pois no espaço social há outras compartimentações, outros

processos que não envolvem apenas o turismo. Entender a produção do espaço pelo viés turístico é apenas um recorte que se faz da realidade envolvida numa totalização.

O espaço vai sendo moldado pelas relações sociais que animam as formas-conteúdo (SANTOS, 1996). A própria produção do espaço vai se dar pelo nível técnico que as sociedades terão a partir de uma intencionalidade dentro do seu modo de produção. O mesmo autor afirma que o espaço reflete a sociedade e a mesma reflete o espaço onde ela está inserida e o produz. Onde ocorre o Círio de Nazaré o espaço é apreendido, seja ele transformado para o evento, seja ele já existente com um determinado arranjo, é apropriado pelo mesmo.

Pantoja (2006) ao analisar os espaços que o Círio cria e recria em Belém mostra que as praças e as vias públicas são tomadas por parte da sociedade que acompanha o cortejo religioso e por outra parte que apenas observa como um espetáculo.

Os espaços desses lugares de ocorrência do Círio passam a obter outra configuração socioespacial, pois há implementação de obras de infraestrutura para receber o evento do Círio que atrairá um fluxo populacional de fora. As melhorias, principalmente, na sede do município ocorrem onde o cortejo principal se fará presente, assim como nos arredores do espaço da festividade, como vem ocorrendo em Vigia. Praças, ruas, casas, prédios públicos etc, são pintados e têm suas estéticas melhoradas; Resumidamente, a paisagem muda de forma e de conteúdo.

O trânsito é modificado para atender às necessidades dos romeiros que acompanham a procissão. O cotidiano da cidade, onde tem Círio, muda, pois é um outro tempo, incomum à dinâmica da cidade (ALMEIDA & MOTA, 2012; ROSENDAHL, 2003). Esse espaço modificado pelo evento do Círio enfatiza o que estamos chamando de espaço turístico ou turistificado para o Círio de Nazaré em Vigia. O Círio, enquanto evento, transforma o espaço, pois parte de ações sociais nesse espaço, assim como sofre modificações pelo espaço.

Muitas coisas mudam durante o Círio, até o almoço é diferente, pois se come no dia do Círio algo especial a partir das comidas típicas que antes é incomum se ter na mesa, como é o caso da maniçoba e do pato no tucupi (pelo menos para quem costuma seguir essa tradição e possui poder aquisitivo para tal).

Esse tempo do Círio reafirma um regionalismo ligado à gastronomia paraense. O Círio, enquanto evento cultural, não transforma só o espaço, mas também a sociedade que está nesse espaço e que se confunde com o próprio Círio. Santos (1996) enfatiza que o espaço é a sociedade e a sociedade é o espaço; ambos estão intrinsecamente inter-relacionados numa mesma dinâmica. No caso de um evento como o Círio não seria diferente na forma como o mesmo transforma o espaço, logo a sociedade.

Os elementos do espaço que já fazem parte do arranjo espacial da paisagem das cidades passam a ter funções específicas para o Círio, pois é a praça que será tomada pela arquibancada, o coreto pelas bandas de música, o largo do templo religioso pelo parque de diversões e a barraca da festividade, como no caso de Vigia. O Círio passa a delimitar seu espaço de atuação com as faixas de homenagem, casas ornamentadas com balões e imagens da santa padroeira ou com os *arcos* nas ruas com gravuras do santo (a) padroeiro (a). Há com isso um território do Círio, embora um território efêmero (HAESBAERT, 2004; SOUSA, 1995) que se dissolve, em grande parte depois que passa a festividade.

Outro aspecto que o Círio de Nazaré provoca nos espaços onde ele ocorre é quanto à geração de receita financeira. Isso varia de município para município a partir da força de atração que cada um possui na atualidade em termos de fluxo populacional e de capitais. Infelizmente essa é uma questão envolvida em uma lacuna pouco preenchida, uma vez que não se sabe de fato o quanto se arrecada em termos de recursos financeiros e quem mais se beneficia com esse PIB (Produto Interno Bruto) advindo do Círio de Nazaré no município de Vigia. Não existem dados estatísticos oficiais criteriosos e consistentes com relação a essa questão.

Faz-se necessário um estudo socioeconômico para se saber o resultado não só econômico, mas também social que o Círio gera, mas que não é o cerne deste trabalho, todavia é um dos impactos que o Círio provoca nos lugares de sua ocorrência, principalmente ligado à produção do espaço onde ocorre esse evento anualmente. No caso de Vigia, o seu Círio, anualmente, varia o tamanho da demanda externa que procura esse evento. Segundo dados da Paróquia de Vigia, buscam o município nesse período, mais de cem mil pessoas, o dobro da população de Vigia, segundo dados do IBGE (2010) que é de aproximadamente cinquenta mil habitantes.

### **3. O CIRIO DE NAZARÉ EM VIGIA COMO RECURSO TURÍSTICO NA ATUALIDADE: ENTRE O SAGRADO E O PROFANO**

*O turismo não tem existência própria e sua dinâmica depende do jogo dos atores – Estado, iniciativa privada, comunidade local e turistas- que o inventam em um lugar escolhido para tal*

Maria Geralda de Almeida

A produção científica vigente sobre o turismo, atualmente aponta para uma extraordinária importância que essa atividade social, econômica e cultural possui para os lugares onde ele ocorre e ao mesmo tempo, critica a forma desordenada que a atividade turística pode ter a partir de ações específicas dos agentes envolvidos.

É preciso haver atrativos naturais e culturais para acontecer o turismo, além de tempo livre e vontade das pessoas se deslocarem dos seus lugares de origem para outros distantes da sua rotina cotidiana. Muitos desses atrativos são inventados (CRUZ, 2001; ALMEIDA, 2009). Sobre essa invenção Almeida (2009, p.02) esclarece que:

Invenção posto que de lugares banais os inventores do turismo propuseram outra leitura a qual é oferecida para a sociedade contemporânea. Criado e imaginado para e pelo turismo, este uso novo dos lugares revoluciona o território e as relações. Grandes metrópoles hiperturísticas como Paris e New York, até a Antártica, os cimos do Everest às profundezas dos atóis da Polinésia, do deserto do Sahara até a floresta Amazônica, o meio rural europeu densamente cultivado contrapondo aos “vazios” da Caatinga brasileira, todos são acessíveis ao turista. Além disso, tais lugares pela prática turística tornam-se mesmo singulares e reputados.

Isso representa as ações humanas sobre o espaço com a finalidade de turistificar, assim sendo o espaço ora banal passa a ter uma nova função, o de lugar turístico. E muitos autores afirmam que para haver turismo tem que haver turistas. Esses turistas são pessoas que viajam e vão em busca de lazer e entretenimento de acordo com o seu perfil socioeconômico.

A OMT (Organização Mundial do Turismo) estabelece, para fins estatísticos, o tempo mínimo de permanência de 24h para um visitante se considerar um turista, sendo que esse tempo não deve ser repleto de trabalho. Muitos autores discordam dessa postura positivista da OMT, pois seria um critério rígido e mercadológico. Nesse caso o turismo deixaria de ser uma prática social para ficar sendo apenas

uma prática econômica, de consumir mercadorias e produtos num tempo pré-estabelecido.

Grande parte da produção acadêmica reafirma o turismo como produtor de espaços, pois para que ele ocorra é imprescindível a existência de uma infraestrutura dita “urbana” (embora exista um turismo rural com equipamentos específicos) com serviços e equipamentos urbanos, mais serviços e equipamentos específicos para o turismo como meios de hospedagem, recintos para alimentação, deslocamento e outros. Almeida (2009, p.03) coloca que:

Uma das características da atividade turística é o deslocamento que se efetua do lugar de vida para o lugar dos *Outros*. O que distingue esta mobilidade das demais é o fato de o turista se deslocar visando seu lazer e recreações para locais onde outras pessoas têm o trabalho e a vivência.

Esse deslocamento descrito pela autora exige uma infraestrutura básica no lugar de visitação, variando em níveis técnicos. Mas que   imprescindível para que haja um turismo dentro dos moldes modernos.

Neste capitulo procuraremos entender como o Cério de Nazaré ao longo do tempo se tornou um recurso turístico congregando seu lado sagrado e profano. No primeiro t pico já adentramos no turismo religioso como segmento da atividade turística, embora o Cério de Nazaré apresente outras vertentes de turismo na sua magnitude socioespacial. No segundo t pico reforçaremos as dimensões socioespaciais do Cério de Nazaré a partir do seu âmbito sagrado e profano. E no terceiro t pico trabalharemos com a categoria território como um espaço apreendido por relaço es de poder e de uso do mesmo. Será destacado que os conflitos socioespaciais fazem parte do bojo apresentado pelo território que se constrói no espaço turístico do Cério de Nazaré no município de Vigia.

### 3.1- O CÉRIO COMO RECURSO TURÍSTICO A PARTIR DA CONCEPÇÃO DE TURISMO RELIGIOSO

O turismo religioso, como uma segmentaço  da atividade turística, vem crescendo ao longo dos anos por conta da formaço  socioterritorial que o Brasil possui, principalmente, pela força histórico-cultural que o Cristianismo impusera ao

longo do tempo. Acrescentado a isso, outras manifestações de cunho religioso compuseram o cenário sincrético que faz parte da cultura brasileira hoje, mostrando uma densa e diversa realidade cultural, o que se diferencia, ainda mais, nas especificidades dos lugares.

Atualmente se tem um universo ligado à religiosidade em inúmeros lugares do Brasil que vem atraindo pessoas com a intenção associada à misticidade, além de conhecer a cultura diferente, tida, muitas vezes, como espetáculo, diferente dos cotidianos da demanda turística.

Essa misticidade, ligada a algo transcendental ou sagrado, impulsiona um fluxo de pessoas que vai em busca desse algo divino, mesmo sem o objetivo de fazer turismo, porém, essas peregrinações vêm estimulando o acontecer de um turismo religioso e que agora é apreendido por agentes ligados ao Estado, ao mercado e à própria sociedade local, incluindo os turistas que se fazem presentes nesses lugares onde a fé religiosa se amplia nos períodos de festividades, seja a um santo padroeiro, seja na data de festejos em santuários ou seja em uma peregrinação específica etc. “As peregrinações cristãs são muito mais antiga e suas motivações espirituais, originalmente, não dependiam de condições técnicas e ambientais ligadas aos serviços turísticos” (OLIVEIRA, 2002, p.23). Podemos afirmar que o turismo religioso se apropriou das peregrinações, dando suporte às viagens que já aconteciam desde antes. Agora com uma roupagem moderna e enquadradas dentro de uma lógica de mercado as peregrinações andam lado a lado com um turismo dito religioso.

Esse turismo religioso que vem acontecendo no Brasil já é um fenômeno a ser percebido por vários estudiosos que o apreendem não só pelo seu viés sagrado, mas pela sua aparência ligada ao lazer e ao entretenimento, logo associado ao turismo que proporciona os equipamentos para a receptividade, deslocamento e outros serviços ligados à infraestrutura.

Essa dimensão ligada ao turismo religioso no Círio de Nazaré na Amazônia, ainda, é pouco trabalhada em pesquisas científicas. Sabe-se que o Círio traz consigo uma grande função de deslocar pessoas dos mais longínquos lugares para se reunirem no local onde está se realizando tal evento. Criando assim, um universo sem fim de vantagens em que cada indivíduo enxerga, no período da festividade, algo peculiar para si, pois a motivação do deslocamento populacional para o núcleo

receptivo acontece de forma diversificada: religiosa, de lazer, comércio, volta à terra natal etc.

O Círio de Nazaré, dentro de uma abordagem turística com as transformações socioespaciais que esse evento desenvolve, relacionar-se-á com essa temática que vem sendo estudada, muitas vezes, de forma compartimentada, dividida em segmentos, algo que é característico da atuação dos agentes do mercado. Um dos segmentos ou vertentes que o Círio pode se relacionar (por sua dimensão sagrado-profana) é justamente esse “turismo religioso” existente em várias partes do território nacional, como a Festividade de Nossa Senhora Aparecida, em Aparecida do Norte-SP; festas afro-brasileiras em Salvador-BA, Festa de Padre Cícero em Juazeiro do Norte-CE etc. Aqui destacaremos a dimensão religiosa existente nessa prática social que compreende o turismo religioso, sem desassociar de sua dimensão não religiosa ligada ao lazer e entretenimento.

Para fazer essa relação entre religião e turismo, Oliveira (2004, p. 13) destaca que “(...) o turismo religioso pode enquadrar-se no ecoturismo ou no turismo de massa. Como visita religiosa, torna-se um segmento fundamental para o planejamento sustentado das localidades e dos bens patrimoniais”. Oliveira (2004) mostra que o turismo religioso é um segmento do turismo que mais vem crescendo no território brasileiro e contribuindo com uma sustentabilidade da cultura ligada à religiosidade, porém, em alguns casos, vai se expandindo e tendo uma grande proporção do seu lado profano corroborando com um turismo de massa.

As visitas a santuários envolvendo parques ecológicos onde há manifestação do sagrado pelos seus agentes contribuem para um turismo ecológico, segundo esse autor. Sobre a existência de um turismo religioso de fato Oliveira (2004, p.13) é enfático ao afirmar que “(...) queremos pensar o turismo religioso como uma prática: com identidade, definições e limites. Queremos compreendê-lo em seus elementos constitutivos, sejam eles místicos ou socioespaciais”.

Essa dimensão sagrada e profana discutida no Círio de Nazaré é o amálgama para se entender as territorialidades que vão surgir nos espaços onde os agentes ligados ao sagrado e ao profano vão criar dentro de um processo que ocorre socioespacialmente. Ao mesmo tempo em que há uma distinção entre o sagrado e o profano, se percebe analiticamente que há uma complementaridade, pois o mesmo romeiro que se desloca em busca do lugar ou do evento sagrado, procura depois

algo ligado ao turismo relacionado ao entretenimento e ao lazer, logo, ligado ao profano.

Espaços sagrados e profanos se confundem materialmente falando, entretanto, em tempos diferentes. Em Vigia, o parque de diversão que fica no largo da Igreja Matriz (ao lado e na frente desse templo de origem Jesuítico) só funciona, na maioria dos anos durante a quinzena do Círio, quando não está havendo missa. A própria barraca da festividade só inicia suas atividades de bingos e venda de comidas e bebidas após o término das celebrações da Igreja. O lazer e o entretenimento nos espaços profanos geridos pela Igreja só tem início quando as funções sagradas terminam.

É importante ressaltarmos a diferenciação conceitual daquilo que é considerado sagrado e profano dentro de uma concepção dialética, contraditória e ao mesmo tempo, complementar e convergente. Para Eliade (1992) o profano é a ausência do sagrado. Para o mesmo autor “O sagrado manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades naturais” (ELIADE, 1992, p.12), pois o que a Igreja realiza é entendido como sagrado, mesmo o clero estando à frente de uma atividade de comércio, como um jogo de azar ou uma confraternização dentro de espaço gerido pela Igreja que não seja um templo ou um santuário religioso. O sagrado pode vir a ser o diferencial entre o que os homens praticam e o que os especialistas do sagrado praticam. Em muitos lugares é incontestável a autoridade eclesiástica, embora essa realidade seja distinta no tempo e no espaço em níveis diferenciados.

O Círio que pode se enquadrar num turismo religioso, por outro lado desperta, nas últimas décadas, uma dimensão profana ligada ao lazer e ao entretenimento que proporciona as viagens para os municípios que possuem Círio. Em Vigia, o que chama a atenção ligada a um turismo de massa são as festas dançantes com aparelhagens sonoras do Estado do Pará ou com bandas formadas por cantores de ritmos diversos (Brega, forró, pagode etc.).

Assim como em outros lugares, são realizados grandes eventos profanos paralelamente à festividade religiosa em Vigia. Essas festas dançantes passam a se constituir como atrativos turísticos dentro da atmosfera que o Círio, como algo sagrado, possibilita no espaço onde está ocorrendo. Essas festas passam a se tornar atrativos dentro da estrutura maior do evento do Círio.

A Igreja católica, geralmente, não legitima tais eventos profanos e, em muitos casos, procura a partir da legalidade proibi-los ou estabelecer regras, como: os dias e horários que devem acontecer. Em Marapanim, no Nordeste Paraense, foram extintas as festas dançantes do sábado que antecede o Círio, no segundo domingo de agosto. A Paróquia local entendia que a maioria das pessoas que buscavam o município tinham a intenção de ir no domingo de manhã para as praias existentes nesse município.

Já em Vigia há uma insistência, nos últimos anos, por parte da paróquia, de proibir as festas do sábado e antecipar para a sexta-feira, objetivo sem grandes resultados positivos para a Igreja católica, uma vez que grande parte da sociedade vigiense apoia o lado profano do Círio por movimentar o comércio local. Muitas pessoas, principalmente comerciantes ligados à hotelaria, restaurantes, açougues etc, entrevistadas disseram que o período do Círio faz com que eles tripliquem a quantidade de vendas. Sem esse fluxo que também busca o município para o lazer e o entretenimento o comércio não seria mais o mesmo.

Embora haja pensamentos que apregoam que esse grande fluxo de pessoas traz violência e descaracteriza o lado religioso com o consumo de bebidas alcoólicas (pensamento bastante difundido pela Igreja católica), outra parte da população corrobora com o pensamento que é necessário haver segurança, disponibilizada pelo poder público. Embora essa dualidade persista em muitos municípios, o lado profano do Círio formado por promotores desses eventos e por outros comerciantes se apropriam da marca do Círio, pois o Círio de Nazaré possui uma carga simbólica que difunde uma identidade regional e todas as festas são realizadas levando em consideração essa marca, pois não é uma festa qualquer ligada ao cotidiano do município, mas sim uma festa diferenciada por ser a “festa do Círio de Nazaré”.

É evidenciada essa marca dentro dos estabelecimentos onde estão ocorrendo as mesmas. Isso se vê exemplificado nas faixas de anuncio dessas festas, assim como algumas homenagens realizadas pelos promotores dessas festas, como queima de fogos em locais abertos e a execução dos hinos específicos do Círio dentro dos locais dessas festas, exemplificando assim, outra complementaridade do espaço profano e sagrado, pois as festas profanas precisam da marca sagrada do Círio para terem sucesso. Por outro lado, a Igreja procura

coibir esse lado profano, mas que atrai um enorme fluxo de pessoas para o município.

Nesse sentido, o turismo que ocorre no Círio passa a ter uma representação mais profana do que sagrada, o que não é bem concebido pela Igreja (como já foi afirmado), pois foge ao seu controle quando se trata de outras manifestações que ocorrem paralelamente aos eventos religiosos. Muitas vezes, para os agentes do sagrado, o turismo é sinônimo de agito e a rotina diária é completamente quebrada, é necessária organização do fluxo de pessoas em lugares onde a infraestrutura é precária e insuficiente para atender uma demanda extensiva.

Em Vigia, por exemplo, o número de hotéis e pousadas são insuficientes para atender à demanda populacional que se encaminha para a cidade (sede do município) no dia do Círio. Em muitos casos há a hospedagem em casas de famílias que recebem excursões de outros lugares, permanecendo no município desde o sábado até o domingo depois da procissão principal quando essas excursões de outros municípios procuram os balneários de igarapés de água doce, próximos de Vigia, que somente depois partem para os seus lugares de origem.

Em muitos lugares onde o turismo de massa vem crescendo, é criada uma restrição ao número de pessoas que visitam parques, santuários, praias etc. Mas como controlar uma atividade turística no Círio de Nazaré onde uma cidade é tomada por completo em seu espaço urbano e surgem as mais variadas alternativas de lazer e entretenimento, paralelamente, às ações religiosas (sagradas)? Muitas dessas alternativas de lazer e entretenimento estão ligadas, principalmente por essas festas dançantes como bem observou Costa (2009) em Belém no Círio de Nazaré ao estudar o circuito bregueiro.

Outros elementos turísticos tanto os “já estruturados” (patrimônio arquitetônico) como “em potencialidade” (presença de rios e igarapés) não são apreendidos pelo fluxo de pessoas que buscam o período do Círio em determinados municípios. Em Vigia com exceção do que foi colocado, há a procura dos igarapés balnearizados do município, principalmente a vila de Santa Rosa após o almoço do Círio pelas excursões que se fazem presentes no período do Círio. A procura por outros atrativos do município sede do Círio, ainda ocorre de forma ínfima, já que não há uma divulgação e ações de políticas públicas relacionadas aos atrativos turísticos dos municípios onde ocorrem tais Círios.

As festas dançantes ainda se mantêm como o principal atrativo do lado profano do Círio em muitos municípios como é o caso de Vigia. O turismo de “sol e praia” ocorre no litoral paraense paralelo ao turismo religioso onde se encontram esses atrativos naturais que são as praias. Nesse sentido, a busca pelo Círio está ligada à praia, posterior ou paralelamente ao evento, como no município de Colares-PA onde ocorre o Círio de Nossa Senhora do Rosário.

Como recurso turístico, o Círio está inserido nessa vertente da atividade turística ligada ao turismo religioso e a outras modalidades ou segmentos que de forma em comum transformam o espaço social, assim como o consome de várias maneiras. Oliveira (2004) nos diz que o turismo religioso é um fato social, pois assim como há a motivação pela busca do sagrado, há a sensação do entretenimento oferecido pelo deslocamento da viagem. Assim sendo, o turismo religioso existe e não pode ser negado.

O ato de viajar para praticar turismo requer uma motivação que não seja a trabalho e que se tenha um tempo livre, essa motivação no turismo religioso é algo ligado ao aspecto sagrado que envolve a natureza humana de muitas pessoas, mas que concomitante a isso envolve o entretenimento relacionado ao lazer e à curiosidade de conhecer lugares novos, conhecer a cultura diferente e usufruir o que esse espaço disponibiliza de atrativos turísticos.

Andrade (2000, p. 77) explica que “o conjunto de atividades, com utilização parcial ou total de equipamentos, e a realização de visitas a receptivos que expressam sentimentos místicos ou suscitam a fé, a esperança e a caridade aos crentes ou pessoas vinculadas a religiões, denomina-se turismo religioso”. Embora o autor estabeleça que todos que se deslocam com essa intencionalidade estarão fazendo turismo religioso, a ideia é entender o movimento do fluxo de pessoas para os lugares onde ocorrem a manifestação do sagrado, mesmo não havendo o objetivo de fazer um turismo religioso, mas sim usufruir de outros atrativos que o lugar possibilita.

Mesmo assim é complicado definir quem vai fazer turismo religioso (ligado à busca pelo sagrado) ou turismo cultural (em busca da cultura diferente ligada à religiosidade dos lugares) ou aos que vão em busca dos dois aspectos. Definir uma linha divisória não é tarefa fácil para os pesquisadores nesse sentido.

Em Vigia, as motivações que existem por parte dos que buscam o município nesse período encontram uma gama de alternativas que vão desde a busca pelo lazer e entretenimento nas festas dançantes que tomam conta da cidade no sábado, até a diversão no largo da matriz com a barraca da festividade, o parque de diversões e a praça da independência no centro histórico da cidade. Wainberg (2000, p. 16) ao analisar as cidades como *sites* de excitação enfatiza que:

A cidade como escritura deve ser entendida como desafio cognitivo. A percepção arregimenta os fragmentos aparentemente ilegíveis e os decodifica a partir de uma sintaxe disponível e que autoriza o enlace. O mistério insiste em permanecer na penumbra quando há verdadeiro choque civilizacional.

O autor mostra as distintas formas de se entender a cidade para o seu usufruto, não como consumo econômico, mas como deleite daquilo que chama a atenção do observador. Quem procura o Círio de Nazaré em Vigia pode ir para pagar a promessa pela graça alcançada (o romeiro); pode ir apenas para as festas dançantes (usufruindo do espaço profano que o Círio proporciona a partir de outros atores sociais), vai visitar a família e rever os amigos vigienses (turismo de raiz) e consumir, tanto o lado profano, como o sagrado do Círio.

Almeida (2009, p. 02) ao analisar o imaginário turístico de atração dos turistas pelos lugares que são inventados para o turismo explica que:

O turismo não somente é feito de ritos como ele pressupõe, mas é, ainda, um imaginário do espaço. E é este imaginário que dá sentido à circulação turística e a diferenciadas outras formas de mobilidades. Por isso, a geografia do turista é mais imaginária que real.

O turismo religioso que ocorre no Círio de Vigia está lado a lado com um turismo de massa que acontece com a chegada dessas excursões (citadas anteriormente) de outros municípios do Pará e da Região Metropolitana de Belém. Essa demanda populacional movimenta a economia do município, tanto no seu aspecto formal, como informal. Pois se beneficiam financeiramente desse momento; desde o vendedor ambulante da fitinha da santa padroeira até os donos de grandes hotéis.

Esse lado turístico, comercial e profano do Círio, mesmo não visto com *bons olhos* pela Igreja Católica, a partir das festas de aparelhagem (profanas), vem dinamizando esse recurso turístico (O Círio como uma totalidade) que o município de Vigia possui na atualidade, que vem se metamorfoseando para mais de três séculos; e interferir nesse aspecto (evidenciado aqui como turístico) porém antagônico com o sagrado, desconfiguraria algo que faz parte de uma tradição que possui uma intensidade cada vez maior na contemporaneidade, pois o turismo hoje no mundo é a segunda maior atividade econômica geradora de receita, ficando atrás apenas da indústria do petróleo segundo dados da OMT, ultrapassando a indústria bélica (CRUZ, 2003). Interferir nesse lado profano é interferir no fluxo populacional que busca o município motivado pelo aspecto sagrado, mas também pelo aspecto do entretenimento e do lazer ligados à atividade do turismo seja ele religioso, cultural, patrimonial, de raiz, etc.

### 3.2 – AS DIMENSÕES SOCIOESPACIAIS DO ESPAÇO SAGRADO E PROFANO DO CÍRIO DE NAZARÉ

Discutir e analisar as dimensões socioespaciais do sagrado e do profano é compreender, também, sobre o que eles produzem de “real”, de concreto, ou seja, os espaços produzidos pelo sagrado e pelo profano dentro de uma espacialidade que o evento do Círio proporciona ou se apropria de algo já existente no município de Vigia. O que é sagrado dentro do espaço é entendido aqui por objetos materiais e imateriais que surgem a partir de relações sociais relacionadas a instituições religiosas compreendidas por grupos sociais. O sagrado só existe se houver algo ligado ao sobrenatural, transcendental legitimado por uma coletividade e, entendido aqui, vinculado a divindades que podem ser animais, deuses, santos etc.

Como já foi ressaltado aqui, o sagrado manifesta - se sempre como algo que não é natural, mas ligado a realidades “sobrenaturais”. Não será entendido como sagrado especificidades ligadas ao subjetivismo individual, mas sim o que é compreendido por um grupo social, mesmo que o objeto sagrado não seja reconhecido por outros grupos, entretanto há uma legitimidade coletiva dentro de uma esfera social, como exemplo disso podemos citar a corda do Círio como um elemento sagrado que faz parte da procissão, mas que para outros grupos de

peças poderia ter uma outra finalidade não-sagrada e não legitimada, mas para os católicos a corda possui um significado coletivo construído a partir de relações sociais com esse evento que se dá no espaço geográfico ao longo dos tempos.

Assim como o Círio, a partir do seu lado sacro, pode não constituir-se para outros grupos sociais como algo sagrado, porém é objeto imaterial e sagrado por ter uma legitimidade social ao longo do tempo e por produzir espaços, ou seja, por possuir uma consolidação, também, material legitimada e institucionalizada, principalmente pela Igreja, Estado e sociedade (leigos).

Com relação aos espaços que podemos identificar por sagrados e por profanos (não-sagrados), há uma espacialidade dos mesmos no espaço turístico do Círio de Nazaré em Vigia ligados às próprias ruas do centro da cidade e de outros bairros por onde o cortejo religioso, com a presença do sagrado, transita por esses espaços que, nesse tempo, se tornam sagrados e legitimados pela Igreja católica e por seus adeptos. São ruas estreitas, da época da colonização portuguesa que são percorridas rumo a outros bairros distantes do centro histórico. O sagrado, representado, principalmente pela imagem da santa, caminha no ritual da procissão por essas ruas e volta ao seu nicho de sempre (a Igreja Madre de Deus).

As Igrejas com seus largos e praças (ver **figura 02**) passam a serem fixos sagrados ou territórios dentro da espacialidade do que o Círio precisa de concreto (base material) para acontecer com seu fluxo de pessoas ligadas às procissões.

Esses espaços irão abarcar, tanto manifestações sagradas, como profanas que estarão lado a lado, próximos, dividindo o mesmo espaço, criando territorialidades que, por vezes, em Vigia identificar-se-á conflitualidades.

Esses usos diferenciados do espaço em questão estarão envolvidos por uma gestão compartimentada por diversos agentes como estamos propondo como cerne deste trabalho no terceiro capítulo. O que nos interessa agora é compreender como se dá essa gestão desses espaços sagrados ou profanos no espaço turístico que o Círio corrobora no município de Vigia.

Pantoja (2006), ao analisar a expansão do Círio de Nazaré em Belém mostra uma espacialidade que estava restrita à aldeia de Nazaré e a Belém Colonial no século XVIII e que aumentou em volume para outros espaços, hoje, da Região Metropolitana de Belém. Em Vigia essa espacialidade estava restrita, também ao seu núcleo central próximo do rio e irá se expandir para o bairro do Arapiranga

somente a partir da década de 1980 com a construção de pontes de concreto sobre o Igarapé da Rocinha que liga esse bairro ao centro. Antes dessa década, a procissão do Círio possuía uma dimensão espacial menor, saindo da Igreja do Senhor dos Passos (Igreja de pedras) até a Igreja Madre de Deus (Matriz).

Atualmente, o trajeto ou itinerário do Círio em Vigia se dá entre a Igreja Madre de Deus (Matriz) e a Igreja de São Sebastião no bairro do Arapiranga (ver **figura 03**). Essa mudança pode estar associada ao crescimento populacional do município, juntamente com sua expansão espacial, aumentando assim, o trajeto da procissão, tanto na transladação como na procissão principal no segundo domingo de setembro.

Esse trajeto ou itinerário, durante o período do Círio, vai adquirindo feições de um espaço ou território sagrado, embora efêmero, pois durante a passagem do cortejo, a paisagem enquanto parte visível e aparente do espaço passa a possuir elementos característicos do sagrado, com as homenagens em frente das residências ou com as faixas sobre as ruas e os arcos do Círio, identificando os locais por onde as procissões vão passar.

Esse mesmo espaço do trajeto do Círio é apropriado por agentes ligados ao profano, ilustrando o conflito dentro desses territórios com suas multiterritorialidades (HAESBAERT, 2004). Fica evidente enfatizarmos a apropriação de espaços considerados sagrados e profanos pelo evento do Círio e, ao mesmo tempo pelo turismo com suas diversas vertentes no município de Vigia. O mesmo parque de diversões que é um elemento ou objeto de lazer, logo profano, é mensurado pela ação da Igreja no controle do seu funcionamento e administração, com isso há uma associação desse objeto ou espaço profano com o poder econômico que o Círio gera para a paróquia de Vigia, assim como os espaços alugados pela Igreja para uso do comércio informal durante os quinze dias de festividade nas ruas próximas do largo de Nazaré.

Com relação aos espaços onde ocorrem as festas dançantes, com ou sem aparelhagens sonoras, são espaços de eventos ligados à clubes de futebol, como a Arena do Uruitá (Uruitá Esporte Clube), a sede do Pedreira (Pedreira Esporte Clube), do Luzeiro (Luzeiro Esporte Clube) que são de propriedade de clubes tradicionais de Vigia onde são promovidas festas o ano inteiro, mas que no período do Círio são apropriadas por esse evento que dá um outro arranjo à sede.



Figura 03: O Itinerário do Círio de Nazaré em Vigia-PA



Demonstra o itinerário ou trajeto da procissão da transladação no sábado à noite (do ponto 01 e 02 – Igreja Madre de deus e Praça Argemiro Pantoja – até o ponto 03 (Igreja de São Sebastião no bairro do Arapiranga) e do Círio no domingo de manhã em sentido contrário.

As atrações da festa, geralmente, possuem uma influência regional em termos de modismo ligado a tecnologia do som, do ritmo etc. Além da apropriação da marca “Círio” como é divulgada nas suas propagandas.

A sede do Pedreira no bairro do Arapiranga junto com a sede da Escola de Samba “Caprichosos do Arapiranga” são as duas sedes tradicionais desse bairro de Vigia onde recebe a procissão da transladação e de onde sai o Círio no domingo.

Esse bairro recebe a presença de muitos visitantes relacionados a parentes e amigos dos moradores do mesmo, pois é de lá que, também, se inicia a procissão principal no segundo domingo de setembro. Esse fluxo de pessoas que se instala nesse bairro, geralmente, usufrui das festas que ocorrem nas sedes citadas aqui.

A Arena do Uruitá é a área que suporta o maior número de pessoas (50 mil) em seu espaço, logo é o ambiente de maior procura nos últimos anos pelo fluxo de pessoas que buscam esse tipo de entretenimento na festividade do Círio em Vigia. Já a sede do Luzeiro é um espaço mais social, sem a presença de aparelhagem pelo tamanho menor de sua sede localizada na esquina da Trav. Vilhena Alves com a Rua de Nazaré, em pleno centro histórico. Outras sedes de festas na periferia da cidade resurgem com o movimento do Círio, pois esse período desperta o interesse de outros promotores de inserir algum evento ligado à festa dançante para atrair a multidão que está espalhada pelos bairros da cidade como no “Sol Nascente”, Castanheira etc.

Outras sedes de eventos no município continuam em atividade, embora longe do centro, como a sede “Dois Corações” (tradicional em época de Círio). Já outras que estavam inseridas nesse circuito até algumas décadas atrás, não possuem mais a mesma função como é o caso da sede “Dance House”. Outros espaços que possuem uma extensão ampla em tamanho que não possuem a função voltada para festas dançantes, acabam sendo apropriadas para esse fim, como é o caso da garagem da empresa de transporte Estrela do Mar. Nos últimos anos, essa garagem é alugada para grandes eventos desse porte em datas comemorativas que envolve grandes fluxos de pessoas em Vigia, principalmente no carnaval e Círio.

Outras sedes menores surgiram nos últimos anos e acabam se unindo com a derrubada do muro para suportar um público intenso que está na cidade nessa época do ano, como é o caso da Arena da Latinha e da sede da Escola de Samba “Estação Primeira de Vigia”. Ambas as sedes se encontram lado a lado na Av.

Magalhães barata (bem próximas da Garagem da Empresa de transportes “Estrela do Mar”).

Essas festas espacializadas na sede do município (ver **figura 04**), se diferenciam pelo tipo de ritmo que procuram oferecer para o fluxo populacional que se encontra no espaço turístico do município de Vigia. Seja o *brega* em sua versão atual ou do passado, seja o forró, pagode ou bandas com ritmos diversos. O público se divide de acordo com suas opções de ritmos. Essa espacialidade das festas está relacionada à circulação do fluxo de pessoas que estão no município seja próximo do centro histórico ou mais distante para as periferias. Além disso, há a presença desses espaços profanos nos arredores dos espaços considerados sagrados, como é o caso da sede do “Pedreira” no Arapiranga, onde chega a procissão da transladação no sábado e sai a procissão do Círio no domingo.

As sedes dessas festas citadas aqui ocupam espaços privilegiados no que concerne ao fluxo de pessoas nos bairros e próximo dos locais onde ocorrem eventos ligados ao Círio como é o caso da transladação que vai do centro (Igreja Matriz) até o bairro do Arapiranga, onde existem duas sedes em atividades e outras desativadas nos últimos anos. Essas sedes espalhadas pela cidade se apresentam como territorialidades de agentes ligados ao mercado, pois são os promotores de festas que se organizam nesse espaço turistificado para o evento do Círio de Nazaré em Vigia que são os responsáveis por essa outra dimensão relacionada ao lazer e o entretenimento nas festas dançantes (com ou sem aparelhagem). Essas festas, apresentadas aqui, se constituem como atrativos dentro do evento maior do Círio de Nazaré em Vigia (Como será discutido mais adiante).

Assim, o espaço turístico do Círio em Vigia é apropriado, produzido e reproduzido por elementos sagrados e profanos que se espacializam e se territorializam de acordo com o fluxo de visitantes que visitam a sede do município nesse período. As intencionalidades desse fluxo de pessoas perpassam por seus interesses diversos sobre a festividade em Vigia.

**Figura 04:** Espacialidade das Festas dançantes



Mostra a dispersão das festas dançantes com suas sedes mais amplas e outras menos; tanto no centro da cidade de Vigia, como nos bairros periféricos. Essas sedes acompanham os lugares com o maior fluxo de pessoas, além de estarem próximas de espaços por onde passam as procissões do Círio, como é o caso do bairro do Arapiranga (pontos 01 e 02)

### 3.3 – O TERRITÓRIO NO CÍRIO: COMPLEMENTARIEDADE E DUALIDADE DENTRO DO ESPAÇO TURÍSTICO.

O Círio de Nazaré se enquadra numa concepção de Igreja desde a época colonial no Brasil no século XVII (controle, manutenção e difusão da fé católica) que na atualidade encontra-se com novas dinâmicas, entre elas a do turismo, seja ele religioso, de massa, cultural etc. Esse controle da Igreja Católica juntamente com a colonização portuguesa na Amazônia brasileira, criando a própria territorialidade dessa Igreja acompanhou a difusão da fé católica (ROSENDAHL & CORRÊA, 2003). O Círio que surge bem antes da apropriação do mesmo pela Igreja, tanto em Vigia como em Belém, vai adquirindo contornos de manifestação sacro/profana incorporada ao turismo a partir da segunda metade do século XX, quando essa atividade socioeconômica passa a se expandir no mundo capitalista como uma das alternativas de desenvolvimento para os lugares.

Essa gama multifacetada que o evento do Círio adquiriu no decorrer do tempo impôs ao espaço uma reformulação, ou seja, uma nova dinâmica, percebida na paisagem que toma uma nova feição no município de Vigia e nas territorialidades surgidas nesse espaço em função de interesses distintos de alguns agentes.

Esse mosaico de interesses dentro da festividade, tanto profanos como sagrados, gera conflitos entre alguns agentes envolvidos com a gestão do espaço turístico do Círio em Vigia, e partir daí, acarretará, e vão permitir o surgimento de territorialidades, embora, esporádicas e efêmeras, como será mostrado a seguir.

O território religioso muda, morre ou renasce para melhor corresponder à afirmação do poder. É marcante a relação dialética entre a política da comunidade e a ordem religiosa (ROSENDAHL, 2005, p. 03). Com relação ao território religioso Correa e Rosendhal (2003, p. 03) destacam que:

(...) é por intermédio da paisagem cultural, de seus geo-símbolos, que a cultura de um grupo se inscreve no espaço. A religião tem também os seus símbolos, que constituem marcas que identificam e delimitam um dado território religioso.

Em Vigia os agentes ligados ao lado sacro do Círio será a própria Igreja Católica com constituição de uma diretoria criada, eletivamente, de dois em dois

anos que será responsável pela parte religiosa do Círio, bem como com as atividades profanas legitimadas pela Igreja Católica, como a programação ocorrida no Arraial de Nazaré (largo da Igreja Madre de Deus).

Essa diretoria tem a função de gerir e captar recursos financeiros para promover os eventos de cunho religioso como as romarias que acontecem nos quinze dias de festividade da santa padroeira, além de eventos profanos que ganham um ar de sacro se proferidos pela igreja, como os chamados “bingões” (sorteios com prêmios de alto valor financeiro).

Essa diretoria, que é formada por leigos e o clero, administra os espaços que a igreja identifica como sendo de sua responsabilidade no município e se apropria com maior fervor durante a quinzena da festa da santa. (trataremos sobre isso com maior ênfase no terceiro capítulo).

São as Igrejas com seus largos (arraial) que a diretoria administra sua apropriação pelo mercado informal e formal. No arraial do Círio, em frente à Igreja Matriz, o parque de diversões (ver foto 02), que se instala durante os quinze dias do arraial, paga um aluguel, do espaço que irá ocupar, para a Igreja e não para a prefeitura, embora o espaço do arraial se estenda para as vias públicas (Rua de Nazaré, Trav. Noêmia Belém e Trav. Do Solimão) uma vez que não há um espaço fechado para a instalação do parque. Embora a via seja pública a Igreja toma para si o privilégio de se apropriar desses espaços que serão constituídos como o arraial de Nazaré.

Esse largo da Igreja matriz fica tomado por mercadorias de vendedores ambulantes, do mercado informal da economia, que também pagam para a diretoria da festa um valor pelo aluguel do seu espaço que varia de preço de acordo com o tamanho ocupado e os dias dentro do período da festividade. São vendidos desde comidas, bugigangas e diversão, além da presença de inúmeros jogos de azar.

**Foto 2:** Largo da Igreja Matriz em Vigia com o Parque de Diversões.



Fonte: SANTOS, Raimundo N. 2010.

Um aspecto que chama a atenção na construção desse território pela Igreja católica é a delimitação de uma área onde é estabelecida a proibição da venda de bebida alcoólica. Esse fato passou a ocorrer há uns cinco anos e foi deliberado que, dentro do largo de Nazaré num raio de cem metros a partir da Igreja Madre de Deus, seria proibida a venda de bebidas alcoólicas, assim como a circulação de pessoas portando essas bebidas no espaço delimitado (ver **figura 05**).

Esse fato causou polêmica com relação a bares e restaurantes que ficavam nesse largo e nas ruas delimitadas. Um restaurante que fica presente o ano inteiro em frente à Igreja, sempre comercializando comidas e bebidas alcoólicas, teve que aderir à deliberação da diretoria do Círio; Em entrevista feita com um dos donos desse estabelecimento foi evidenciada uma insatisfação por parte do mesmo, porém, o respeito às coisas sagradas devido a sua formação cristã junto da sua

família, foram motivos para acatar a decisão da Igreja, mesmo com algumas exceções por parte do proprietário que declarou:

“(...) Eu sou católico, vou às missas todos os domingos de manhã, mas não vou negar a venda para as pessoas que vem com a família no meu restaurante. Eles acabam fazendo vista grossa. Só uma vez que veio um guarda alterado aqui porque um rapaz estava com uma latinha bebendo no arraial e ele pensava que eu que tinha vendido. (Proprietário do Restaurante “Deus é Bom Pai”, setembro/2012)

O entrevistado ao se referir a “Eles” se reporta aos membros da Diretoria do Círio responsáveis pelo arraial. Nesse caso, é perceptível a presença de um território que se pode classificar como um *território do Círio* ou um território sagrado estipulado pela Igreja Católica enquanto agente que produz e se apropria de espaços, estabelecendo seus interesses. O poder simbólico (BOUDIER, 2001) da Igreja passa a legitimar o que não é jurídico, ou seja, o espaço que é público fora da festividade, passa a ser controlado por tal poder durante a festividade do Círio em Vigia.

Como assinalam Corrêa e Rosendhal (2003, p. 2) a respeito de territorialidades religiosas, são:

(...) como um sistema de símbolos sagrados e seus valores, envolvendo a produção, o consumo, o poder, as localizações e fluxos e os agentes sociais em suas dimensões econômica, política e do lugar. Portanto, o território está presente em todas estas dimensões.

Nosso entrevistado quando perguntado se houve alguma divergência entre ele e a Diretoria do Círio com relação à venda dentro do restaurante, ele afirmou que: “ (...) não, só reclamaram, mas não pararam, se parassem eu iria procurar meus direitos, pois essa proibição é uma solicitação da diretoria do Círio à delegacia, não é uma lei” (Proprietário do Restaurante “Deus é Bom Pai”, entrevistado em setembro de 2012).



A legitimidade da proibição desse tipo de comércio no espaço delimitado é respaldada por uma portaria da Delegacia Municipal de Polícia de Vigia, logo não uma lei como bem colocou o entrevistado. A aceitação dessa norma dentro do largo da Matriz é consolidada, ainda, pela ligação cristã dos que aderem à portaria. Até porque ainda não surgiram grandes divergências por conta dessa proibição vinda da Igreja Católica dentro desse território que é entendido aqui como sagrado por instituir uma dimensão cultural e simbólica (HAESBAERT, 2004).

Mesmo diminuindo a venda de bebida alcoólica na parte externa do restaurante que fica dentro do largo da Matriz (arraial de Nazaré), o entrevistado manteve a venda dentro do seu recinto, justificando que a fiscalização não é rígida na Boulevard Melo Palheta, onde se inclui a proibição desse tipo de comércio. Nessa rua há a presença de casas noturnas, como prostíbulos frequentados, principalmente por trabalhadores ambulantes e pescadores. Essa presença sempre foi comum desde a década de oitenta do século vinte (MAUÉS, 1995).

Como podemos observar, é estabelecida uma territorialidade que compreende uma forma de comportamento socioespacial que tem implicações normativas, onde as relações de poder se projetam também simbolicamente (PAES e OLIVEIRA, 2010).

No espaço urbano do município de Vigia, o Círio, a partir dos seus agentes sagrados, delimita o seu espaço que aqui é entendido como um território que para Haesbaert (2004) é um espaço que possui uma dimensão econômica, política e cultural. Esse território pode ser efêmero ou esporádico, porém, ele é delimitado e usado pelo evento religioso e profano em tempos diferentes (ROSENDAHL, 1996).

Uma outra delimitação dessa territorialidade no espaço que o Círio produz em Vigia está relacionada à fixação fixados arcos em alguns pontos das vias públicas identificando o trajeto do cortejo principal no domingo (Ver **fotos 03 e 04** – Arcos do Círio).

## Fotos 03 e 04 - ARCOS DO CÍRIO: A delimitação do Círio

Foto 03



Foto 04



Fonte: SANTOS, Raimundo N. 2012

Esses arcos representam não só a delimitação da presença Do poder da Igreja Católica na paisagem da cidade, mas os mesmos servem de ornamentação numa parte da cidade que recebe muitos turistas, assim os arcos do Círio, se constituem também como elementos da atração turística do Círio. Esses arcos estão dispostos em, grande parte, do trajeto do Círio. Esse trajeto que se inicia no domingo (segundo de setembro) sai do bairro do Arapiranga e atravessa o bairro do Centro pelas ruas estreitas de Vigia até chegar na Igreja Matriz. É uma manhã de caminhada conduzida pela Igreja católica que vai se apropriando do espaço da cidade por onde passa. Homenagens, rezas e cânticos fazem parte do ritual do cortejo religioso que assume uma fisionomia junto à paisagem desse território, embora esporádico.

Sobre a *territorialidade* instaurada nesse espaço turistificado do Círio em Vigia podemos recorrer ao que nos explica Corrêa (1994, p. 241) que entende que é um “(...) conjunto de práticas sociais e suas expressões materiais e simbólicas capazes de garantirem a apropriação e a permanência de um dado território por um determinado agente social, o Estado, os diferentes grupos sociais e as empresas”.

Uma territorialidade é concebida dentro do cortejo religioso e nas margens das vias públicas; é a territorialidade construída pela Igreja Católica em função do Círio.

Maués (1995) ao analisar o Círio em Vigia na década de oitenta do século vinte, evidencia a disputa de pessoas influentes no município e na região por espaços dentro da procissão (cortejo religioso), próximo da Berlinda contendo a imagem da santa, como prefeitos, ex-prefeitos e deputados estaduais que atuavam na região e no município.

Em trabalho de campo realizado em 2011 com alguns membros do Grupo de Pesquisa em Geografia do Turismo da UFPA (GGEOTUR) verificamos e analisamos a partir de entrevistas que, em grande parte, os componentes do cortejo religioso, tanto da procissão da trasladação (sábado à noite) como da procissão principal (no domingo de manhã) são vigienses que residem em Vigia ou de vigienses que retornam ao município por estarem estabelecidos em outros lugares.

Nas margens das ruas por onde o cortejo do Círio passa existe uma outra multidão composta, também, tanto por vigienses como, agora, pelos turistas que assistem à procissão passar como se fosse um “espetáculo”, atributo que convém

ao turismo cultural, quando o turista vai em busca da cultura do outro, reforçando o seu conhecimento cultural. Alguns desses visitantes chegam a acompanhar a procissão com ou sem a mesma devoção dos católicos, pois não era nossa intenção quantificar ou separar essas intencionalidades dos que estão presente no momento do Círio.

Muitos visitantes no domingo de manhã estão se preparando para retornarem para os seus lugares de origem ou ainda estão descansando do lazer e entretenimento que fizeram parte na noite anterior (nas festas dançantes) outros estão na corda do Círio, amanhecidos, como é de praxe ocorrer (algo que é contestado pela Igreja Católica quando alguns desses indivíduos, presentes na corda, apresentam sintomas de embriaguês)

No decorrer do itinerário do Círio no domingo é comum a presença de faixas estendidas nos postes de iluminação pública atravessando as vias públicas nos altos, contendo frases de homenagens à santa, espalhadas pela cidade, mas principalmente nesse trajeto que se constitui como um território efêmero e sagrado. Placas contendo a imagem de candidatos políticos, principalmente em épocas de eleição, aparecem nesse trajeto para terem uma visibilidade maior pela multidão que acompanha e assiste à procissão.

Esses elementos identificam uma territorialidade presente na festividade do Círio e esse processo ocorre, principalmente no centro da cidade onde é mais evidente o Círio de Nazaré com suas nuances dinamizando as relações sociais nesse período que foge à dinâmica do cotidiano. A mesma praça que tem uma função dentro do espaço da cidade é apropriada para ser um local de apreciação do cortejo obtendo em um só tempo, aspectos profano e sagrado. Mesmo as pessoas que não sejam religiosas e que estão presentes no momento em que está passando o cortejo, param para tentar observar o evento, mesmo com outros significados como o do espetáculo para o turista ou comercial para o vendedor ambulante ou do dono do restaurante.

Nesse sentido, Pantoja (2004, p. 38) ao observar o evento do Círio em Belém afirma que: "(...) essas manifestações acontecem em temporalidades simultâneas, propiciando ao espaço da praça a ocorrência de territorialidades múltiplas, que, ao mesmo tempo em que a ligam à devoção em seu aspecto religioso, revelam, o aspecto profano, presente na festividade nazarena". A autora se refere à Praça da

República em Belém, onde é montada uma arquibancada para apreciação da passagem da procissão do Círio na Av. Presidente Vargas. Após a passagem da procissão o território se desfaz em sua configuração.

Aqui é evidenciado que um mesmo espaço pode ser compartimentado em territorialidades múltiplas (HAESBAERT, 2006) proporcionadas por vários agentes e agrupamentos de pessoas que possuem seus interesses distintos. Porém essas territorialidades passam a ser efêmeras de acordo com a temporalidade do evento.

A Igreja estabelece no largo da Matriz em Vigia os horários de funcionamento do parque que não pode funcionar no momento em que estiver acontecendo a realização das missas durante a noite. O território sagrado é gerido por quem determina quando uma manifestação profana deve ser realizada dentro do mesmo, assim como acontece na barraca da festividade presente no largo da Matriz com seus jogos de azar e leilões promovidos pelas noitadas específicas de um segmento da sociedade vigiense; onde toda arrecadação é destinada para a paróquia administrada pela Diretoria do Círio.

Desde 2009 a Barraca está acontecendo ao ar livre, no meio do arraial, com mesas e cadeiras espalhadas em frente à Igreja com a presença de um palco de ferro montado, onde acontecem shows de músicas profanas, como *rock in roll*, pagode, MPB (Música popular brasileira) etc., além da apresentação de bandas sinfônicas presentes no município.

O território, que é sagrado, controlado pela Igreja permite o profano em tempo diferente que é permitido sob os *olhos* da Igreja.

Os lugares que são apreendidos por onde a imagem da santa passa e se instala, temporariamente, também ganham uma configuração diferente do seu tempo comum; são localidades no interior do município que são concebidas pelas romarias secundárias como a rodo-fluvial, fluvial etc. Também são partes de um território-rede, descontínuo (HAESBAERT, 2006).

O trapiche (pequeno porto que liga o continente ao rio) por onde são embarcados os romeiros e fieis para a romaria fluvial, passa a ter uma nova função, mesmo que momentânea. Algumas vezes o trapiche passa por reformas para atender esse evento e fica esquecido pelas autoridades competentes pelo resto do ano (ver foto 05).

**Foto 05** – Trapiche Municipal do município de Vigia

Fonte: SANTOS, Raimundo N., 2012

Essa espacialidade que o Círio proporciona para além da sede do município está associada à incorporação do rio como elemento natural presente na realidade da imensa Região Amazônica. Essa incorporação do rio aos trajetos de procissões secundárias se inicia em Belém na década de 1990 e surge na festividade nazarena em Vigia já na segunda metade da mesma década do século vinte com os Padres Barnabitas que ocupavam simultaneamente a Basílica de Nazaré em Belém e a Paróquia de Vigia nessa época, ou seja, essa congregação religiosa possuía a gestão da paróquia em Belém e em Vigia, fazendo com que houvesse ações interligadas no que concerne a realização do Círio de Nazaré nessas duas paróquias.

Em Vigia, a procissão fluvial (ver **foto 06 e 07**) não possui a mesma conotação turística que acontece em Belém com a presença de operadoras de turismo e a presença marcante de embarcações das comunidades ribeirinhas.

Desde quando surgiu na década de 1990 a coordenação do Círio em Vigia detectou algo peculiar que vinha enfraquecendo a procissão fluvial ao longo do tempo, que é a presença de muitos donos de embarcação, que atuam em Vigia, não serem vigienses, logo não comungam da mesma cultura local e muitos são de outras doutrinas cristãs. Assim, não aderem à procissão fluvial.

**Foto 06 e 07** : Procissão Fluvial do Círio de N. Senhora de Nazaré em Vigia-PA

Foto 06



Fonte: Raimundo N. dos Santos, 2012

Foto 07



Fonte: Raimundo N. dos Santos, 2012

Isso nos foi informado por um entrevistado que esteve à frente da Diretoria do Círio durante quatorze anos. Segundo o nosso informante, a Diretoria do Círio encaminha ofícios-convites para os donos de embarcações participarem da procissão fluvial, até a Colônia de Pescadores do Município que é convocada para participar dessa articulação junto aos donos de embarcações, mesmo assim o pequeno número de embarcações (ver **foto 06**) nessa procissão no sábado de manhã tem ocorrido em número reduzido, embora o município de Vigia seja considerado um polo pesqueiro importante no Norte do Brasil com uma grande quantidade de embarcações de pequeno e grande porte e na produção anual (SIQUEIRA, 2009).

Retomando aquilo que é marcante na atmosfera da festividade do Círio de Nazaré em Vigia, recorremos a algo que chama a atenção há muitos anos nesse Círio, a presença das festas dançantes com, ou sem, aparelhagens sonoras. Essas festas tomam papel de destaque no município o ano inteiro, mas é no Círio que elas passam a ter uma função específica: atrair pessoas interessadas em vir para a “festa do Círio”.

Durante o trabalho de campo de 2011 foi aplicado questionário próximo de algumas sedes dessas festas que ocorrem nas vésperas do Círio em Vigia e um dos objetivos a serem alcançados era saber a origem desse público que se fazia presente nesses espaços e qual o motivo que os atraía para essas festas em Vigia nesse período (ver apêndice). Muitos responderam que eram de lugares pertencentes a Região Metropolitana de Belém (RMB) e de municípios do Nordeste paraense, como Marapanim, Curuçá, Castanhal, Santo Antônio do Tauá e outros. Estavam nessas festas pelo tipo de ritmo que elas estavam oferecendo e a Aparelhagem que estava nesse local. O público escolhe a festa que está mais associada ao seu perfil, pois um público com uma faixa etária a partir dos 35 anos procura festas que tocam músicas consideradas do passado que são, em grande parte, mais lentas. As festas com um público mais jovem é atraída por pessoas a partir dos 17 anos até os 30 que vão em busca dos ritmos do momento, principalmente o *tecnobrega* que, atualmente, possui uma versão mais acelerada relacionada com as festas de música eletrônica vindas da Europa no início dos anos dois mil deste século.

Muitos desses indivíduos entrevistados vieram nesse ano apenas para a festa de aparelhagem do Círio. Muitos vêm em carros próprios e retornam para seus lugares de origem assim que a festa termina. Outros estavam em excursões organizadas pelos comunitários do bairro onde vivem em Belém e retornariam somente à tarde no domingo (depois do almoço). Desse público, alguns iriam ver a procissão do Círio passar (declararam), outros gostariam, mais estariam dormindo, descansando da festa. Um indivíduo perguntou para a nossa equipe em campo se a cidade de Vigia possuía rio! O mesmo declarou que ainda não teria dado tempo para ele conhecer a cidade, pois veio somente para a festa e iria retornar após o seu término.

Essas aparelhagens que cresceram em tamanho e atuação regional se modificaram ao longo do tempo com a sofisticação da tecnologia. Constituem-se em grandes empreendimentos sonoros que realizam festas dançantes em lugares amplos para uma maior quantidade de pessoas. As mais requisitadas são os empreendimentos sonoros de Belém e de alguns municípios do Nordeste paraense que estão presentes no Círio em Vigia. Alguns empreendimentos se adaptaram e se especializaram em só um tipo de ritmo, como os bregas do passado, justamente para atrair (durante o ano todo) um público que resiste ao estilo do *tecnobrega*, com ritmos eletrônicos e acelerados.

Estivemos presentes dentro de uma das festas no Círio de 2011 que ocorre na Área de Eventos do Uruitá (o maior espaço para eventos de grande porte em Vigia) e presenciamos alguns elementos no decorrer da festa que se equipara aos rituais sagrados: o espaço de comando da aparelhagem é semelhante a um grande palco com um telão que passa várias imagens, onde o principal ator é o indivíduo que comanda a festa, o D’J (Disc Jockey). Esse indivíduo, além da aparelhagem sonora com toda a sua tecnologia, passa a ser o centro das atenções, pois além de criar a animação dentro das sedes, ele é responsável pela seleção musical que dinamiza a festa e a diferencia das demais. Algumas pessoas em entrevista disseram ir para determinada festa em função também do seu D’J.

Esse indivíduo que está à frente da festa e é responsável pela seleção das músicas com seus ritmos diversificados, possui também a função de animação através das suas falas no microfone no decorrer da festa toda. Como num ritual religioso ele possui voz de comando para as pessoas fazerem gestos com seus corpos, principalmente levantando as mãos no sinal do D’J.

Isso ocorre nas festas de aparelhagem o ano inteiro. Mas o que chamou a nossa atenção foi a reprodução de um dos hinos oficiais do Círio no Pará (“Vós sois o lírio mimoso”), tanto no início, como no final da festa que estivemos presente. Além disso, houve show pirotécnico (queima de fogos) em homenagem à santa padroeira. Houve aí uma reprodução de um elemento sagrado dentro de um espaço profano sob o comando de um indivíduo que também é o centro das atenções que pediu um minuto de silêncio e reverenciou a padroeira da paróquia de Vigia: Nossa Senhora de Nazaré.

Essas festas passam a ser um dos atrativos do espaço turístico do Círio em Vigia, pois, como já foi dito, são milhares de pessoas que buscam o município no período do Círio com intenções distintas (acompanhar a procissão, frequentar as festas de aparelhagem; e os que vão para ambos). Outro fluxo de pessoas que visitam o município é o de comerciantes que se apropriam desse espaço para comercializar seus produtos e serviços tanto nos espaços sagrados como nos profanos.

As festas de aparelhagem ocorrem no município em várias partes do seu espaço urbano, tanto no centro como na periferia. Há algumas que estão próximas do trajeto do Círio, mesmo não mais acontecendo quando o cortejo religioso vai passando.

Essas festas consideradas profanas (não religiosas) não são bem aceitas pela gestão da Igreja sobre o Círio no município. Já houve várias tentativas de aboli-las com a presença de abaixo-assinados para a constituição de uma lei municipal que viesse a proibir tais festas nas vésperas do Círio, realizados por agentes da Igreja consultando a população vigiense. Não havendo muito êxito, pois a maioria da sociedade vigiense acredita que sem as festas de aparelhagem e outras com shows de bandas em casas noturnas da cidade, o comércio enfraqueceria e quem poderia perder seria o município. Esse foi um dos argumentos para a maioria das pessoas não assinarem seus nomes no documento encaminhado pela Igreja Católica. Mesmo assim a Igreja conseguiu o número estipulado para gerar um processo de criação de lei municipal por ação popular (5% do eleitorado do município). Foram colhidas aproximadamente nove mil assinaturas.

Ocorreram outras tentativas para antecipar essas festas para a sexta-feira e não no sábado como acontece. Essa proposta também foi rejeitada pelos promotores de festas ligados ao mercado que afirmam que a maioria do fluxo de pessoas que visitam a cidade nessa época chega no sábado e não na sexta-feira (Antevéspera do Círio).

Outras tentativas de diminuir a atuação dos promotores dessas festas no período do Círio perpassaram pela Câmara de vereadores do município para que dessem encaminhamento a criação da lei de ação popular que também não teve desdobramentos mais consistentes. Houve manifestações populares contra a proibição dessas festas tendo a frente os promotores que possuem uma associação

organizada há três anos no município e possuem influência política e econômica dentro de Vigia.

Essas festas dançantes, com ou sem aparelhagem fazem parte de uma tradição, senão de um ritual incorporado pela comunidade local e externa, há muito tempo, pois muitas pessoas que possuem a devoção da santa, vão à noite do sábado na procissão da transladação (até às 21 horas) e depois vão em busca da festa profana; já no domingo acompanham o Círio com seu vestuário novo, comprado especialmente para esse período de festividade.

Mas sem dúvida, existe pessoas que buscam o município somente para frequentarem essas festas, pois sabem que não é uma festa comum, mas algo diferenciado das outras que ocorrem durante o ano. Os próprios promotores desses eventos sabem disso e colocam em suas propagandas faixas, sonoras e outras: FESTA DO CÍRIO DE VIGIA. Muitos frequentadores dessas festas declaram em seus lugares de origem que estiveram no Círio de Vigia, quando na realidade ocuparam, em grande parte, o espaço da festa que participaram no sábado à noite. Acabam generalizando sua atuação na festa de aparelhagem como se estivessem também no Círio como um todo, daí dizer que o Círio envolve uma atmosfera maior ligada aos aspectos sagrado e profano.

A “Festa” do Círio passa a ter uma conotação de sagrada por essas nuances que acontecem em suas configurações socioespaciais, por ser uma festa diferente da que ocorre em outros momentos e por se apropriar de elementos que pertencem aos rituais sagrados, como a queima de fogos com a ilustração do desenho da santa e músicas ligadas ao Círio.

Já houve épocas em que se contabilizou 18 festas dançantes no sábado (véspera do Círio). Isso chama a atenção de quem é contra essas festas, pois justificam contestando a respeito da violência que ocorre na cidade em função de pessoas alcoolizadas que podem gerar algum tumulto. Atualmente esse número diminuiu ficando em torno de 8 festas.

Essas festas embora não agradem o lado sacro do Círio vêm se dinamizando e se mantendo até os dias atuais, atraindo milhares de romeiros, turistas, comerciantes, etc., para um espaço considerado pequeno que é o espaço urbano de Vigia, que passa a ser turístico por estar envolvido numa atmosfera que o Círio de Nazaré proporciona pela sua dimensão, tanto sagrada, como profana. O espaço de

circulação das pessoas e veículos vão desde o largo da Matriz até a frente dos recintos dessas festas tomada por uma multidão.

Muitos desses visitantes possuem amigos ou parentes em Vigia e organizam os chamados *pick-nicks* (excursões) que chegam no sábado (a tarde ou a noite) e retornam após o almoço do Círio).

Participar dessas excursões representa se deslocar de seu lugar de origem para outro que está oferecendo lazer, entretenimento e fé. Custa pouco, financeiramente, fazer esse tipo de turismo, pois muitos desses visitantes são de baixa renda, o que acarreta certo preconceito por parte dos agentes da gestão do Círio. Porém, são turistificadores do espaço por se apropriarem do mesmo e decidirem o que vão consumir, usufruir e o que vão fazer no mesmo. O que é turistificado acaba sendo uma invenção (CRUZ, 2002) por agentes envolvidos em sistemas de ações (SANTOS, 1996).

Outro aspecto que vale aqui ressaltar aqui é a forma como os promotores desses eventos festivos se apropriam do momento da festividade do Círio, pois associar a festa profana ao evento sagrado (Círio) é semelhante ao que a Igreja promove em seu largo de Nazaré com eventos profanos que para ela é permitido, como os shows, bingos e leilões ao ar livre na barraca da festividade.

Os promotores das festas de aparelhagens fazem alusão ao sagrado se apropriando de seus elementos, embora em tempos diferentes (ROSENDAHL, 2004). Porém, num mesmo espaço, sagrado e profano se misturam e se complementam, embora sejam dicotômicos em outras circunstâncias. Essa apropriação da imagem ou marca do Círio, também não é tão admitida pela Igreja, embora não existam ações legitimadas para mudar essa situação dentro das festas.

Nesse sentido, esse espaço turístico produzido no Círio do município de Vigia, na segunda quinzena de setembro todos os anos, é gerido e apropriado por agentes que possuem interesses distintos e se apropriam a partir de suas estratégias de poder dentro da sociedade. Desde o Pároco com a diretoria do Círio, o prefeito do município, os comerciantes (formais e informais) e os promotores das festas com sua associação e os moradores locais, mais os visitantes (turistas) fazem parte de uma dinâmica de apropriação e produção desse espaço voltado para o evento do Círio. O mesmo passa a proporcionar uma dinamicidade ao espaço

vigiense construindo e reconstruindo territórios (profanos e sagrados), além de instigar uma territorialidade a esse espaço a partir de seus agentes citados aqui.

O Círio de Nazaré como foi enfatizado até agora, não é só uma procissão, mas uma manifestação, um evento aglutinador populacional capaz de transformar o espaço e a sociedade onde ocorre tal festividade não só religiosa, mas profana diante da nova dinâmica que o mercado, a mídia, o Estado e a própria Igreja Católica lhe impõe como foco de suas ações. Corrobora com conflitualidades dentro de territorialidades distintas e que deve ser gerido por uma política governamental a fim de amenizar tais conflitos.

Abolir as festas profanas é um exemplo de ruptura que iria dar outra roupagem para esse evento que ocorre em Vigia. Infelizmente o Círio de Nazaré é pouco apreendido como um elemento ou atrativo turístico no estado do Pará que deveria ser investido a partir de políticas públicas.

Dá-se uma atenção tênue para dimensão socioespacial que esse evento proporciona em termos de desenvolvimento socioespacial para a região onde ele ocorre. Para isso, é necessário entender melhor esse fenômeno não só cultural, mas espacial, cultural e turístico que o Círio se transformou ao longo dos anos. Este trabalho poderá propor e identificar subsídios teóricos e empíricos capaz de compreender melhor essa dinâmica como prerrogativa para políticas governamentais que possibilitem o desenvolvimento regional, congregando vários elementos dessa região tendo o Círio de Nazaré, ou de outros padroeiro(a)s, como fator que chama a atenção e que pode ser um dos vetores para fomentar tal desenvolvimento socioespacial dirimindo conflitos e fomentando a qualidade de vida da sociedade envolvida.

## **4. SOBRE A GESTÃO DO ESPAÇO TURÍSTICO: O “FAZER” PARA O “ACONTECER” DO CÍRIO DE NAZARÉ EM VIGIA**

*Quando se deseja conhecer uma realidade, deseja-se conhecer aquilo que a explica: do que ela se compõe, que forças a mantêm, como chegou ela a ser o que é etc.*

Marcelo Lopes de Sozsa

Ao chegarmos até aqui, passaremos a evidenciar com maior consistência a parte empírica deste trabalho a respeito da gestão do espaço turístico do Círio de Nazaré no município de Vigia, analisando e entendendo a dinâmica socioespacial que ocorre antes, durante e depois da festividade do Círio com seus agentes responsáveis por essa gestão, sendo o cerne do nosso objeto de pesquisa. Mas antes de adentrarmos na forma como se dá essa gestão, é importante que se esclareça como o conceito de “gestão” vem sendo trabalhado no campo da geografia nos últimos tempos para podermos comparar com as políticas públicas criadas e direcionadas para o Círio enquanto um recurso cultural e turístico no Estado do Pará.

Muito, até agora, se escreveu sobre gestão e seu significado passou a ter uma interpretação dual e ao mesmo tempo complementar, no sentido de haver um ponto em comum entre as diversas interpretações do conceito. Alguns autores apontam para o duplo sentido colocando a gestão como o ato de *gestar* ou *gerir*. O primeiro estaria ligado à formação de *algo* e a sua sustentação, já o segundo à administração, gerenciamento e direção. Nesse sentido, os dois posicionamentos apontam para a culminância do gerenciamento e criação no âmbito da gestão

Associando a gestão ao espaço ou ao território, muitos geógrafos fazem uso desse conceito para interpretar as ações sociais que ocorrem no espaço e que nele se materializam em territorialidades. Becker (1991) ao falar de gestão e “gestão do território”, explica que a gestão se estabelece como uma forma de controle, e a “gestão do território” como prática estratégica, científico-tecnológica do poder no espaço, integrando elementos de administração de empresa e elementos da governabilidade.

Durante muito tempo se entendeu a gestão apenas associada ao plano governamental (estatal) ou empresarial (privado). Atualmente, com a fomentação de discursos ambientalistas e democráticos, a figura do Estado passou a dialogar com grupos sociais em diversos níveis e escalas, pois os movimentos de categorias de trabalho diversas e de outros setores da sociedade passaram a requerer suas participações na gestão dos espaços, seja ele regional ou local.

Segundo Correa (1995, p.15), ao conceituar a gestão do território, nos diz que é:

(...) o conjunto de práticas visando, no plano imediato, à criação e ao controle de uma dada organização espacial, entre eles a

concentração e a dispersão das atividades no espaço. Em última instância a gestão do território, uma faceta da gestão econômica, política e social, constitui um poderoso meio através do qual se viabiliza a reprodução da sociedade como um todo.

Esse autor dá ênfase ao controle das ações no espaço e de sua reprodução como instrumentos da gestão. Nesse sentido, o conceito de gestão está intrinsecamente ligado a um campo de forças entre interesses distintos e específicos na organização/estruturação de um determinado espaço/território.

A gestão do espaço/território está envolvida por agentes distintos que se apropriam e se territorializam a partir de práticas distintas como podemos discernir do que vem acontecendo no espaço turístico do Círio em Vigia.

Souza (2010, p. 46) ao se referir a gestão nos esclarece que esse termo “(...) traz para alguns observadores, a conotação de um controle mais democrático, operando com base em acordos e consenso, em contraposição ao planejamento, que seria mais tecnocrático”. Esse autor demonstra que há uma diferença entre o ato de planejar e gerir.

Nesse capítulo procuraremos analisar o papel de alguns agentes que fazem parte da gestão como o Estado com suas ações governamentais, a Igreja católica com seu poder, ora simbólico, ora jurídico, o mercado e os moradores locais, bem como, os turistas. Todos fazem parte de uma complexa rede de interesses no espaço que se transforma e se reproduz dentro de um campo de forças. Sendo que alguns agentes fazem parte da gestão como legitimadores da mesma com suas ações no espaço. Já outros agentes são subalternos dentro da gestão, aceitando ou refutando as ações políticas, econômicas e culturais no espaço. Aqui encontraremos exemplos de que os planejamentos ligados às políticas públicas possuem uma discrepância com relação à gestão que seria a execução dessas políticas.

#### 4.1 - POLÍTICAS PÚBLICAS E GESTÃO VOLTADAS PARA O CÍRIO ENQUANTO RECURSO CULTURAL E TURÍSTICO NO ESTADO DO PARÁ

Nossa busca por documentos que pudessem nos mostrar o que os órgãos de governo pensam sobre o Círio no Estado do Pará para podermos chegar até o município de Vigia, seria frustrante se não tivéssemos como hipótese que “não existe algum tipo de Plano específico na esfera pública que fomente o Círio de

Nazaré como um recurso turístico e cultural”. Nossa busca por fontes documentais nos levaram a algumas ações pontuais que falam apenas da valorização dos elementos culturais e aí entra o Círio no Estado do Pará e na Vigia.

Não existe um documento consistente e sistematizado que elenque o Círio como algo específico que deva ser valorizado e inserido como um elemento turístico religioso ou cultural e que possa fomentar desenvolvimento no estado do Pará. O que temos em nível da capital, Belém, é o registro do Círio de Nazaré como patrimônio cultural imaterial do Brasil realizado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Artístico Nacional) em 2004.

A partir do inventário dos bens culturais que pertencem e caracterizam essa manifestação cultural em Belém, criou-se um dossiê e em seguida a criação de um Plano de salvaguarda para que houvesse a valorização e manutenção de alguns elementos que reforçam o Círio de Belém como um bem cultural que precisa ser preservado, bem como nos informou a Superintendente do IPHAN em exercício, Dorotéia Lima, ao ser entrevistada em dezembro de 2012.

Alguns eventos foram desenvolvidos, na capital e no interior do Estado do Pará, ligados a exposições do Círio, oficinas de artesanato etc. promovidos pela SECULT, mas que não adquiriu uma proporção maior onde ocorrem esses Círios.

Mesmo assim, essas ações se apresentam como um vetor para a partir daí desenvolver outras políticas e ações mais específicas voltadas para o Círio no Estado do Pará.

Outras ações no Estado do Pará apontam para o Círio de Nazaré como um elemento cultural que deva ser investido materialmente nos municípios e a partir daí acontecem alguns patrocínios e promoções pontuais via SECULT (Secretaria de Cultura do Estado do Pará) e PARATUR (Companhia Paraense de Turismo), voltados para alguns municípios que possuem Círio. Entre outras ações de fomentação do Círio, estão a divulgação desses eventos em *sites* da esfera governamental.

Os Planos de Desenvolvimento Turístico no Estado do Pará como o de 2001-2011 (PDT) e o atual que está em evidencia a partir de 2012 denominado “VER-O-PARÁ” mostram alguns pontos de mudança entre ambos, como a valorização e fomentação ao turismo cultural tendo a cultura do estado do Pará como um produto a ser explorado, e nesse sentido, mais uma vez, deverá aparecer o Círio como

manifestação religiosa que se insere no turismo cultural ou religioso. Porém, esse último Plano está em fase de acabamento e formatação. Outro elemento novo que surge nesse Plano de 2012 é a presença do turismo de base comunitária que podemos ressaltar como um turismo alternativo ao turismo de massa, valorizando assim, as comunidades envolvidas dentro da atividade turística sustentável e responsável social e ambientalmente (BARTOLO ET AL 2008).

Outro fator que corrobora para a mudança na estrutura governamental das políticas públicas de turismo neste Estado é a criação em 2012, da Secretaria de Turismo do Estado do Pará (SETUR) que ficará responsável em planejar e fomentar as políticas de turismo, cabendo à PARATUR a promoção do produto turístico do Estado do Pará.

Embora as Políticas Nacionais de Turismo no Brasil desde a década de 1980 tenham atentado nas suas diretrizes para que houvesse um desenvolvimento do turismo levando em consideração as sociedades envolvidas em determinadas regiões do país, o que se observou a partir de muitos trabalhos que se realizaram no âmbito das universidades e Centros de pesquisas no Brasil, e que a prática dessas ações que vieram dos Planos se distanciou da teoria.

Muito se falou e se discutiu sobre desenvolvimento para os países capitalistas, principalmente após a segunda Guerra Mundial, e esse termo fez parte dos inúmeros planos políticos setoriais no Brasil desde a década de 1950. Porém a ideia de desenvolvimento num primeiro momento esteve associada a uma roupagem economicista como bem colcoca Bursztyn et alli (2009,p. 77) ressalta que:

(...) os anos 1950 marcou a discussão sobre as estratégias políticas e econômicas que permitiriam às nações menos favorecidas efetivar a superação da miséria. Nesse campo de debate, a ideia de desenvolvimento carrega um significado positivo, vinculado a um tempo futuro, onde se podem efetivar as potencialidades do mundo que se quer, e não a mera replicação do mundo em que se vive. Por outro lado, ela tem sido em geral vista por uma perspectiva economicista que a vincula à noção de prosperidade e a associa ao processo de produção de riquezas, o crescimento econômico das nações.

Podemos verificar nos trabalhos de Cruz (2002) que a implementação de megaempreendimentos no litoral do Nordeste brasileiro só veio beneficiar atores

hegemônicos que se apropriaram do espaço ligado à praia com seus financiamentos via PRODETUR (Programa de Desenvolvimento do Ecoturismo). O próprio Estado forneceu subsídios para que esses megaempreendimentos relacionados a grandes hotéis, parques aquáticos, rodovias etc, fossem implementados pelo mercado.

Esses são alguns dos exemplos do que as políticas públicas de governo podem fazer na prática quando os interesses ligados a alguns agentes são considerados como prioritários. Pois se privilegia uns em detrimento de outros.

Quando se trata de verificarmos as ações práticas dessas políticas públicas de governo no espaço, passamos a analisar como se deu a gestão de tais ações e aí é importante ressaltarmos que a gestão se diferencia do planejamento, pois a primeira está ligada às ações na prática (do fazer) enquanto que o segundo está na base da teoria como algo ideal, ligado a um conjunto de intenções que em dadas circunstâncias podem se apresentar como utopias. Sobre essa diferenciação a respeito da gestão e do planejamento no espaço urbano, Souza (2002, p. 46) nos mostra que:

O planejamento é a preparação para a gestão futura, buscando-se evitar ou minimizar problemas e ampliar margens de manobra; e a gestão é a efetivação, ao menos em parte (pois o imprevisível e o indeterminado estão sempre presentes, o que torna a capacidade de improvisação e a flexibilidade sempre imprescindíveis), das condições que o planejamento feito no passado ajudou a construir. Longe de serem concorrentes ou intercambiáveis, planejamento e gestão são distintos e complementares.

O autor acima, mesmo distinguindo planejamento de gestão, ressalta a sua complementaridade. O planejamento está contido dentro das políticas públicas, estabelecendo as diretrizes, metas e objetivos a serem seguidos enquanto caminho. A gestão, embora esteja ligada ao planejamento, pode ser o reflexo da contradição do que se estabeleceu na teoria se as execuções das intenções contidas na teoria não se apresentarem em consonância.

Porém, sempre haverá políticas públicas e sempre estaremos questionando suas aplicabilidades no espaço, interferindo constantemente nas diversas escalas. No entanto, a gestão levando-se em consideração os diversos agentes envolvidos dentro da mesma dependerá do nível de democracia, discernimento de forma crítica da sociedade envolvida, reconhecendo os seus direitos enquanto sujeitos atuantes no estabelecimento de seus destinos com autonomia (SOUZA, 2010).

Quando passamos a procurar documentos governamentais na esfera municipal, nossa frustração seria maior se não tivéssemos o entendimento que assim como na esfera Estadual, não haveria na escala local, pois como hipótese, seria mais agravante, pela falta de conhecimento de causa por parte de muitos governantes de municípios da Região Amazônica que desconhecem a sua própria região ligada aos saberes regionais dos primeiros povos que tiveram contato com outros povos externos, surgindo assim uma cultura cabocla, na qual o Círio se insere. Pois, muitos governos municipais são frágeis no que concerne ao ato de planejar e criar ações que associem os seus elementos culturais como recursos turísticos que possam inserir as suas comunidades para que haja uma melhoria na qualidade de vida das mesmas.

Em Vigia, faz menos de uma década que se criou uma Secretaria de Cultura e Turismo. Em muitos municípios da Região Norte, algumas dessas secretarias de Cultura e turismo estão vinculadas às Secretarias de Educação, como era o caso de Vigia até 2004.

Existe uma lei municipal em Vigia, criada recentemente, que coloca o Círio como Patrimônio Cultural do município com o intuito que haja uma preservação e criação de convênios entre a Prefeitura e a Igreja, uma vez que o poder público não pode, pela Constituição Federal, repassar verba pública para uma instituição religiosa.

Com a criação dessa lei, de autoria do Vereador Raimundo Alves da Costa, a Prefeitura pode repassar verba pública para a manutenção de um patrimônio cultural municipal. No ano de 2011 foi orçado R\$ 35.000,00 (trinta e cinco mil reais) para a Prefeitura repassar para o Círio de Vigia, entretanto foi destinado apenas 15.000,00 (quinze mil reais) segundo nos informou em entrevista o vereador autor desta lei.

No ano de 2012, por questões políticas, a prefeitura de Vigia não repassou nenhuma quantia financeira para o Círio, mesmo a lei estando em vigor. Pelo fato do Círio se tornar através dessa lei um Patrimônio Cultural do município, caberia à prefeitura dar a contrapartida para que o mesmo aconteça, mesmo a partir da gestão da Igreja. A questão política emperra o processo de repasse de recursos financeiros da Prefeitura para o Círio em momentos em que Pároco e prefeito atual estão em lados opostos (não assumidos oficialmente) na sucessão dos pleitos municipais.

Com relação às ações turísticas desencadeadas para promover o Círio enquanto um recurso turístico dentro da dimensão religiosa pela gestão da prefeitura, isso varia muito de governo para governo, pois há alguns anos havia *outdoors* espalhados por outros municípios do Nordeste paraense e Região Metropolitana de Belém, patrocinados pela Prefeitura de Vigia e outros pela Diretoria do Círio. Já em outros anos isso não foi possível.

O conflito ideológico entre Estado e Igreja quando estão em posições políticas contrárias impossibilita essas ações mais efetivas para constituir o Círio como vetor de desenvolvimento a partir do seu acontecimento todos os anos. Divergências políticas entre a paróquia e a Prefeitura impossibilitam uma gestão eficaz relacionada ao Círio em Vigia, como foi o caso deste ano de 2012. Inviabiliza o próprio ritual sagrado da Instituição católica, assim como não se evidencia a preservação de um elemento ligado ao patrimônio histórico não só do município, mas do Brasil e do Estado do Pará. Além disso, o turismo que acontece dentro dessa atmosfera do Círio é outro aspecto que fica comprometido, logo o comércio do município nessa época do ano.

Porém, como muitos autores pregam: o turismo não será a atividade que tirará as sociedades do caos ou será uma espécie de “salvador da pátria”, mas essa atividade pode se constituir como mais uma das alternativas que os lugares possuem para gerar renda e contribuir para uma cidadania efetiva de seus moradores, melhorando a qualidade de vida.

Pensar o turismo que insira os elementos culturais de um lugar, sendo apropriados pela comunidade local para que haja uma reciprocidade entre visitantes e visitados, faz parte do que vem sendo discutido no âmbito da academia como *turismo sustentável* ou *turismo situado* (BARTHOLO, 2009). Esse tipo de conhecimento a respeito do turismo falta ainda às secretarias de Turismo e Cultura dos municípios espalhados pelo Pará que ainda não dão prioridade para essa atividade socioeconômica, embora os lugares possuam as potencialidades com seus elementos culturais e naturais, como é o caso do município de Vigia-PA.

Muito das políticas públicas voltadas para a Amazônia brasileira com Planos e ações governamentais levaram em consideração apenas os elementos ligados à natureza a serem explorados como recursos turísticos, e nesse sentido, a prioridade dessas políticas públicas passou a ser o turismo de natureza ou o ecoturismo com a

contemplação da floresta associada ao rio, como se não existissem sujeitos sociais com modo de vida, com suas histórias e cultura.

Até os dias atuais, a imagem que se tem da Amazônia nos meios de comunicação propagados no mundo inteiro é de uma região selvagem e habitada por povos tradicionais. Uma imagem bucólica que é vendida como produto turístico a ser consumido por ecoturistas.

Coelho (1998) ao analisar a representação dessa imagem que se tem da Amazônia dentro das políticas públicas de turismo, aponta que grande parcela do discurso ecológico e, conseqüentemente, ecoturístico são os grandes veiculadores da visão de natureza destituída de sociedade, ou seja, como se a natureza fosse formada somente por seus elementos naturais.

Nos dizeres de Coelho (1998, p. 71):

(...) os discursos esposados por muitos defensores do ecoturismo difundem uma visão de natureza que prescindem da sociedade. Esta visão estreita de natureza contribui para perpetuar formas antigas de pensar e representar a natureza amazônica, ou ainda, uma natureza destituída de sociedade e, portanto, de complexidade.

Essa imagem também reforça o autoritarismo de algumas medidas governamentais que tinham a ideia sobre a Amazônia (desde a década de 1960) como um vazio demográfico. Atualmente esta imagem vem sendo desmistificada aos poucos quando alguns Planos Estaduais passam a inserir o elemento cultural como “carro-chefe” das suas ações futuras, revalorizando a cultura de um povo que foi sendo construída no tempo e no espaço. Essa cultura está ligada às danças, aos diversos ritmos musicais, à religiosidade, às tradições e aos hábitos alimentares que envolvem elementos gastronômicos ligados ao rio e à floresta.

É a partir da perpetuação, até aqui, da imagem da Amazônia como uma grande floresta, onde se contemplaria apenas o rio, a vegetação e os animais, que se negligenciou a cultura que existe nessa região ao Norte do Brasil, cortada pela linha do Equador e que foi objeto de disputa por vários povos europeus que deixaram o seu legado cultural na mistura com os povos que aqui já se encontravam, como os indígenas.

A cultura ligada à religiosidade da sociedade que existe no Estado do Pará (que faz parte do contexto amazônico) também foi omitida nos diversos Planos de

Turismo anteriores e somente na atualidade dá-se uma maior importância para essa questão, procurando quebrar com essa imagem apenas bucólica. Porém, ainda não se sabe o que acontecerá no futuro na prática a partir dessa nova concepção de política pública e qual a gestão que será implementada na prática? O que sabemos é, que até aqui a gestão acontece de forma desarticulada com as intenções que se apresentam em alguns Planos como no PDT (2001-2011). Algumas ações são pontuais e nunca integradas com outras esferas de governo. Essa é uma fragilidade das políticas públicas no Estado do Pará relacionadas ao turismo e à cultura: a falta de sintonia entre os agentes de governo (SIQUEIRA,2003). Isso ocorre, na maioria das vezes, por disputas por espaço dentro do próprio governo, se estabelecendo assim, conflitos internos em mandatos que duram apenas quatro anos.

Além de não haver sintonia nas políticas públicas com relação à execução dos planos com seus objetivos, metas e diretrizes, alguns governos estaduais não ajudam governos municipais pelo simples fato de haver uma divergência das cores e legendas partidárias, embora esteja na constituição brasileira a possibilidade de convênios e parcerias entre as diversas escalas de poder dentro da União, isso só ocorre se houver interesses específicos.

Assim como os projetos inacabados de governos anteriores de legendas partidárias contraditórias, política e ideologicamente, não são encaminhados para o seu término, tanto na esfera Estadual, como municipal. O governo que sucede o anterior, autor do projeto inacabado, procura não dar continuidade pelo simples fato de querer, estrategicamente, apagar o passado do seu adversário político.

Essa é uma herança paternalista e arcaica que ainda predomina, principalmente, na Região Norte e Nordeste do Brasil desde a sua colonização. “Isto implica pensar uma política de turismo integrada a uma política de desenvolvimento mais ampla, cujo foco deve estar na inclusão social por meio da afirmação da identidade cultural e da cidadania como suporte da ampliação do exercício efetivo de liberdades substantivas” (BURSZTYN *ET ALI*, 2009,p. 81).

Assim, a gestão, associada às ações práticas, distorcidas do que se pretendia na teoria com as políticas públicas ligadas ao turismo na Amazônia e no Estado do Pará passa a ser um grande entrave para o tão almejado desenvolvimento, embutido nesses planos como a grande meta a ser almejada. Entretanto, esse dito desenvolvimento, aparece com uma roupagem economicista (como foi mostrado

desde o início), privilegiando a grande obtenção de divisas que na prática não se refletem em desenvolvimento social para a sociedade envolvida nos lugares onde acontecem as ações. As mesmas políticas de turismo que negligenciaram o elemento cultural ligado à religiosidade da Região amazônica, agora tenta resgatar o que passou a ser visto como uma prioridade: resgatar a cultura da sociedade amazônica associando-a à natureza.

Essa premissa atual ganhou força a partir da divulgação dos eventos culturais que ocorrem na Amazônia, pela mídia nacional, como os festivais gastronômicos, os eventos festivos e religiosos etc. O Círio de Nazaré ganha uma amplitude maior pelo que os veículos de comunicação levam para vários lugares do Brasil e do mundo afora. A partir daí, é necessário, então, se conhecer melhor o Círio, para se investir mais nessa manifestação sacro-profana. Porém, é preciso tomar o cuidado para que esses investimentos não sejam dentro do velho padrão hegemônico de captar cada vez maiores lucros, mas que seja inserida a sociedade receptora dos lugares junto com o fluxo de turistas que se destinam para o Círio. É a partir daí que as políticas públicas de turismo no estado do Pará precisam não só valorizar o evento do Círio como elemento cultural, mas que apreenda o Círio de Nazaré como um vetor de desenvolvimento socioespacial e econômico para os lugares onde há a sua ocorrência seja qual for o santo padroeiro.

#### 4.2 - OS AGENTES DA GESTÃO: A IGREJA, O ESTADO E A SOCIEDADE CIVIL ORGANIZADA

Ao falarmos de gestão e de políticas públicas, passando pela gestão do território, buscaremos aqui identificar quem são os responsáveis em gerir ou gestar o espaço turístico que se produz e se reproduz para que o evento do Círio de Nazaré em Vigia aconteça.

A quem pertence a Gestão do Círio, enquanto evento religioso? E a quem pertence a gestão do Círio enquanto evento cultural e turístico? São dois questionamentos que podemos fazer ao separar o religioso do cultural/turístico, ou seja, o sagrado do profano, mas ao mesmo tempo podemos perceber que há uma interação nesses dois aspectos da gestão de ambos (sacro/profano) pois o turista

religioso que vem para o Círio com a intenção de pagar a promessa e visitar o sagrado dentro de um templo, pode também usufruir da cultura do lugar e não abrir mão de outras necessidades, entre elas de consumir outras coisas que não estejam ligadas necessariamente à fé (OLIVEIRA, 2004). Nesse sentido, é necessária uma gestão eficaz e integrada, tanto dos agentes da gestão ligados à Igreja, como do Estado e do mercado. Infelizmente a questão política impossibilita essa maior integração em muitos casos.

Mais uma vez, podemos perceber que o par dialético sagrado e profano passam a se complementar, mesmo que em algumas circunstâncias podem ser antagônicos, ora por parte da Igreja católica, que desaprova algumas das ações que ocorrem pelos que promovem eventos profanos no período da festividade do Círio em Vigia; ora por parte de quem promove os eventos profanos ignorando os ditames da Igreja no espaço que caracterizamos como turístico no/do Círio em Vigia.

Mas onde entra o Estado como agente da gestão dentro de um espaço que passa a ser objeto de disputa por diversos agentes que aparecem dentro desse espaço estabelecido como turístico? Sabemos que alguns desses agentes presentes na gestão do espaço turístico do Círio em Vigia não fazem parte da sua gestão como organizadores efetivos do espaço, mas como subalternos de uma gestão que se centraliza por agentes que possuem uma força ou poder maior sobre esse espaço. Estamos falando de quem decide e de quem deve obedecer dentro desse campo de forças.

Em capítulos anteriores, mostramos que a Igreja Católica fica responsável em gerir as ruas que ficam ladeadas à Igreja Madre de Deus onde se estabelece o arraial de Nazaré com a presença do Parque de Diversões, a barraca da festividade (ao ar livre) e as barracas de ambulantes do setor informal da economia com seus produtos diversos, desde alimentação, jogos e produtos industrializados.

Esse espaço é administrado pela Igreja e não pela prefeitura municipal, havendo nesse sentido, a conivência do Estado em repassar esse atributo para Igreja com intuito de contribuir para a sustentabilidade financeira da Igreja Católica que arrecada impostos pela ocupação do mesmo.

Em entrevista realizada com um dos coordenadores da diretoria do Círio por vários anos em Vigia, nos foi informado que a paróquia faz requerimento à Prefeitura Municipal de Vigia (PMV) para que a gestão desse espaço seja repassada para a

Igreja, cobrando os devidos tributos por quem ocupa ou aluga esse largo da Matriz, seja o parque de diversões ou os trabalhadores ambulantes do setor informal da economia que, em grande parte, são de fora do município. Alguns comerciantes informais quando entrevistados, reclamaram do preço do aluguel dos seus espaços que varia com o tamanho e o número de dias dentro da quinzena do Círio.

Com relação ao espaço turístico que é produzido pelo Círio o Arraial de Nazaré é um elemento que se enquadra nesse processo de turistificação do espaço e do próprio Círio como evento que tem a Igreja católica como seu legítimo agente de turistificação, embora a Igreja não reconheça isso de forma objetiva e consciente, pois sua intenção maior não é o turismo, mas criar lazer e entretenimento dentro da festividade dita religiosa. Nesse sentido, esse agente se apropria de elementos considerados profanos para sustentar seu alicerce religioso com os eventos musicais que acontecem num palco armado ao lado do templo religioso com as mesas e cadeiras da plateia que consome comidas e bebidas (não alcoólicas) em frente a esse palco com a ocorrência dos bingos (jogo de azar) e leilões, legitimados pela Igreja Católica (ver **foto 09**).

Temos aí uma territorialidade sacro/profana nessa parte do espaço turístico do Círio em Vigia onde a maior autoridade é desse agente, e não do Estado, mas esse último legitima oficialmente a territorialidade da Igreja Católica ao permitir através de portaria a proibição de venda de bebidas alcoólicas dentro do Arraial de Nazaré e nos seus arredores, como foi mostrado em capítulos anteriores. (ver **mapa 05**).

Com relação a essa proibição de venda de bebidas alcoólicas dentro e fora do arraial (ver anexo 01), houve uma grande polêmica a respeito dessa mudança que passou a prevalecer há apenas quatro anos atrás. Até 2008, na barraca da festividade que era num prédio dentro do largo da Igreja Matriz, era permitido o consumo de bebidas alcoólicas e essa venda rendia grandes dividendos para a coordenação das “noitadas de classes” (MAUÉS, 1995).

Uma das justificativas para proibir a venda e o consumo de bebidas alcoólicas nas festividades religiosas está relacionada à própria concepção ideológica da Igreja Católica que ressalta a incoerência da presença da bebida alcoólica em eventos da Igreja no município de Vigia, uma vez que essa doutrina cristã busca combater o alcoolismo como vício humano. Daí a justificativa em abolir a venda dessas bebidas

nas noitadas de classes na barraca da festividade no largo de Nazaré, gerida pela Diretoria do Círio, assim como nos arredores do arraial pelo comércio formal e informal.

Essas noitadas são atribuídas a uma classe da sociedade, como as diretorias do Círio assim colocam desde a década de 1970, como: das Senhoras, dos jovens, dos pescadores, das Escolas públicas, Escolas Privadas, dos empresários etc. Antes, a noitada mais movimentada e com grande fluxo de pessoas e consumo de bebidas alcoólicas, assim como a participação efetiva nos leilões, era dos pescadores que tinha na figura dos patrões e encarregados de pesca uma presença efetiva nessa noitada dedicada a essa classe do município de Vigia que está ligada ao sustentáculo de sua economia que é a pesca.

Ainda são comuns muitos barcos de pesca se encontrar em terra nesse período do Círio em Vigia. Porém essa noitada não é mais a mesma devido à proibição da venda da bebida alcoólica. Além disso, muitos pescadores, até pouco tempo atrás, faziam promessas à santa padroeira com intuito de possuírem uma boa pescaria, com a obtenção de muito peixe, além de desejarem ter suas vidas preservadas dos infortúnios do alto-mar. Para agradecerem a graça alcançada, era guardado uma parte do pescado oferecido à santa, nesse caso à paróquia de Vigia, para a noitada dos pescadores. Esse ritual se enfraqueceu tanto pela mudança do perfil das noitadas, como pela perda de muitos pescadores devotos que eram católicos e mudaram de credo religioso.

Muitos pescadores que faziam parte das suas noitadas específicas com a realização da missa anteriormente, se afastaram da barraca da festividade. Muitos reclamaram em entrevista que essas noitadas não são como as de antigamente em que eles poderiam ficar sentados junto com os patrões de pesca e alguns encarregados. Nas falas dos pescadores entrevistados podemos perceber um sentimento de repúdio à barraca ao ar livre, na atualidade. Os bares e prostíbulos que ficam na periferia do arraial de Nazaré, embora proibidos dentro do território estabelecido pela Igreja Católica, passam a ser os refúgios de muitos pescadores que apreciam a bebida alcoólica e outros tipos de diversão dentro da festividade do Círio de Nazaré em Vigia.

**Foto 08** – Barraca da Festividade – Antes e atualmente



Fonte: SANTOS, Raimundo N. 2012

Na acima há a presença do Prédio da barraca da festividade do Círio (ao fundo), de propriedade da paróquia de Vigia que foi desativada como o espaço dos eventos profanos geridos pela Diretoria do Círio. Na mesma foto há a presença das mesas e cadeiras ao ar livre no largo da Matriz ocupando um maior espaço que antes era usado por objetos do Parque de Diversões e por vendedores ambulantes. Atualmente, a barraca da festividade acontece, não dentro de um prédio, mas em uma praça (espaço aberto) com a presença do palco armado onde ocorrem apresentação de manifestações culturais não-religiosas (ver **foto 09**).

**Foto 09** – Palco armado ao lado da Igreja Matriz de Vigia



Fonte: SANTOS, Raimundo N. 2012

Essa mudança na gestão desse espaço considerado aqui como sacro/profano a partir dessas ações da Igreja Católica alterou algumas relações sociais que antes faziam parte da tradição dessa festividade. Retomando a entrevista com um dos proprietários de restaurantes que ficam dentro desse espaço da gestão da Igreja, nos foi informado que nos últimos anos a fiscalização da Igreja não é tão efetiva como nos primeiros anos quando passou a vigorar a portaria de proibição de venda de bebida alcoólica (ver anexo 01) dentro e nos arredores do arraial, porém a rigorosidade é maior dentro do largo de Nazaré, como nos informou o entrevistado:

Não funciona cem por cento porque várias ruas que estão neste documento possuem bares que vendem bebida com música aqui na bulevar Melo Palheta, e isso só ocorre a noite, pela parte do dia eu vendo aqui normal. Este ano não houve uma fiscalização rígida como nos últimos anos. (proprietário do Restaurante “Deus é Bom Pai, entrevistado em setembro de 2012).

Atualmente, o cliente que procura o restaurante para jantar com a família e solicita uma cerveja em lata, é atendido pelo proprietário que vende dentro do restaurante, embora a portaria não permita a compra, bem como o consumo dentro do largo da Igreja Matriz, pois os guardas de Nazaré, além de seguranças particulares estão para impedir pessoas que venham a circular com alguma espécie de bebida alcoólica, mesmo tendo comprado o produto em espaços fora do raio de ação estabelecido pela Igreja Católica. Essas atitudes dos guardas acabam por constranger muitos visitantes que desconhecem essa restrição estipulada pela Igreja Católica, via Diretoria do Círio.

Alguns turistas que estavam circulando no largo de Nazaré com lata de cerveja na mão ficaram constrangidos ao serem abordados de forma, não muito educada, pelos seguranças particulares, contratados pela diretoria do Círio. Alguns desses visitantes declaram em entrevista que acham isso um absurdo, pois os mesmos compraram o produto fora do largo de Nazaré e possuem o direito de consumir num local que é público. Outras pessoas que foram tolhidas circulando com bebidas alcoólicas eram do município e que também não sabiam da restrição. Assim como existem pessoas que aceitam de imediato a proibição e são convidadas a parar o consumo, outras pessoas se exaltam e contestam a medida restritiva justificando seu direito de ir e vir e consumir.

Esse espaço que estamos descrevendo e analisando aqui é o que podemos identificar como territorialidade, discutido anteriormente. Cabe à Igreja, enquanto agente, gestar e estabelecer suas ações e poder sobre o espaço para que haja o seu controle a partir de seus interesses ideológicos. Esse largo da Matriz ou Arraial de Nazaré se constitui em um espaço turistificado pelos que frequentam o mesmo sob a tutela da Igreja e não do Estado (poder municipal). A presença do parque, barracas de comidas, jogos e outros elementos fazem parte de uma infraestrutura do lazer e entretenimento do Círio legitimado por esse agente, disponível tanto para os moradores de Vigia como para os turistas que visitam a cidade nesse período.

Outro agente que faz parte da gestão do espaço turístico do Círio de Nazaré em Vigia é o próprio poder municipal com a Prefeitura e suas secretarias de governo. Há todos os anos uma participação efetiva do poder público com relação ao que chamamos de arrumação da cidade para o Círio. O estabelecimento de algumas obras nas vias públicas no itinerário do Círio e próximo do mesmo sofrem

alterações no sentido de melhorar a estética da paisagem com a pintura dos “meio-fios”, melhoramento do calçamento as margens das vias e uma limpeza geral. Isso gera divergência de opiniões nos moradores dos bairros periféricos que reclamam essas ações nos seus bairros, onde não acontecem efetivamente.

O poder público, então, age onde o Círio vai passar, reafirmando a existência de uma territorialidade sagrada por parte da força simbólica que a Igreja junto dos seus fieis legitimam com a convivência, aqui analisada, do Estado (poder municipal).

Os arcos do Círio, citados nos capítulos anteriores delimitam a territorialidade do Círio. Esses arcos em alguns anos anteriores eram instalados com a contribuição da prefeitura na sua produção, ultimamente a própria Igreja vem confeccionando, tendo as imagens e desenhos, dos mesmos, modificadas todos os anos, criados por artistas locais.

Mas o que a Igreja demanda da prefeitura em termos de infraestrutura é o apoio financeiro ao Círio, tema que já foi objeto de polêmica em anos anteriores, pois a Igreja reclama do tamanho dessa contribuição financeira por parte da prefeitura que seria irrisória se comparada ao que a mesma dispõe para o carnaval, evento este que teria uma conotação mais profana para o município, porém com outro aspecto turístico.

Acontece que o Governo do Estado do Pará através da SECULT pode, de forma legal, repassar verba pública para as secretarias municipais investirem no carnaval. Já essa tramitação não pode ocorrer com uma instituição religiosa recebendo dinheiro público, uma vez que o Estado é laico, a não ser através de leis de preservação do patrimônio cultural, como a lei que já está em vigor em Vigia, porém com pouca atenção.

A arquidiocese de Castanhal, a qual Vigia faz parte, anunciou há alguns anos, que poderia não ter Círio em Vigia se não houvesse recursos financeiros suficientes. Essa informação também dividiu a opinião dos moradores locais que disseram que ora ficariam reféns da decisão da Igreja, ora pegariam uma imagem de Nossa senhora de Nazaré e sairiam pelas ruas em procissão e não deixariam a tradição de séculos terminar por falta de apoio financeiro. A grande pergunta que se faz a partir disso é: O Círio é algo que faz parte da tradição da Igreja ou é um elemento constituinte de uma sociedade que pode também passar a gerir o seu funcionamento?

Até então, quem faz a gestão do Círio em sua maior parte é a Igreja, tanto legítima suas ações religiosas como sacro/profanas inserindo lazer e entretenimento no largo de Nazaré e organiza todo o cronograma de atividades ligadas às procissões durante os quinze dias de festividade. O poder municipal legítima essas ações da Igreja colaborando oficialmente para que elas aconteçam. O trânsito do município é mudado nos dias antes e durante o Círio para reforçar o seu acontecimento. Há a presença dos órgãos públicos ligados ao departamento de trânsito municipal nas vias públicas, legitimando a territorialidade sagrada.

As leis estaduais e municipais passam a ser discutidas com relação ao término das festas dançantes e a polícia militar, enquanto aparelho do Estado, possui o dever de fiscalizar isso de forma rigorosa a pedido da Igreja. Temos aí a interferência da Igreja no tempo de lazer no espaço turístico do Círio, porém, numa parte do espaço que é divergente com os interesses da mesma, pois são festas dançantes que atraem pessoas, em grande parte, descomprometidas com as intenções religiosas, embora tenha uma minoria que vai acompanhar ou só ver o Círio no domingo.

Os promotores de festas aqui identificados e analisados se constituem como os agentes da gestão desse espaço turístico que também fazem parte do mercado e da sociedade civil organizada, pois atualmente fazem parte de uma associação que surge pela necessidade de se inserirem numa gestão que estava ligada apenas à Igreja e à Prefeitura.

A Associação dos Promotores de Festas de Vigia atua não só na quinzena do Círio, mas durante o ano inteiro, principalmente, nos finais de semana e feriados com festas de aparelhagens ou, raramente, com bandas de diversos ritmos musicais (brega, forró, pagode, *reague* etc). Atualmente essa associação respeita o período da quaresma católica e não há festas após a “quarta-feira de cinzas” (após o carnaval no início de cada ano) até a “sexta-feira da paixão” (quarenta dias depois) só tendo festas no sábado de aleluia que antecede o domingo de páscoa. Embora não haja uma lei que proíba festas dançantes nesse período, os promotores de festas chegam num consenso de respeito aos valores cristãos do município de Vigia, pois em entrevista eles disseram que devem fazer uma pausa durante o ano. Porém, alguns deles criam festas fora dos limites do território vigiense, em outros municípios.

Esses agentes possuem um poder político e econômico no município, principalmente neste ano com a eleição de um dos membros da associação como vereador em Vigia. Foi essa associação que esteve presente em 2011 num momento crítico no município quando a Igreja Católica, através da criação de lei por ação popular teria a intenção de abolir as festas do segundo sábado de setembro que antecede a procissão principal. Na verdade, houve a intenção por parte da Igreja Católica, a partir desse projeto de lei, em abolir festas dançantes nas vésperas de todas as festividades religiosas do município de Vigia, principalmente no período do Círio em setembro.

O tema foi discutido na Câmara de vereadores e ficou exposto nos debates formais e informais dos vereadores que era inconstitucional proibir festas numa cidade que não é exclusivamente de um único credo religioso. Em entrevista, um dos promotores de festa declarou que “não é interessante ao município de Vigia parar essas festas no sábado, pois diminuiria a quantidade de pessoas que vem para a cidade e diminuiria o comércio e muitos iriam perder”. (*promotor de festa em Vigia, entrevistado em setembro de 2012*). O processo foi “engavetado” por causar muita polêmica na Câmara Municipal de Vereadores em Vigia, pois até então o tema não foi mais discutido no município.

Interessante ressaltar que a maioria desses promotores possui uma formação cristã e declararam que já ofereceram quantias em dinheiro para a Igreja investir no Círio a partir do lucro das festas, sendo que a Igreja aceitou em alguns anos e se recusou em outros, justificando a não aceitação, por ser dinheiro advindo da venda de bebidas alcoólicas. Essa informação é divergente por parte da Igreja Católica que declara que isso é uma inverdade, pois nunca aceitou dinheiro dessas festas.

Esses promotores de festas fazem parte da gestão do espaço turístico longe da ação direta da Igreja, pois organizam objetos e ações voltados ao entretenimento de visitantes que se destinam, principalmente, à sede do município de Vigia com a intenção de fazer parte da “festa do Círio”, seja ela profana ou sagrada.

Para atrair esse público que fica espalhado pela sede do município, os promotores de festas criam algumas estratégias como a denominação das festas “O baile dos romeiros” (ver **foto 10**). A palavra romeiro generaliza os que estão visitando a cidade e os convida ao lado profano da estrutura geral do Círio. Esta é mais uma forma do lado profano do Círio se apropriar do aspecto sagrado, pois o

romeiro é caracterizado como o peregrino que vai em busca do sagrado para que haja o dever cumprido (OLIVEIRA,2004).

**Foto 10** - Painel com divulgação de Festa dançante no Círio de Vigia-PA



Fonte: SIQUEIRA, João Paulo. 2012

Há quem diga que o Círio possui atualmente uma dimensão maior a partir do aspecto profano do que religioso. E talvez a tentativa da Igreja, há muito tempo, de abolir as festas dançantes nas vésperas da procissão principal pode se apresentar como um mecanismo de controle desse lado profano, passando a salvaguardar o seu lado religioso. Porém, essas tentativas de abolição das festas não encontrou muito êxito até então.

Faz parte dessa atmosfera da festividade uma grande quantidade de vendedores ambulantes que chegam ao município de Vigia para lucrar nesse período. No Círio de 2011 quando houve rumores do cancelamento das festas pela Igreja, diminuiu o número de trabalhadores ambulantes que reclamaram do fluxo menor de visitantes no Círio em função da dúvida que existiu a partir do impasse

envolvendo Câmara de vereadores, Associação dos Promotores de Festas e a Igreja que pretendia aprovar o projeto de lei municipal por ação popular para o término dessas festas.

Uma questão que surge nesse contexto é: Como seria o Círio de Vigia sem essas festas dançantes? Continuaría o mesmo fluxo de pessoas com as intenções de fazer turismo religioso, cultural ou outro tipo qualquer? Essa pergunta só seria possível responder se a Igreja conseguisse de fato o seu objetivo. Porém, a própria sociedade vigiense, em sua grande maioria, não aprova o término dessas festas agregadas à festividade do Círio, devido a diminuição de um comércio que cresce nesse período (como já foi mostrado anteriormente). Nesse sentido, os moradores locais se apresentam, junto com os comerciantes formais e informais como agentes de uma gestão do espaço, mesmo sendo negados dentro do centro de decisões (dentro da Igreja e do Estado), mas que opinam e reconhecem os rumos do município num eventual acontecimento que rompesse com a atual dinâmica estrutural que está aí por muito tempo.

Esses agentes, mesmo não sendo os centralizadores da gestão do espaço turístico do Círio de Nazaré em Vigia, possuem representatividades com a associação dos ambulantes do município, e contestam algumas decisões por parte dos outros agentes da gestão ligados à Igreja Católica e à Prefeitura com relação ao valor financeiro dos espaços ocupados pelo comércio informal no período do Círio, além de contestarem a respeito da infraestrutura que é estabelecida apenas no centro da cidade.

Os turistas que visitam Vigia e consomem esse espaço turístico, apresentado aqui, são responsáveis em dinamizar esse comércio que ganha essas devidas proporções durante esse período. Os turistas vão em busca de lazer e entretenimento produzidos pelo mercado, via promotores de festas que criam os seus mecanismos de atração desse fluxo populacional, ou via Igreja e Estado (poder municipal) que turistificam esse espaço com exposições sacras nos museus da cidade ou com a criação de shows culturais com bandas de ritmos populares no largo de Nazaré. O turista, a partir do seu tipo de perfil escolhe para onde o mesmo julga ser a melhor opção e nesse sentido ele contribui para a turistificação do espaço (FRATUCCI, 2008).

### 4.3 - CONVERGÊNCIA E DIVERGÊNCIA NA GESTÃO DO ESPAÇO TURÍSTICO DO CÍRIO DE NAZARÉ

Não há gestão despida de conflitos, mesmo que os conflitos variem em intensidade. Sempre irão existir tais conflitos em agrupamentos humanos por surgirem interesses distintos dentro dos grupos sociais, sejam esses interesses políticos, econômicos ou ideológicos. Em se tratando de Círio, enquanto evento que proporciona esses três elementos, a disputa de interesses dentro do evento vai inserir o espaço onde aquele se realiza.

Os agentes presentes na gestão tanto do Círio como do espaço onde ele acontece vão se desdobrar para fazerem prevalecer os seus interesses ou as suas intencionalidades, junto com aqueles que estão sob a gestão dos agentes que possuem o poder de decisão maior, legitimado jurídico e simbolicamente. Ao analisar a produção do espaço turístico e seus distintos agentes com interesses contrários, Medina (2012, p.39) ressalta que:

Por su parte, el materialismo histórico ha considerado el conflicto como elemento integrante y organizador de la sociedad, en el sentido de contribuir en el proceso de re-construcción de la sociedad. El conflicto no sólo no es dis-funcional, sino que es una dinámica esencial para la comprensión del fenómeno del turismo. El conflicto puede ser considerado como el antagonismo entre varios agentes con intereses contrarios, en cuanto a la posesión de **recursos** materiales y/o simbólicos, en el proceso de re-construcción del espacio turístico.

Ao entendermos e analisarmos como se dá a gestão do espaço turístico do Círio em Vigia percebemos que há uma desarticulação com as políticas públicas específicas da atividade cultural e turística no Estado do Pará, tanto na esfera estadual, como municipal. Essas esferas de governo não possuem ações integradas, pois há a falta de comunicação entre as secretarias. Isso se dá, em grande parte, por questões de cunho político-partidárias, onde os governos (estadual e municipal) possuem ideologias de condução dos seus governos de forma discrepante.

Na esfera municipal, partindo da diretoria do Círio em Vigia existe reuniões coordenadas pela Diretoria do Círio, envolvendo as várias comissões (De arraial, de *marketing*, de romarias etc) mais as autoridades municipais para discutirem a

organização do grande evento. Em algumas reuniões nos anos anteriores, a diretoria do Círio convocou os promotores das festas dançantes com o objetivo de dialogarem, uma vez que a possibilidade de extinguir tais festas, ainda está longe de acontecer devido a dinâmica existente no município de Vigia ligada a uma forte tradição, além da fomentação do comércio local. Vigia possui, enquanto lugar, elementos peculiares que fazem parte da sua configuração territorial, assim como outros lugares com suas devidas peculiaridades. Se foi fácil se extinguir as festas dançantes em outros Círios de outros lugares, em Vigia o mesmo ainda não aconteceu pela resistência de seus agentes ligados a essas festas destacadas aqui.

Ao entrevistarmos alguns promotores de festas, eles ressaltaram que a Igreja os chamou através de ofícios para tratarem do horário de funcionamento, principalmente do horário de término dessas festas foi criticado (pela Igreja) a grande quantidade de festas espalhadas pela cidade nas vésperas da procissão principal. Essas reuniões acabam por ser amistosas envolvendo a gestão do espaço (entendido aqui como turístico) que o Círio se apropria e transforma.

Não há dados oficiais do número de visitantes que chegam em Vigia no Círio, pois existem muitos vigienses que moram em outros municípios que se fazem presentes nesse período do Círio como visitantes da terra natal, o que leva alguns autores que trabalham com a geografia do turismo denominarem de *turismo de raiz*. (CORIOLANO, 2004). Alguns dados da Polícia Militar do Pará apontam para aproximadamente 100.000 (cem mil) pessoas que chegam na sede do município no período do Círio.

O poder público, através da Prefeitura Municipal em Vigia por não dispor de uma secretaria de Turismo e Cultura composta por pessoal capacitado, até o momento, se omite ou não faz parte de uma gestão mais efetiva dentro da festividade, a não ser pintando calçadas e meio-fio por onde as procissões passam. Até o repasse financeiro fica comprometido ano após ano, dependendo da convergência política entre Igreja e Prefeitura em determinados mandatos municipais, embora haja a lei de preservação do Círio como patrimônio cultural no âmbito municipal.

Quando tratamos da gestão desse evento que produz um espaço que é turistificado, passamos a entender como é difícil se estabelecer uma organização do evento e do espaço, onde ambos são institucionalizados, tanto por uma instituição

religiosa, como por outra legitimada enquanto Estado, e sem se falar dos mercados formal e informal que também possuem legitimidade e atuam nesse espaço.

A disputa por parcelas desse espaço turístico está impressa nas faixas das festas dançantes em lugares estratégicos onde são fixados os *outdoor* e faixas informando a data, local e atração da festa. Juntamente com isso há faixas de homenagens de empresas, de pessoas ligadas à vida pública, voltadas para a santa padroeira. Isso acaba dando um caráter de poluição visual nesse espaço. A paisagem passa, também, a ser apropriada e ganha uma feição ligada ao acontecimento do Círio.

O Círio representa um dos mecanismos de auto-afirmação desses agentes envolvidos na gestão para que se mantenha o poder político, econômico e ideológico dos mesmos. Porém, cabe ao poder público, junto com a Igreja e a sociedade de forma geral, discutirem os rumos desse evento cultural, religioso e turístico para que haja uma sustentabilidade do mesmo. Daí uma convergência na gestão dos que possuem interesses distintos na forma de atuar nesse espaço que é produzido e reproduzido durante o evento do Círio de Nazaré em Vigia.

Cabem às políticas públicas, (desintegradas e omissas analisadas aqui) gerir esses conflitos apresentados neste trabalho, pois o conflito ideológico se faz presente nessa gestão por se tratar de uma instituição religiosa que possui um grande controle sobre os seus agregados e, concomitantemente, se territorializa no espaço do município de Vigia.

Uma convergência na gestão poderá acarretar ganhos sociais, culturais e econômicos ao município de Vigia, possibilitando um desenvolvimento que não se inclua apenas o aspecto econômico, como sempre se propagou após a Segunda Guerra Mundial no mundo capitalista, mas um desenvolvimento que esteja imbuído de outros aspectos alternativos como nos mostra Brasileiro (2012, p. 83):

Novos modelos são criados e recriados, com o intuito de apresentar outros caminhos e propostas alternativas para promover a inclusão social, a valorização de bens culturais e ambientais, e o bem-estar econômico. A partir dessas novas leituras, a produção e a prosperidade econômica, que eram vistas como a essência do progresso, tornam-se meio para o desenvolvimento dos valores humanos.

É necessário que a comunidade local participe da gestão do espaço onde a mesma vive e se envolva dentro das etapas do ato de planejar, uma vez que será a comunidade que será influenciada pelas ações advindas da gestão do que se planejou. Para que o planejamento “represente efetivamente as ambições da comunidade de um dado destino, é necessário que esta esteja envolvida de forma ativa em todas as etapas do planejamento” (BURSZTYN, 2005, p.35).

O Círio em Vigia e no Estado do Pará pode se tornar um dos vetores para se alcançar tal desenvolvimento, se de fato ocorrerem políticas públicas integradas e articuladas realizando uma gestão que venham diminuir possíveis conflitos entre os agentes presentes no espaço. Caso o contrário a falta de planejamento e gestão eficazes dos espaços turísticos, onde ocorrem eventos culturais como o Círio de Nazaré, poderão ficar comprometidos a uma aventura, colocando a preservação de importantes patrimônios culturais aos desejos da sorte.

Com relação ao desenvolvimento, longe de ser apenas algo dentro do âmbito do crescimento econômico, Souza (2010, p. 60) deixa claro que é: “como uma mudança social positiva. O outro conteúdo dessa mudança, todavia, é tido como não devendo ser definido *a priori*, à revelia dos desejos e expectativas dos grupos sociais concretos, com seus valores culturais próprios e suas particularidades histórico-geográficas”

Nesse sentido, entender o Círio enquanto evento sacro/profano é entender o espaço onde o mesmo ocorre associado à sociedade formada por diversos agentes que fazem uso desse espaço, se territorializam e procuram gerir esse espaço, criando uma dinâmica que vai se metamorfoseando ao longo do tempo.

Em Vigia esse Círio contextualizado aqui atravessa os séculos (em 2012 ocorreu o Círio de número 315) como uma procissão que cresce, se expande e é apropriada pela atividade turística, enquanto atividade e prática socioespacial moderna que ganha uma grande visibilidade pelos agentes de mercado, do Estado e da própria sociedade envolvida, seja a receptora ou a externa aos lugares onde ocorrem os atrativos turísticos. No caso do Círio, percebemos uma diversidade de olhares turísticos, seja o religioso ou o cultural, assim como outros que surgem de acordo com o lugar.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O Círio de Nazaré no município de Vigia como foi enfatizado aqui, não é só uma procissão, mas uma manifestação, um evento aglutinador populacional capaz de transformar o espaço e a sociedade onde ocorre tal festividade não só religiosa, mas profana, diante da nova dinâmica que o mercado, a mídia, o Estado e a própria Igreja católica lhe impõe como foco de suas ações. Um recurso cultural e turístico do Estado do Pará imbricado na cultura e na religiosidade da região amazônica a partir de sua colonização portuguesa, assim o Círio se apresenta na atualidade.

Como um constructo socioespacial, o Círio em Vigia sofre transformações em sua dinâmica, organização e estrutura. Passa a ser uma totalidade (SANTOS,1996) dentro de uma totalização como enfatizamos nos primeiros capítulos. Esse evento que adquiriu acréscimos na sua forma e função ao longo do tempo, também se apropriou e transformou o espaço do município de Vigia, corroborando com territorialidades múltiplas envolvendo diversos agentes, identificados e analisados neste trabalho.

Como um constructo social ou uma totalidade, desde a década de 1980, o Círio fomenta o turismo, enquanto prática social, compartimentado em segmentos, cuja vertente chama a atenção o “turismo religioso” que, como foi apresentado, não se associa apenas ao ato de viajar com uma única intenção: religiosa, embora seja a principal. Porém, o lazer e o entretenimento fazem parte das atividades de muitos turistas religiosos que buscam o Círio de Nazaré em Vigia, pois o próprio almoço do Círio acaba sendo um evento-ritual dentro do Círio, um banquete diferenciado dos que ocorrem no cotidiano. O largo da Matriz, mais as festas de Aparelhagem, as exposições nos museus, o passeio pelas praças se constituem como alternativas de usufruir de um lazer e entretenimento que estão sendo ofertados no espaço turístico do Círio em Vigia, sejam privados ou públicos.

Esse espaço turistificado ligado ao evento do Círio por possuir interesses distintos sobre o mesmo é resultado de disputas em alguns momentos. Por isso, é objeto de tensão, como foi mostrado a respeito da presença do horário de funcionamento das festas dançantes ou a tentativa de proibição das mesmas pela Igreja Católica.

É perceptível a presença de um território sagrado legitimado pela Igreja e seus fieis. Um poder simbólico que se materializa no espaço com a convivência de outros poderes, entre eles o da prefeitura Municipal enquanto agente ligado ao

Estado, assim como a Delegacia Municipal de Polícia etc. A prefeitura ao disponibilizar a infraestrutura no espaço da cidade por onde o Círio acontece, bem como cedendo as ruas do arraial de Nazaré para a Igreja Católica gerir nesse período. Já a Delegacia de Polícia, enquanto parte da esfera estadual, concede através de portaria a proibição da venda e do consumo de bebidas alcoólicas no largo de Nazaré, embora não seja uma lei, esse documento, legitima a territorialidade simbólica da Igreja Católica que instaura o seu território sagrado.

A forma do espaço, seu aspecto físico ligado à paisagem toma outra conotação, pois além do aspecto visível do espaço que muda para o Círio, seu aspecto ligado aos odores em relação a gastronomia da região denunciam que é *tempo de Círio* pela presença do cheiro da maniçoba (comida típica do Pará feita com folhas moídas da macaxeira, mais carnes de animais) que faz parte da culinária regional onde Vigia se encontra, substituindo o feijão da *feijoada*, a maniçoba mantém os seus ingredientes. Como a maniva (folhas da macaxeira moída) deve ser cozida num intervalo de tempo de até sete dias, e esse tempo é necessário para se perceber na paisagem do lugar, através do seu odor, que o Círio está se aproximando.

Mas para compreendermos o Círio de Nazaré como um evento cultural, agora, dentro dos moldes de um turismo que cresce no Estado do Pará e em Vigia, foi necessário recorrer à geografia da religião, num primeiro momento, para analisar o Círio a partir de sua dimensão religiosa. Procuramos transitar por esse subcampo da geografia, entendendo sua dimensão socioespacial de transformação do espaço por práticas religiosas. Sem perder de vista o foco deste trabalho que sempre foi a gestão deste espaço turístico que o Círio proporciona com os seus agentes ligados a essa gestão com suas relações de poder verificadas no decorrer deste trabalho. Sendo que foram identificadas territorialidades sagradas e profanas ligadas aos agentes trabalhados aqui.

Essas territorialidades fazem parte de uma dinâmica socioespacial em que o território aparece enquanto categoria analítica de um espaço (outra categoria geográfica) em produção e reprodução. As espacialidades relacionadas ao itinerário das procissões e das festas estão articuladas com o fluxo de pessoas que estão presentes no município de Vigia no período do Círio. Assim, espaço e território

fazem parte de uma gestão que acontece sobre os mesmos e são condicionantes num processo dialético recorrente em Vigia no Círio de Nazaré

Em se falando de gestão, principalmente, dos recursos naturais e culturais na região Amazônica, podemos afirmar que ainda não é suficiente a forma como vem se dando essa ação humana sobre o que essa região possui, (em muitos casos, sendo equivocada – a gestão) tanto em relação ao seu patrimônio natural como sociocultural. É perceptível a falta de uma política pública eficaz para gerir tais recursos a fim de fomentar uma melhor qualidade de vida e sustentabilidade para a sociedade que vive na região e que depende dessa natureza e da cultura aqui peculiarizada através de um desenvolvimento que seja endógeno e não o contrário.

Muito do que se apresentou para a Amazônia e o Estado do Pará foram políticas públicas relacionadas a um desenvolvimento exógeno sem se preocupar com a presença das sociedades tradicionais com sua cultura e modos de vida, embora nos planos esse pensamento de sustentabilidade cultural e natural estivesse presente nas suas metas e diretrizes. Na prática, o abismo com a teoria se materializa quando a sociedade não é consultada a respeito desses programas e planos setoriais, principalmente voltados para o turismo.

No turismo, constituído como uma vertente de desenvolvimento no Brasil por diversos planos para esse setor, o que predominou até então foi uma visão economicista e mercadológica ligada ao aumento do PIB, desassociado do lado social, envolvendo as sociedades dos lugares. Essa visão econômica se afasta do modelo de desenvolvimento endógeno que muitos autores vêm trabalhando como contraposição ao desenvolvimento externo aos lugares.

Muitas políticas públicas de turismo ao serem executadas em sua gestão não contemplaram uma articulação com outros setores, envolvendo a sociedade dos lugares. No caso do Círio no Estado do Pará, tais políticas não conseguiram, até então, reforçar ou preservar esse evento cultural e religioso como um importante recurso, não só da Capital, Belém, mas de todos os municípios que possuem a sua ocorrência. O Círio de Vigia, enfatizado aqui, como o mais antigo do Estado do Pará, (embora Belém reclame esse direito) ainda está refém da sorte da convergência de interesses políticos, caso contrário não recebe incentivos para a sua infraestrutura básica para o “acontecer” desse evento.

Essa fragilidade de gestão faz com que esses recursos, citados aqui, não sejam de uma melhor forma, aproveitados; o turismo cultural ligado à religiosidade (turismo religioso) da região passa a ser um dos aspectos que precisam ser mais valorizados e aproveitados a fim de garantir o resgate e a permanência de manifestações culturais advindas dos primeiros habitantes da Amazônia, sejam eles os povos indígenas, os africanos e os colonizadores europeus. Então, o turismo religioso no Estado do Pará, como potencialidade, poderá estar associado ao culto de outros tipos de religiosidades ligadas às culturas de povos afro-brasileiros e de outras doutrinas cristãs, não ficando restrita ao catolicismo, onde o Círio faz parte como elemento peculiar.

Podemos afirmar que há a emergência de se estabelecer uma gestão coerente e eficaz do ponto de vista da equidade social e jurídica, onde quem faz a gestão do espaço turístico do Círio de Nazaré em Vigia precisa compreender o Círio a partir das suas duas dimensões apresentadas no corpo deste trabalho, tanto profana (turística voltada para o lazer e entretenimento) como sacra ou religiosa (função espiritual intrínseca à Igreja).

Os interesses divergentes e antagônicos dos vários agentes envolvidos na gestão desse espaço turístico voltado para o Círio em Vigia pode comprometer uma estrutura que vem se consolidando no estado do Pará como algo que ganha, cada vez mais, visibilidade por algumas políticas públicas de turismo que é o elemento cultural de determinados espaços. Nesse sentido, o Círio de Nazaré ganha notoriedade como elemento cultural reforçado como recurso turístico não só de Vigia, mas de vários municípios do estado do Pará onde há a ocorrência de “Círios” não só o de “Nazaré”, mas de outros santos padroeiros.

A presença de um espaço turístico voltado para o Círio de Nazaré em Vigia pressupõe o surgimento de territórios sagrados e profanos envolvidos numa gestão que corrobora com conflitualidades dentro de territorialidades distintas e que deve ser gerido por uma política governamental a fim de amenizar tais conflitos numa gestão integrada despida de divergências político-partidárias. Essa gestão integrada e eficaz, também se apresenta com a convergência de um pensamento único voltado para a sustentabilidade do bem cultural que é o Círio como um todo. As divergências ideológicas podem comprometer a dinâmica e a estrutura desse evento sacro/profano. Os interesses distintos dos agentes passa a ser um entrave para que o

desenvolvimento discutido aqui possa acontecer levando em consideração os anseios dos que vivem e consomem o espaço.

Nesse sentido, abolir as festas profanas que ocorrem no espaço turístico do Círio de Nazaré em Vigia seria um exemplo de ruptura que iria dar outra roupagem para esse evento que ocorre todos os anos nesse município.

Infelizmente o Círio de Nazaré é pouco apreendido como um elemento ou atrativo turístico no estado do Pará que deveria ser investido por políticas públicas. Pois os esforços existentes em preservar e investir no Círio de Nazaré no Estado do Pará ainda é uma medida tênue, uma vez que não existe de forma direta nos Planos de Governo ligados à políticas públicas, medidas, metas e ações teóricas que possam fomentar esse evento num recurso turístico que venha proporcionar um desenvolvimento socioespacial para as comunidades envolvidas e não o desenvolvimento econômico de um único setor ou para os interesses de poucos agentes ligados ao mercado. Embora os agentes da gestão se esforcem para fazer do Círio de Nazaré em Vigia um evento que pode trazer benefícios socioespaciais para o município a divergência entre os agentes citados aqui dificulta um melhor entendimento para a preservação, manutenção e execução de um evento que transforma o espaço e a sociedade onde o mesmo ocorre.

Dá-se uma atenção incipiente para a dimensão socioespacial que esse evento proporciona em termos de comércio e desenvolvimento socioespacial para os lugares e a região onde ele ocorre. Para isso, é necessário entender melhor esse fenômeno não só cultural, mas socioespacial e turístico que o Círio se transformou ao longo dos anos. Uma das prerrogativas deste trabalho foi justamente contribuir com subsídios teóricos e empíricos capazes de compreender melhor essa dinâmica para possíveis políticas públicas futuras de cunho governamentais que possibilitem o desenvolvimento local e regional, congregando vários elementos regionais, tendo o Círio de N. Senhora de Nazaré, ou de outros padroeiros, como prerrogativa que chama a atenção de vários agentes e que pode ser um dos vetores para fomentar tal desenvolvimento socioespacial, dirimindo conflitos e fomentando a qualidade de vida da população envolvida.

Assim, o Círio de Nossa Senhora de Nazaré não será encarado como apenas um evento sociocultural que ocorre em alguns municípios do Estado do Pará, mas poderá ser considerado como um bem cultural ou recurso turístico que precisa ser

melhor assistidos por políticas públicas para que haja uma melhor gestão dos espaços envolvidos junto com a sociedade. Em Vigia, esse evento que produz e reproduz o espaço, vem passando por várias transformações sociais, político e culturais de acordo com as ações dos agentes que estão responsáveis pela gestão desse espaço que se tornou turístico para atender milhares de pessoas que buscam o município no segundo domingo de setembro a cada ano. E falar em Vigia no estado do Pará, é lembrar esse seu evento chamado Círio de Nazaré em Homenagem a Maria, mãe de Jesus. Tradição católica trazida de Portugal para o Brasil colonial que na atualidade passa a ser um bem patrimonial nesse município, capaz de envolver a sua sociedade e dinamizar o seu espaço geográfico com os vários agentes envolvidos nesse espaço que necessita de uma gestão para fins religiosos, culturais, econômicos e turísticos.

## REFERÊNCIAS

ABUMANSUR, Edin S. (Org). **Turismo Religioso**: ensaios antropológicos sobre religião e turismo. Campinas: Papirus, 2003.

ALMEIDA, Maria Geralda. “**A produção do ser e do lugar turístico**”. In: SILVIA, José Borzacchiello et alii. *Panorama da geografia brasileira 1*. São Paulo: Annablume, 2006.

\_\_\_\_\_. **A geografia imaginária dos lugares turísticos** In *anais do XIII Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada*. Viçosa-MG: UFV, 2009

ALVES, Isidoro. **O carnaval Devoto**: um estudo sobre a festa de Nazaré em Belém. Petrópolis, 1980.

BARTHOLO, R, Sansolo D. G. e Bursztyn, Ivan. **Turismo de Base Comunitária**. São Paulo, Letra e Imagem, 2009.

BETENDORF, João Felipe. **Chronica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão**. Revista do IHGB, tomo LXXII, parte I (1909). Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1910.

BECKER, Bertha. **Políticas e Planejamento do Turismo no Brasil**. Disponível em <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/ojs/viewarticle.php?id=3>>.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BRASILEIRO, Maria Dilma Simões et ali. **Turismo, cultura e desenvolvimento**. Campina Grande: EDUEPB, 2012.

BURSZTYN, Ivan. **Políticas públicas de turismo visando a inclusão social** [Rio de Janeiro] 2005 VII, 110 p. 29,7 cm (COPPE/UFRRJ, M.Sc., Engenharia de Produção, 2005) Tese – Universidade Federal do Rio de Janeiro, COPPE

COELHO, M. C. **Natureza e discurso turístico na Amazônia**. In. Revista Território, ano III, n. 5, jun-dez, 1998, p. 66-84.

COELHO, Geraldo Mártires. **Uma Crônica do Maravilhoso**: legenda, tempo e memória no culto de Nossa Senhora de Nazaré – Belém: Imprensa Oficial do Estado, 1998. 170 p.

CORDEIRO, Paulo. **As irmandades religiosas do município de Vigia**., Sociedade Cinco de Agosto. Vigia-Pa. Mimeo: 2009

CORIOLANO, L. M. **Turismo, territórios e sujeitos nos discursos e práticas políticas**. Tese de doutorado apresentada ao Núcleo de Pós-graduação em Geografia da Universidade de Sergipe, 2004.

CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny. **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand: Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. **A territorialidade da igreja católica no Brasil – 1800 e 1930.** Textos 1 Rio de Janeiro, UERJ/ NEPEC, 2003.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço: um conceito-chave da Geografia.** In: Iná Elias de Castro et alli (orgs): Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 2005 [1995]. Pp. 15 – 47.

COSTA,. 2003. “**Festa na Cidade:** o circuito bregueiro de Belém do Pará”. *Tomo nº 6:* 107-136. São Cristóvão-SE: NPPCS/UFS.

CRUZ, Rita. **Introdução à Geografia do Turismo.** São Paulo: Roca, 2003.

\_\_\_\_\_. *Política de turismo e território.* São Paulo, Contexto, 2000.

\_\_\_\_\_. **Políticas públicas de turismo no Brasil:** território usado, território negligenciado. In: X Encontro de Geógrafos da América Latina, 2005, São Paulo. Livro de Resumos do X EGAL, 2005. v. 1. p. 112-112 **19**

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano.** Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1992.

FIGUEIREDO, Silvio Lima (org). **Círio de Nazaré, festa e paixão.** Belém: EDUFPA, 2005.

ESPÍRITO SANTO, Álvaro Negrão do. **Regionalização e gestão no espaço turístico:** o processo de roteirização e de gestão participativa do Pólo Marajó, Pará. 2007. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia , Centro \de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2007

FIGUEIREDO, Luis Lima (org). **Turismo, lazer e Planejamento Urbano e Regional.** Belém: NAEA,2008.

FRATUCCI, Aguinaldo César. **A Dimensão Espacial nas Políticas Públicas Brasileiras de Turismo:** as possibilidades das redes regionais de turismo. Tese (doutorado em geografia). Niterói: UFF, 2008.

GASKELL, G. **Entrevistas individuais e grupais.** In: BAUER, M. W. GASKELL, G. Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som. Petrópolis: Vozes, 2008.

HASBAERT, R. **O mito da desterritorialização.** *Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade* (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004).

JUNIOR, Roberto Sete Azevedo & Silva, Renato Cândido. **Os Conceitos de “Gestão” na Revista Brasileira de Geografia entre 1980 e 2005.** Revista de Geopolítica, Ponta Grossa - PR, v. 2, nº 1, p. 129 – 136, jan./jun. 2011.

LEFEBVRE, Henri. **The Production of Space.** Oxford: Wiley-Blackwell, 1992.

\_\_\_\_\_. **A Vida Cotidiana no Mundo Moderno.** São Paulo: Ática, 1991.

\_\_\_\_\_. **O direito à cidade.** São Paulo: Ed. Moraes, 1991.

KNAFOU, Remy. **L’invention du lieu touristique:** la passation d’um contrat et lê

surgissement simultané d'un nouveau territoire. *Revue de Géographie Alpine*, n. 4. 1991.

\_\_\_\_\_. Turismo e Território. **Para uma enfoque científico do turismo**. In: RODRIGUES, Adyr (Org.). *Turismo e Geografia: Reflexões Teóricas e Enfoques Regionais*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico**. Belém: Cejup, 1995.

\_\_\_\_\_. **Uma outra "invenção" da Amazônia: religiões, histórias, identidades**. Belém, Cejup, 1999.

MAY, Tim. **Pesquisa Social: Questões, métodos e processos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MEDINA, Julio César C. **Re-construcción de la cultura y del espacio turístico in: BRASILEIRO, Maria Dilma Simões et al.** *Turismo, cultura e desenvolvimento*. – Campina Grande: EDUEPB, 2012. p. 21- 48

OLIVEIRA, Chistian Denis M. de. **Turismo religioso**. São Paulo: Aleph, 2004. – (Coleção ABC do turismo).

\_\_\_\_\_. **TURISMO, MONUMENTALIDADE E GESTÃO**, Escalas e dimensões da Visitação Religiosa contemporânea In: ABUMANSUR, Edin S. (Org). *Turismo Religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo*. Campinas: Papyrus, 2003.

PANTOJA, Vanda. **A Praça pública e a festa sagrada: manifestações culturais e territorialidades móveis no Círio de Nazaré em Belém-Pa**. Monografia de conclusão de curso, Departamento de Geografia, Universidade Federal do Pará, 2004a, mimeo.

\_\_\_\_\_. **Negócios sagrados: reciprocidade e mercado no Círio de Nazaré**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2006.

PARÁ. Governo do Estado. **Plano de desenvolvimento do turismo do Estado do Pará (PDT-PA)**. Belém: Companhia Paraense de Turismo - PARATUR; THR-Assessoria em Turismo Hotelaria e Recreação, 2001.

RAIOL, Domingos Antônio. **Motins Políticos ou História dos Principais Acontecimentos Políticos na Província do Pará desde o ano de 1821 até 1835**. Vol. I. Rio de Janeiro: Typ. do Imperial Instituto Artistico, 1865.

RAFFESTIN, C. 1993 (1980) **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo : Ática.

RODRIGUES, Adyr A.B. (org). **Turismo e geografia – reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

\_\_\_\_\_. (Org). **Turismo e ambiente**. Reflexões e propostas. São Paulo: Hucitec, 1997 (Geografia: teoria e realidade 41)

\_\_\_\_\_. (Org.) **Ecoturismo no Brasil: possibilidades e limites**. São Paulo: Contexto, 2003.

ROCHA, Genylton O. R. da. **Ecoturismo na Amazônia: uma análise das políticas públicas planejadas pela SUDAM**. in: RODRIGUES, Adyr B. (org). Turismo e ambiente: reflexões e propostas. São Paulo: Hucitec, 1997, p.161-177.

ROSENDAHL, Zeny. "**Espaço, cultura e religião: dimensões de análise**". In. CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny. Introdução à geografia cultural. Rio de Janeiro: Bertrand: Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: UERJ/NEPEC, 1996.

\_\_\_\_\_. **Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião**. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo

SANTOS. Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo, HUCITEC:1988.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SERRA, Hugo Rogério Hage. **A Concepção de turismo e de sua espacialidade no Plano de Desenvolvimento de Turismo do Pará (PDT-PA)**. 2007. 162 f . Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia , Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.

SILVA, Alex S. da & FILHO, Sylvio F. Gil. **Geografia da Religião a Partir das Formas Simbólicas em Ernst Cassirer: Um Estudo da Igreja Internacional da Graça de Deus no Brasil**. Revista de Estudos da Religião junho / 2009 / pp. 73-91

SIQUEIRA, João Paulo. **Políticas Públicas de Turismo e gestão do território no município de Vigia**. FGC-UFPA (Trabalho de Conclusão de Curso): 2003

\_\_\_\_\_. **Políticas Públicas de Turismo e gestão do Território no município de Vigia: O caso do Círio de Nazaré**. In ANAIS do IX ENANPEGE, Goiânia-GO, UFGO: 2011.

\_\_\_\_\_. **Vigiando a Cidade: Um olhar contemporâneo sobre a sociedade e o espaço do município de Vigia-PA**. Vigia: 2009.

SOEIRO, José Ildone Favacho. **Noções de História da Vigia**. Belém: CEJUP, 1991.

SOJA, Edward W. **Geografias Pós-Modernas, A reafirmação do espaço na teoria crítica**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993

SOUZA, Marcelo José. **O Território**: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias (ET Alli) (org.). *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro, Bertrand, 1995, p. 77-116.

\_\_\_\_\_. **Como pode o turismo contribuir para o desenvolvimento local?** In: RODRIGUES, A. B. (org.). **Turismo e Desenvolvimento Local**. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 17-22.

\_\_\_\_\_. **Mudar a cidade**: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanas. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

TRINDADE JR., S. C; TAVARES, M. G. (Orgs.) **Cidades ribeirinhas na Amazônia**: mudanças e permanências. Belém: EDUFPA, 2008.

## **ANEXOS**

**Anexo 1- Portaria de proibição da venda e consumo de bebidas  
alcoólicas no espaço delimitado pela Igreja Católica no período do  
Círio de Nazaré em Vigia.**



GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ  
SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DA ZONA DO SALGADO  
DELEGACIA DE POLÍCIA CIVIL DE VIGIA DE NAZARÉ



**PORTARIA**

O Delegado de Polícia Civil, *Bel. Cláudio Fonseca e Gomes*, lotado nesta Delegacia de Vigia de Nazaré, no uso de suas atribuições legais, etc.

*CONSIDERANDO a solicitação da diretoria do Círio de Nazaré 315 de Vigia de Nazaré, para que não haja comercialização e uso de bebidas alcoólicas na área destinada ao arraial, no perímetro, Travessa Solimões entre a Rua das Flores e Rua Boulevard Melo Palheta; Rua Noêmia Belém entre Generalíssimo Deodoro e Rua Pe. José da Souza e Rua Nazaré entre Generalíssimo Deodoro e Rua Pe. José de Souza;*

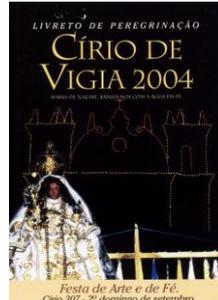
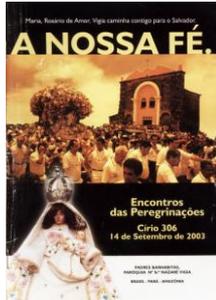
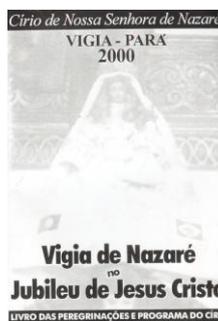
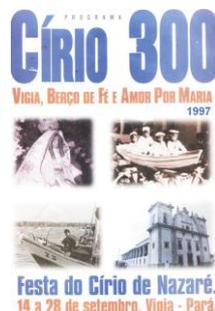
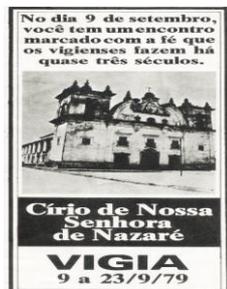
*RESOLVE proibir terminantemente o uso e a venda de bebidas alcoólicas na área acima descrita, destinada aos eventos do Arraial do Círio de Vigia de Nazaré, no período de 07/09/2012 a 24/09/2012.*

*Cumpra-se*

*Vigia de Nazaré, 22 de agosto de 2012*

  
**Cláudio Fonseca e Gomes**  
 Delegado de Polícia de Vigia

## Anexo 2 – Cartazes do Círio de Vigia



# **APÊNDICE**

## **ROTEIROS DAS ENTREVISTAS**



**Universidade Federal do Pará  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Geografia  
Curso de Mestrado em Geografia**

**Título do trabalho:** A GESTÃO DO ESPAÇO TURÍSTICO DO CÍRIO DE NAZARÉ NO MUNICÍPIO DE VIGIA-PA.

**Discente:** João Paulo Siqueira dos Santos

**Roteiro de Entrevista 1**

**Agente:** Órgãos Públicos do Setor da Cultura e Turismo (PARATUR, IPHAN/PA. SECRETARIA DE CULTURA E TURISMO DO MUNICÍPIO DE VIGIA)

- Existe algum Plano ou projeto específico que contemple o Círio de Vigia como um recurso cultural e turístico no município de Vigia?  
(Se existe, Qual é? Como ele está estruturado?)
- Que ações já foram realizadas a partir dessa instituição que viesse contribuir com o Círio de Vigia?
- Existe algum fundo financeiro voltado especificamente para o Círio de Vigia?
- Há alguma parceria com outros órgãos de governo voltada para o Círio de Nazaré Vigia?
- Há parceria com o setor privado para a execução do Círio de Nazaré em Vigia?
- Existem reuniões que congregue várias entidades interessadas no Círio de Vigia? Quais os objetivos dessas reuniões? Essa entidade comparece? Qual o seu posicionamento?
- Há a intenção de promover o Círio de Vigia como um recurso turístico? Que ações são feitas nesse sentido?



**Universidade Federal do Pará  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Geografia  
Curso de Mestrado em Geografia**

**Título do trabalho:** A GESTÃO DO ESPAÇO TURÍSTICO DO CÍRIO DE NAZARÉ NO MUNICÍPIO DE VIGIA-PA

**Discente:** João Paulo Siqueira dos Santos

**Roteiro de Entrevista 2**

**Agente:** Diretoria do Círio de Vigia

- Existe algum Plano ou projeto específico que contemple o Círio de Vigia como um recurso cultural e turístico no município de Vigia?  
(Se existe, Qual é? Como ele está estruturado?)
- Que ações já foram realizadas a partir dessa instituição que viesse contribuir com o desenvolvimento do Círio de Vigia a partir da atividade turística?
- Existe algum fundo financeiro que o Círio de Vigia recebe dos órgãos de governo? É aplicando em que, especificamente?
- Há alguma parceria com outros órgãos de governo, em outros sentidos, voltada para o Círio de Nazaré em Vigia?
- Há parceria com o setor privado para a execução do Círio de Nazaré em Vigia?
- Existem reuniões que congregue várias entidades interessadas no Círio de Vigia?  
Quais os objetivos dessas reuniões?
- Há a intenção de promover o Círio de Vigia como um recurso turístico? Que ações são feitas nesse sentido?
- Qual o posicionamento desta diretoria com relação as festas dançantes no sábado que antecede a procissão principal do domingo.



**Universidade Federal do Pará  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Geografia  
Curso de Mestrado em Geografia**

**Título do trabalho:** A GESTÃO DO ESPAÇO TURÍSTICO DO CÍRIO DE NAZARÉ NO MUNICÍPIO DE VIGIA-PA.

**Discente:** João Paulo Siqueira dos Santos

**Roteiro de Entrevista 3**

**Agente:** Associação dos Promotores de Festas de Vigia

- Existe algum Plano ou projeto específico que contemple o Círio de Vigia como um recurso cultural e turístico no município de Vigia?  
(Se existe, Qual é? Como ele está estruturado?)
- Que ações já foram realizadas a partir dessa instituição que viesse contribuir com o Círio de Vigia?
- Existe algum fundo financeiro voltado especificamente para o Círio de Vigia?
- Há alguma parceria com outros órgão de governo voltada para as festas que acontecem no período do Círio de Nazaré em Vigia?
- Há parceria com o setor privado para a execução dessas festas em Vigia no período do Círio?
- Existem reuniões que congregue várias entidades interessadas no Círio de Vigia? Quais os objetivos dessas reuniões? Essa entidade comparece? Qual o seu posicionamento?
- Há a intenção de promover o Círio de Vigia como um recurso turístico? Que ações são feitas nesse sentido?
- Esta entidade está respeitando o posicionamento da Igreja católica promotora da parte sacra do Círio com relação às festas dançantes?
- Há divergência entre essa entidade e a Diretoria do Círio? Por que?
- Há algum repasse financeiro para a diretoria do Círio em função dessas festas se apropriarem do evento "Círio" de Vigia?



**Universidade Federal do Pará  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Geografia  
Curso de Mestrado em Geografia**

**Título do trabalho:** A GESTÃO DO ESPAÇO TURÍSTICO DO CÍRIO DE NAZARÉ NO MUNICÍPIO DE VIGIA-PA.

**Discente:** João Paulo Siqueira dos Santos

**Roteiro de Entrevista 4**

**Agente:** turistas/romeiros/outros visitantes

- Há quanto tempo você participa do círio de Vigia?
- Qual a sua finalidade em vir para o círio de Nazaré em Vigia?
- Quanto tempo você fica em Vigia nesse período?
- O que lhe atrai na festividade do Círio de Nazaré em Vigia?
- Como você analisa a infraestrutura receptiva da cidade relacionada à alimentação, hospitalidade, transportes etc.



**Universidade Federal do Pará  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Geografia  
Curso de Mestrado em Geografia**

**Título do trabalho:** A GESTÃO DO ESPAÇO TURÍSTICO DO CÍRIO DE NAZARÉ NO MUNICÍPIO DE VIGIA-PA.

**Discente:** João Paulo Siqueira dos Santos

**Roteiro de Entrevista 5**

**Agente:** vendedores ambulantes (mercado informal)

**Tipo de venda:** mercadoria \_\_\_\_\_

- Há quanto tempo você participa do círio de Vigia?
- Qual o valor pago por esse ponto comercial?
- Quem faz a cobrança desse espaço?
- Quanto tempo você fica em Vigia nesse período?
- O que lhe atrai na festividade do Círio de Nazaré em Vigia?
- Como você analisa a infraestrutura receptiva da cidade relacionada à alimentação, hospitalidade, transportes etc.?
- Onde você fica hospedado na sua permanência nesse período?